

# **VILA MIMOSA**

**etnografia  
da cidade  
cenográfica  
da prostituição  
carioca**



Soraya Silveira Simões

# VILA MIMOSA

**etnografia  
da cidade  
cenográfica  
da prostituição  
carioca**



Editora da UFF

Editora da Universidade Federal Fluminense  
Niterói, 2010

Copyright © 2010 by Soraya Silveira Simões  
Direitos desta edição reservados à EdUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense -  
Rua Miguel de Frias, 9 - anexo - sobreloja - Icaraí - CEP 24220-900 - Niterói, RJ  
- Brasil -Tel.: (21) 2629-5287 - Fax: (21) 2629- 5288 - http://www.editora.uff.br -  
E-mail: secretaria@editora.uff.br

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

*Normalização:* Danúzia da Rocha de Paula

*Edição de texto:* Sônia Peçanha

*Revisão:* Tatiane de Andrade Braga

*Capa:* Ana Paula Campos

*Foto capa:* Olivia Gay

*Projeto gráfico:* José Luiz Stalleiken Martins

*Editoração eletrônica:* Marcos Antonio de Jesus

*Ilustrações:* Lasar Segall (cedidas pelo Museu Lasar Segall)

*Fotografias:* Soraya Silveira Simões, Olivia Gay e Gianne Carvalho

*Supervisão gráfica:* Káthia M. P. Macedo

#### **Dados Internacionais de Catalogação-na-Fonte - CIP**

S593 Simões, Soraya Silveira  
Vila Mimosas: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca /  
Soraya Silveira Simões – Niterói: EdUFF, 2010.  
178 p.; 23 cm. — (Coleção Biblioteca EdUFF, 2004)  
Bibliografia. p. 173  
ISBN 978-85-228-0524-2  
1. Etnografia. 2. Prostituição. I. Título. II. Série.

CDD 306

#### **UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

*Reitor:* Roberto de Souza Salles

*Vice-Reitor:* Emmanuel Paiva de Andrade

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:* Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

*Diretor da EdUFF:* Mauro Romero Leal Passos

*Diretor da Divisão de Editoração e Produção:* Ricardo Borges

*Diretora da Divisão de Desenvolvimento e Mercado:* Luciene Pereira de Moraes

*Assessora de Comunicação e Eventos:* Ana Paula Campos

#### *Comissão Editorial*

*Presidente:* Mauro Romero Leal Passos

Ana Maria Martensen Roland Kaleff

Gizlene Neder

Heraldo Silva da Costa Mattos

Humberto Fernandes Machado

Juarez Duayer

Livia Reis

Luiz Sérgio de Oliveira

Marco Antonio Sloboda Cortez

Renato de Souza Bravo

Silvia Maria Baeta Cavalcanti

Tania de Vasconcellos

Editora filiada à  
  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

  
Editora da UFF

# SUMÁRIO

## **PREFÁCIO, 11**

## **PRÓLOGO, 25**

## **INTRODUÇÃO, 29**

1. O campo e os capítulos, 30
  - 1.2 *Últimas palavras iniciais, 37*

## **CAPÍTULO I**

1. A escolha do “outro”, 40
  - O Manguê, 43
  - A Vila Mimosa, 54
    - 1.1 *“O Manguê resiste”, 56*
2. Justificando o recomeço, 65
  - 2.1 *O estabelecimento dos outsiders, 68*

## **CAPÍTULO II**

1. O lugar, 77
2. “Casa”: organização social da unidade estruturante, 81
  - 2.1 *Primeiras incursões, 84*
  - 2.2 *A casa de Fausto, 91*
  - 2.3 *A casa de Dalva, 95*
  - 2.4 *A casa de Mil e Uma Noites, 102*
3. “Donos de casa”: transformações nas relações de poder, 107
  - 3.1 *A escola do Manguê: tradição como controle social, 109*
  - 3.2 *O novo conceito de “zona”: tradição como atrativo turístico, 112*
4. “Deixamos de ser zona, somos Vila Mimosa”:  
Procedimentos de limpeza do estigma, 118
  - 4.1 *Site, 119*
  - 4.2 *Ambulatório médico, 122*
  - 4.3 *I Gatinha mimosa, 126*
  - 4.4 *Campanhas políticas, 131*

## **CAPÍTULO III**

### 1. A opção da prostituta pela Vila Mimosa, 139

*1.1 Motivos de entrada, 144*

*1.2 Motivos de saída, 147*

*1.2 Formas de arregimentação, 149*

### 2. Chegando ao trabalho, 151

*2.1 Temporalidades, 153*

### 3. Representações, 156

*3.1 A prostituta, 157*

*3.1.1 Para os clientes, 159*

*3.1.2 Por elas mesmas, 163*

## **EPÍLOGO, 171**

## **REFERÊNCIAS, 172**

## AGRADECIMENTOS

O conhecimento é uma espécie de viagem sem destino e sem volta. É antes um caminho, que por muitas razões entrevemos e por algumas poucas decidimos trilhar. Da angústia ao método, há um longo percurso que se faz sem certezas. É quando o etnógrafo se embrenha nas plagas ainda não exploradas, não decodificadas, da imensidão do seu campo. Por isso o trabalho dito “de campo”, sua lavoura. Deve, pois, preparar-se para estar disponível, deixar a observação flutuar nos fragmentos, nos ruídos que montam e desmontam os sentidos da vida das gentes, e munir-se de uma única convicção, talvez até de uma *fé*: a de que terá, ao final, encontrado – ou dado – algum novo sentido a esse seu ramo de ouro.

Pois é só no fim da viagem que se vê o modo como o caminho foi percorrido. Nessa trajetória, reconheço a chance de ter tido como orientador de minhas pesquisas o antropólogo Marco Antonio da Silva Mello. Um *chef d’orchestre* que soube conduzir todos os seus variados andamentos.

E foram esta sorte e a confiança que me levaram ao primeiro passo: o trabalho de campo. A partir daí, pouco a pouco, muitas outras personagens entraram em cena. Era o início de mais uma jornada. Esta, contudo, terminantemente decidida: eu seguiria três anos “na pista”. Depois, toda essa experiência seguiria comigo por outros caminhos da vida.

Importante dizer àqueles que sopraram as velas desse barco a minha profunda gratidão. São eles:

Paulo Thiago de Mello, amigo com quem há muito partilho o apreço pelo jornalismo, pela fotografia, pela antropologia e pela boa música. Foi quem deu o primeiro sopro.

O professor Ari de Abreu (PPGCP/ICHF-UFF) veio logo em seguida, com todo o seu natural entusiasmo, oferecer estímulo ao meu primeiro exercício etnográfico.

Felipe Berocan Veiga, Patrícia Brandão Couto, Carlos Eduardo Medawar, Márcia Corner, Patrícia Pavesi, Geovana Tabachi, Kátia Cristina, Mário Miranda, Marcelo Boschi, Edison Vieira Pinheiro e Sandoval. Colegas de turma e de época que naturalmente me tiravam da liminaridade em que às vezes me encontrava, solta nos mares altos da pesquisa de campo e dos sentimentos daí derivados. Com eles eu

me situava: éramos todos participantes de uma mesma “experiência dramatúrgica”. Hoje, muitos são professores e colegas no Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS-UFRJ).

Os professores Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (PPGA/ICHF-UFF) e Neiva Vieira da Cunha (IH-UCAM), junto com o professor Ari de Abreu, fizeram a primeira leitura do texto e acompanharam com constância a trajetória da pesquisa. E os professores Laura Graziela Gomes, Tânia Stolze Lima, Simoni Lahud Guedes, Delma Pessanha e Eliane Cantarino O’Dwyer (PPGA/ICHF-UFF), Luis Roberto Cardoso de Oliveira (UnB), Gerônimo Leitão (EAU-UFF), Arno Vogel (UENF), Michel Misse (IFCS-UFRJ), Sofia Tiscornia (UBA – Argentina), Daniel dos Santos (Département de Criminologie – Universidade de Ottawa), Catherine Reginensi (École d’Architecture Toulouse-Le Mirail), Daniel Cefai e Pedro Garcia Sanchez (Département de Sociologie – Paris X-Nanterre), em momentos distintos, ofereceram todos excelentes observações e oportunidades inestimáveis para discutir este trabalho, antes e depois de sua realização.

O professor Isaac Joseph (*in memorian*), da Universidade de Paris X-Nanterre, e Carole Saturno estiveram comigo, em 2001, em uma visita à Vila Mimosa. Depois desse dia, um diálogo carinhoso e estimulante veio dar novo ritmo aos meus passos.

Graça e Inês, secretárias do antigo PPGACP/ICHF-UFF, sempre tão gentis e eficientes.

Maria Izabel Tostes, do Instituto Pereira Passos, foi extremamente cordial ao me apresentar a Jimmy – engenheiro da RioUrbe e um dos responsáveis pela execução do Projeto Teleporto – que, por sua vez, colocou à minha inteira disposição fotografias e todos os relatórios feitos pelos técnicos durante as obras de remodelação da Cidade Nova, ocasião em que a Vila Mimosa foi demolida.

Jussara Freire e Letícia de Luna Freire são duas parceiras que tive a sorte de descobrir *au fil du temps*.

O etnógrafo, professor e escritor Hélio R.S. Silva contribuiu de muitos modos. Inicialmente, através de seus livros, obras-primas da etnografia urbana brasileira, e, num segundo momento, nas conversas que tivemos a oportunidade de alimentar pessoalmente, desde a defesa de minha tese de doutorado, em janeiro de 2008, e por e-mail, durante o meu pós-doutorado, visando dar prosseguimento aos trabalhos no âmbito do nosso Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS-UFRJ).



O amigo e fotógrafo Alcyr Cavalcanti, cujo *régard* admiro, recuperou alguns relances capturados por suas lentes no velho Mangue. As fotografas Gianne Carvalho e Olivia Gay colaboraram de modo inestimável, concedendo o uso de algumas de suas fotografias para a publicação deste trabalho.

O Museu Lasar Segall gentilmente cedeu os diapositivos de obras da série Mangue, feitas pelo artista no final dos anos 1920, antes de um de seus retornos à Europa, e tornadas públicas em álbum de 1943, no qual as obras vieram acompanhadas dos textos de Jorge de Lima, Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

A Capes ofereceu apoio fundamental a esta bolsista.

Os professores Dominique Duprez, Lícia Valladares e Jacques Lemière, do CLERSÉ/Université de Lille 1, e Ana Maria Melo, amiga e pesquisadora com quem trabalhei durante a pesquisa de campo em Lille Sud, ofereceram condições excepcionais de trabalho, na ocasião do meu pós-doutorado, e a amizade necessária para o bom andamento da vida. Graças ao luxuoso auxílio, a revisão do presente texto – “*il faut toujours relire*”, diria Marcel Mauss – se fez em ambiente propício para que eu pudesse usufruir com tranquilidade dos benefícios da segunda leitura.

Gabriela Silva Leite merece todo o meu reconhecimento pelo seu notório projeto de vida e aguda inteligência sociológica. Figura central do movimento de prostitutas no Brasil e no cenário mundial, foi com ela que desenrolei longas, instigantes e esclarecedoras conversas acerca do *métier* mas também da política, da polícia, dos desejos e da família. Agradeço também a todas as pessoas que me ensinaram tudo o que sei sobre “a Vila” em especial Ana Maria Ferreira, Pedro Valério, Mascote, Alexandre, Graça, Cleide, Andréa, Andréia, seu Armando, Luisinho Toblou, Manoel, Marise e, finalmente, Tácito, que me deu a chave de grande parte dessa compreensão.

Erickson Luna (*in memoriam*) me ofereceu a poesia. E Carlos Lyra, a música e as correções iniciais.

Finalmente os de casa, da porta e da rua, sem os quais o mundo da academia seria absolutamente desprovido de sentido. A estes eu agradeço por estarem por perto.

Soraya Silveira Simões  
Lille, 26 de janeiro de 2009.



## PREFÁCIO

### O assunto e o método

#### **O assunto**

Podemos pensar abstratamente a sociedade e representá-la através de gráficos e modelos, mas, quando se trata de observá-la, o que temos diante de nós são conversas, silêncios, expressões faciais, gestos, atitudes corporais, olhares e apalpadelas. Por essas múltiplas vias, se dão as relações que costumam a vida social.

Tudo que falha na conversa pode conduzir os interlocutores para as vias de fato, a briga, o conflito ou para esta forma deteriorada de conversa que é o bate-boca. Já a conversa exitosa pode levar a uma bela sociedade, acordos políticos, associação nos negócios, cooperação nos esportes, parcerias artísticas ou a um estreitamento da intimidade que cria um tal envolvimento que a própria conversa não mais sustenta, abrindo o espaço para o diálogo mudo dos corpos.

Quando isso acontece, alguns dizem – melífluos – que fizeram amor. Outros afirmam – peremptórios – que treparam. As duas expressões parecem conter disposições bem distintas. E uma disposição, todos sabem, deixa suas marcas indeléveis sobre qualquer prática a que se aplique.

Ora, o entendimento entre corpos, seja que nome leve ou tenha, é uma dimensão humana que pelas suas complexas imbricações físicas, sociais e morais já suscitou inúmeras teorias (que não serão incomodadas aqui) sobre seus significados e implicações.

As expressões acima derivam de uma oposição rígida e tradicional entre a santa e a puta e correspondem respectivamente a uma idealização (que se alça à evitação) e a um realismo (que desce à crueza). Não se nega que tal distinção vem-se tornando, nos últimos 40 anos, sinuosa, segmentada, mas seus traços ainda estão presentes nas relações entre gêneros como fica claro, por exemplo, nesta etnografia da “cidade cenográfica da prostituição carioca”: a Vila Mimosa.

Importa apenas no presente caso ter em mente essa duplicidade de disposições para pensar a questão da prostituição, tema deste livro. A organização em torno da prostituição, as representações que suscita e que a conformam, o cotidiano que a envolve e expressa foram observados com perspicácia e método pela etnógrafa Soraya

Silveira Simões no curioso território ao qual vieram finalmente aportar egressas, egressos, descendentes e continuadores da batalha que se travava às margens da Presidente Vargas e que recuou reduzida para uma vila da Joaquim Palhares antes de finalmente encontrar esse canto da cidade do Rio de Janeiro.

Para revelar o sentido da profissão, sua autora se detém na opção pela mesma, colhendo depoimentos e registrando episódios testemunhados como o do notável registro da mulher que chega, sem apoio e sem dinheiro, para avaliar a opção que ali se reserva para ela após um casamento de 30 anos.

Esta página é antológica e revela as possibilidades abertas pela etnografia. Longe dos didatismos redutores, explora as dimensões descritivas da cena e a *gaucherie* do personagem. Não se acompanha a decisão. Interrupta, a cena flagra a linha sinuosa que separa a puta da esposa.

O exemplo se tensiona com seu oposto, o exemplo solar de Gabriela da Silva Leite, com quem a etnógrafa trabalhou. Mas, enredada nos tais sistemas de valores que também orientam o antropólogo no campo, não há como recusar o contexto da dúvida e da ambiguidade moral na decisão da maioria.

Essa abordagem que busca caracterizar a profissional a partir de uma decisão que envolve um projeto toca numa questão essencial. A opção que, em nosso contexto, remete a livre-arbítrio talvez revele uma “natureza” ou um “infortúnio”. Os clientes trazem, misturada ao desejo, uma curiosidade: “Por que você escolheu essa vida?”. De início, a pergunta incômoda suscita na prostituta “*sentimentos confusos de quem se depara outra vez com algo errado*”. Com o tempo, ela compõe para a circunstância um personagem e uma história da qual é vítima.

Ao se aproximar da experiência da prostituta, esta etnografia suscita em suas dobras uma reflexão sobre a identidade feminina em nosso contexto. Como lembra Becker, autor ao qual Soraya recorre em sua reflexão teórica, o desviante opera uma viagem limite às fronteiras de sua sociedade. Esta viagem limite implica em uma exasperação de certos aspectos do papel feminino:

[...] liberdade perturbadora que faz dela uma personagem fugidia, extremamente móvel, mutante, não capturada pelos papéis socialmente definidos e, portanto, insofismável. Apreende-se

de seu discurso a constante tentativa de se defender ou expor, diretamente, associações que relativizem o peso de seu estigma e favoreçam a legitimidade de sua escolha.

Há aqui um jogo curioso. Ciúme, prostituição, casamento e família formam arranjos que o senso comum julgará paradoxais. As relações se tecem na costura aparentemente inusitada entre circulação furtiva e frequência assídua, na publicação da intimidade, nos intrincados preciosismos para preservar a identidade de clientes e profissionais e nos esforços da personagem estigmatizada para “se impor”. Esses traços nos devolvem às complexas e densas teias sociais, redes simbólicas e inquietações humanas.

Curiosamente, essa zona, que é ao mesmo tempo uma “sobrevivência” de tempos de antanho, estranhamente persistentes depois de todos os estragos produzidos pelo feminismo, pela pílula, a liberação sexual e outros mitos propagados desde 1968, dá provas de uma consciência coletiva de seu significado histórico. Nesse sentido, a universidade não tem papel pequeno na produção de tal disposição. Há ali muitas pessoas que *“passaram a ser reconhecidas e apontadas pelos habitués da Vila como cafetinas ou donas de casa ‘dos universitários’ [...] na medida em que responderia a essa nova demanda de visitantes, estudantes e pesquisadores [...]”*.

Essa consciência “sociológica”, coletivamente compartilhada, do próprio sentido, por parte de um segmento tradicionalmente estigmatizado, produz os cicerones de especialistas. É ao mesmo tempo uma consciência sociológica – a que se sobrepõe a consciência social – e uma disposição museológica.

A zona mantém todas as suas funções clássicas, mas parece perder seu caráter contingente. O passar do tempo ali já não escoa irreversível. Reflete-se no passado canonizado e parece conter algo de uma liturgia de preservação de hábitos que a cidade, ao crescer, reduziu em tamanho para exorbitar em importância.

A crise que despejou as prostitutas sucessivamente de um endereço tradicional e de um segundo endereço que parecia remediar os estragos do primeiro despejo, a organização imposta pela resistência e as lutas travadas para manter o território em um terceiro endereço conferiram a essa coletividade uma *“perspectiva histórica”*, com uma decorrente *“percepção de um manancial temático”*, que incorporou ao velho mister outras ideias como a de *“lazer”*, *“turismo”* e *“folclore”*.

Essas reviravoltas e as próprias mudanças sociais suscitaram uma nova relação da sociedade mais ampla com a prostituição.

[...] microcâmeras em algumas boates, segurança contratada, salões de beleza, serviços jurídicos, minicursos de artesanato para as prostitutas, academias de ginástica, uma unidade médica e um *site* na internet, ações voltadas para os problemas de segurança e saúde [...] a Vila Mimosa ascendeu comercialmente como patrimônio histórico e cultural: “já tem livro sobre isso aqui, tem história”.

A Vila Mimosa virou, segundo uma prostituta, *point do pessoal da Zona Sul* ou, segundo um cliente, *ponto turístico*.

A percepção demonstra que o projeto de seus empresários de recuperar sua memória, explorá-la turisticamente, abri-la para a imprensa e a universidade tem correspondência com um interesse da sociedade abrangente.

A prostituição nesse contexto está, ao mesmo tempo, sendo vivida e sendo encenada. Seus personagens são eles próprios e as representações deles mesmos.

Como “sobrevivência” é um museu de uma realidade “ultrapassada” que persiste “teatralizada”, mas que, ao mesmo tempo, se revitaliza, atualiza e se torna real na teatralização, como agudamente sublinha a etnógrafa. O que não impede que proxenetas e rufiões que circulam no cenário ofereçam acolhimento às meninas. Soraya trabalha bem a relação entre tal acolhimento e a noção de área moral desenvolvida por Park. Sobretudo no desvendamento dos caprichosos *metteurs-en-scène* que cuidam do cenário (decoração, iluminação, sonorização) e de um *script* que produzem o detalhamento sem o qual o real não se torna possível e os papéis deixam de ser convincentes. Ao mesmo tempo, impregna a cena de um material olente, raramente cheirado em etnografias e que se torna um *pendant* do cenário produzido pelo público circulante, urina, detergente, café e tempero em meio aos ruídos das conversas e limpezas.

Talvez se possa glosar a velha noção evolucionista de “sobrevivência” e repensar o fenômeno como uma “persistência”, com suas santas mulheres em casas e seus fiéis maridos nos bordéis. Soraya flagra os netos dos rebeldes de 1968 a acariciar os cabelos louros das prostitutas entrevistados nas janelas, enquanto escolhem, pelos padrões

do grupo, o objeto de seus desejos. Tais carícias nos suscitam carminholas em torno de graves problemas teóricos sobre as relações entre tradição e inovação, anacronismo e mudança, o velho e o novo.

As asperezas da velha zona se refinam em projetos de parceria com órgãos do governo para alcançar essa nova dimensão que o exercício da cidadania vem prescrevendo quase como um ideal nirvânico, “alcançar a autoestima”.

A autora nos lembra. Estamos ante um cenário onde se monta um espetáculo com os recursos da decoração, iluminação e sonorização. Ao leitor ocorre então que, sendo real e envolvendo dramas de pessoas de carne e osso, tudo aquilo é também, ou é sobretudo, um comentário, como se ali estivesse sendo praticada a metaprostituição. Vivem suas histórias, mas estão também preocupados em registrar a história da Vila Mimosa, suas origens, antecedentes, seus personagens. Pesquisadores e jornalistas são bem-vindos para a tarefa comum. A faina diária prossegue, a demanda social é atendida. Ao mesmo tempo, percebem, como gostam de dizer os jornalistas, a dimensão *cult* local e se dispõem a explorá-la.

A etnógrafa chama a atenção para o caráter ao mesmo tempo ousado e conservador do empreendimento.

Ousado por exigir o reconhecimento legal de um negócio historicamente problemático e juridicamente condenado; conservador por restaurar os limites simbólicos e os dispositivos de controle de um espaço segregado e reforçar os estigmas que lhe perseguem.

O livro reconstitui a organização e mobilização desses atores ante a ameaça de despejo do lugar de origem, na arrecadação de recursos para adquirir o imóvel para o qual se deslocaram e na garantia da permanência. Emergiram desses entreveros como uma força política. E, graças ao sentido político que emprestam às ações, alteram-se autopercepção, sentido da profissão e seu relacionamento com a sociedade em volta, embora o novo sentido público não suprima inteiramente as dificuldades suscitadas pelo papel.

Para um dono de casa local, a tarefa seria a de conscientizar os agentes públicos de que “isto aqui é um negócio”. O que remete à complexa administração dos interesses envolvidos e a preservação das imagens refletidas no contexto.

Preserva-se uma memória e cultiva-se a sintonia com as mudanças, presentes nos novos estilos de atendimento ao cliente, o que permite ajustes, como a incorporação da ideia de *lazer* à prostituição, de acordo com as novas concepções de negócio, ou o cultivo da própria memória como negócio, seja na exploração turística do local e de sua história, seja no *merchandising* propiciado pela curiosidade acadêmica ao lhes conferir visibilidade nos trabalhos escolares, dissertações e teses. Colaboram ainda na produção, preservação e divulgação da memória, fundamento do projeto turístico. A chancela acadêmica legitima seus negócios.

Curiosamente, na opinião dos gerentes ou velhos donos de casa “*o afã quase exclusivo pelo dinheiro é um dos fatores que deturpam a prostituição, transformando-a numa atividade violenta e mercenária*”. Essa memória briga com a disposição básica de nossa sociedade ao contrapor sexo por amor a sexo por dinheiro. Prostituir-se é metáfora corrente para designar, em inúmeras profissões, aqueles que são movidos pelo lucro e não pelo amor ao ofício. Nessa construção retrospectiva da própria prostituição, o que a avilta não é sua natureza intrínseca, mas a corrupção de sua velha índole pela cupidez, que entroniza a pressa, essa conhecida inimiga da perfeição e do *savoir-faire*.

É como se a nova lógica dos negócios estivesse corrompendo os velhos rituais da sexualidade em nome de uma pragmática da ejaculação precoce (ou de uma ejaculação precoce programática).

De certa maneira, é possível supor que essa nostalgia de um passado ideal perdido (como diz a velha prostituta: “No meu tempo era outra coisa, não tinha essa pouca vergonha de andar com os peitos de fora”) corporifique valores e práticas ideais que disputam no contexto sua prevalência ou observância.

Há aí, portanto, uma profissão.

O mecanismo de atribuição do estigma a determinados desempenhos denuncia a existência de uma fronteira profissional que, dentro da rede de relações da prostituta, lhe permite gozar de muitas distinções.

## O método

Há duas maneiras distintas de se “levantar dados” em uma pesquisa. Uma delas é a aplicação de um elenco de perguntas elaborado



a partir de um propósito bem definido. A outra é a observação direta, que confronta aquilo que as pessoas dizem com aquilo que elas fazem, servindo de guia para o olhar do observador.

Esta observação da autora revela o grande filão da etnografia que ela explora pacientemente, mas não revela ainda toda a grandeza de seu trabalho. Mais que a análise minuciosa das complexas relações entre o que se diz e o que se faz, Soraya explora, sobretudo, as tensões, correspondências, diferenças e semelhanças entre a observadora e seus observados.

O que há de particular em toda etnografia resulta da circunstância de que a tribo observada sempre impõe ao observador um questionamento de sua observação particular.

Etnografias não são textos que discorrem sobre o sentido genérico, ou maior, da observação ou da atitude observadora ou da predisposição para observar. Tais textos detêm-se mais sobre o modo particular com que a observação foi exercida no contexto examinado, nas idiossincrasias e particularidades do observador em questão e de seu estilo de observar. E quando se diz observar, diz-se estar ali, situar-se, interagir, adquirir ou conquistar ali um papel com um mínimo de sentido. Tal sentido deve ser compartilhado em alguma medida entre os observados e o observador, sob pena de minar em suas bases o contexto da observação e por decorrência a própria possibilidade de uma experiência etnográfica. E esta experiência só faz sentido quando o etnógrafo se coloca em cena. A etnografia é um fio traçado pelo etnógrafo sobre o pano de fundo do contexto. Este reage à presença do etnógrafo a cada passo, e a cadeia de tais reações traça um percurso que esboça a etnografia.

Soraya coloca para si, na intrincada excursão pela “rua Ceará”, um fio condutor elementar e radical. “Antes de mais nada, este trabalho é fruto da reflexão de uma mulher sobre esta sua própria condição.” Não se trata apenas de um olhar sobre o outro, mas de um olhar que inclui a observadora na cena e abre a perspectiva para a transitividade em cuja dinâmica insinua-se um nós. A criação de um laço entre a etnógrafa e suas informantes, que perdem o exotismo e ganham a familiaridade pelo vínculo da identidade de gênero (um nós, um possível de mim). “ [...] acabei enxergando, por detrás das lentes que usava para focar o universo da prostituição, alguma possibilidade de ‘nós’ onde sempre, para mim, deveria existir o outro.”

Para o senso comum, a identificação é uma comunhão. O que a antropologia prescreve e Soraya pratica é o postulado e a prática de que a identificação que exorciza o etnocentrismo é uma perspectiva intelectualmente concebida e eticamente sustentada a partir da qual o outro se apresenta como uma atualização de uma possibilidade, de uma virtualidade do próprio observador. Antes de iniciar seu trabalho, a autora ficou longo tempo entretida com fotografias de prostitutas entre as décadas de 1920 e 1990. A isso ela chama de “*climatização*”.

Perceber o outro como uma possibilidade de si mesmo é um enunciado abstrato que só ganha substância quando se concretiza em uma dada circunstância. Isto é, quando deixa de ser apenas um princípio para se transformar em uma atitude de si para com o outro. O princípio abstrato precisa ser trocado em miúdos nas múltiplas práticas interativas que criam lugares (pontos de vista) e identidades para o etnógrafo. Este deixa de ser um mero *voyeur*. O lugar conquistado e a identidade adquirida asseguram uma conexão pelo sentido, isto é, um entendimento processado pelo sentimento. Neste caso, situando-se ali como mulher.

Ao ousar ultrapassar as rígidas distinções entre os lugares onde devem estar, de um lado, as mulheres direitas e, do outro, as libertinas, a etnógrafa não faz apenas o trânsito geográfico que a conduz à Praça da Bandeira, mas a viagem introspectiva que permite a exploração subjetiva de suas próprias fronteiras como avaliadora de outras possibilidades reservadas pela sua sociedade para a mesma identidade de gênero. Esse processo complexo é de simples aferição: a aceitação e trânsito do etnógrafo no campo. No caso de Soraya, a fluidez de seus movimentos e o fácil câmbio do entendimento que propicia e promove se demonstra evidente a cada página deste livro. Essa percepção de si ao perceber o outro abre a possibilidade do aprendizado. “Para mim, tratou-se mesmo de um aprendizado, do mesmo modo como o foi para *Foote-Whyte*”.

O aprendizado é atributo permanente da experiência etnográfica. E é permanente porque envolve uma demanda de ajuste de um papel no campo o que suscita um processo de invenção-aprendizado de um papel adequado para o contexto e cômodo para o etnógrafo. A observação e a interpretação do que se observa está sempre a exigir que o observador se coloque a si mesmo em perspectiva, que se projete sobre o cenário, recolhendo as informações que a observação lhe concede a partir da consideração de que ele próprio contribuiu para

a cena como um todo e que ele é mesmo talvez o autor do que vê. É preciso ainda que o redator escreva seu texto de modo a se considerar, desprendido das premissas que organizaram a produção de si mesmo ao longo de sua biografia, percebendo o que aquela circunstância etnográfica fez de si mesmo.

Toda etnografia é, portanto, uma experiência biográfica que transforma o etnógrafo.

Feita a travessia, incorporada a nova identidade, a etnógrafa, como já se observou acima, percebe-se em um ambiente cenicamente produzido, mediante os recursos da decoração, iluminação e sonorização para “*os atores encarnarem seus respectivos papéis*”. Trata-se de um “*espetáculo*” que, em vez de ocultar os dramas e paradoxos das escolhas e biografias que levaram até ali aqueles personagens, parece acentuar as tais marcas.

Soraya pratica uma etnografia centrada nas situações sociais e suas relações. Reconfigura os lugares-comuns sobre a profissão e o universo que viabiliza a prostituição. Poder político, governo, donos de casa vão sendo articulados e ganham seus sentidos nesse rastreamento das pequenas circunstâncias e episódios.

Essa a riqueza da etnografia. Não encurrala o tema como foi encurralado num beco reduzido o universo que se espalhava, em seu apogeu na década de 1950, pelos fartos quarteirões ao longo da Presidente Vargas. Irriga a questão com perspectivas analíticas múltiplas. Essa tessitura textual implica em uma descrição vivaz que articula múltiplos significantes e de uma análise que organiza a observação, os dados históricos e a literatura sobre o tema, seja a teórica seja a empírica, numa economia de múltiplos sentidos que recupera no texto a complexidade dessas vidas e desta experiência.

Os paradoxos do cotidiano não são exorcizados em nome da Coerência, esta senhorita obsessiva que é péssima companheira de viagem de qualquer etnógrafo.

Os intrincados meandros de uma profissão estigmatizada exercida em contexto de riscos e suas sólidas ramificações com mecanismos minuciosos de controle e proteção. Não são aspectos conflitantes. A etnografia de Soraya produz o amálgama que os torna na prática indistintos, unos, solidamente imbricados. Não são aspectos que se sucedem. Distinguem-se analiticamente, mas mantêm-se solidários, elementos fundamentais da tensão, do tesão, do *sex-appeal* que aí se derrama pelas luzes, objetos e as cores quentes da geladeira de Dalva.

O informante privilegiado, figura típica da etnografia tradicional, encontra aqui um sucedâneo na figura do guia ou cicerone que apresenta os lugares, as pessoas, os objetos e documentos. Sua presença impõe novo registro à experiência etnográfica como sua saída de cena suscita na etnógrafa a sensação de uma “observação mais à vontade”.

A sintonia alcançada pela etnógrafa em sua performance singular e elegante a torna, a pedido de seus nativos, redatora do texto de abertura do desfile de modas que seria lido por uma prostituta. “Tentei elaborar um discurso que expressasse a emoção que percebia nos rostos de todos.” Observação participante, interpretação, intervenção, tradução e articulação das falas locais. O convite feito revela a confiança nessa sintonia entre etnógrafa e locais no campo. Da mesma maneira que esta sintonia transparece na leitura do texto.

O que orienta a percepção do etnógrafo, além de seus diálogos ocultos, problemas constituídos teoricamente e observação instrumentada metodologicamente, senão um concerto de valores que predominam em sua sociedade e que articulam percepções e disposições em relação ao grupo estigmatizado? Esta última orientação, quase inconsciente, senão inconsciente de todo, vem sendo tornada neste livro em uma aguda e controlada disposição que rastreia o universo e estabelece um fecundo diálogo entre a melhor antropologia e os estatutos da intolerância e os instrumentos dos preconceitos.

A competência e a sensibilidade reveladas neste texto asseguram uma bela promessa para a antropologia urbana brasileira.

*Hélio R.S. Silva*

*À memória de Fia e Mil e Uma Noites*



*... la morale de demain sera ce que seront les convictions de demain relativement à l'importance, à la nature et à la signification des rapports sexuels.*

Gabriel Tarde  
La morale sexuelle, 1902.





## PRÓLOGO

Um dia de trabalho como outro qualquer. O calor da noite talvez seja um convite: para uma quarta-feira, a zona está cheia. Muitas mulheres esperam despertar interesse, com maior ou menor empenho.

O figurino, e não somente ele, indica o grau de disposição para enfrentar a concorrência. Às vezes não mais que uma calcinha vermelha esconde, com intrigante pudor, o elemento tido como essencial. Os mais experientes apostam no jogo da descoberta do corpo como importante recurso de sedução, e os neófitos respondem aos estímulos da inusitada seminudez que ali se expõe, em carne e osso, ao alcance dos olhos e das mãos.

Como as ofertas, os desejos são múltiplos e, invariavelmente, simultâneos. Enquanto requebra o quadril na porta de um bar, a garota mantém os olhos atentos ao desfile de clientes a sua frente. Não fosse pelo tubo de lubrificante preso à alça de seu short, talvez seu rebolado instigasse outras tantas fantasias; porém, o apetrecho enuncia certa especialidade, talvez aquela que mais desperta a cobiça.

Boquiabertos, alguns rapazes param repentinamente diante de uma janela. Olhos fixos em algo próximo porém protegido no interior de um pequeno estabelecimento, eles escutam o gracejo de um amigo que, braço esticado, acaricia uma longa cabeleira loura. É a imagem em ação: a ninfeta dourada pode ser possuída. A possibilidade, em si, paralisa o grupo por alguns instantes. Em seguida, todos partem rumo à próxima tentação.

Os homens, todos, buscam aquela que preencha os quesitos para o gozo ideal. Adolescentes, com a eterna mania de andar em bandos, demonstram interesse por uma só mulher. São solidários ao reconhecerem em morenas, louras, ruivas ou mulatas o padrão de qualidade do grupo, muito embora o *élan* – desconsiderado em face de um padrão estético – dissolva tal unidade pela via do “descaminho” (“os homens aqui se perdem”, pontifica uma cafetina).

Aos mais velhos, a socialização já se encarregou de dar o direito à livre escolha. Andam às vezes solitários, são sempre determinados, procuram, lançam olhares fulminantes, desejosos, certos, namoram uma, duas, várias prostitutas ao mesmo tempo e, quando não sabem administrar impulsos e agrados, personificam a discórdia, motivam

cenas de ciúme. Existem ali vários destes, bebendo no balcão de algum estabelecimento que frequentam já quase por obrigação.

Frequentemente alguns deles ausentam-se por longos períodos e, ao retornarem, são logo indagados, de maneira jocosa, sobre uma possível mudança de estado civil. A instituição do casamento provoca múltiplas reações tanto nas prostitutas quanto nos clientes, afigurando-se como uma ameaça ao habitual convívio na zona, muito embora a condição de casado não impeça necessariamente esse convívio. Pelo contrário, o casamento é apenas um item que motiva preocupações e cuidados, no sentido de que a “verdadeira” identidade de prostitutas e clientes não seja invadida pelos respectivos papéis desempenhados naquele ambiente.

Fora dali, todos professam ser outros. “Nomes de guerra”, “nomes artísticos” e outros artifícios travestem e segregam identidades, descontaminando a que se quer preservar por meio da manipulação de informações (GOFFMAN, 1982, p. 51). Para isto colaboram todos aqueles que ocupam algum posto na Vila Mimosa. Sempre atentos, “donos de casa”, gerentes e prostitutas incorporam às suas responsabilidades o aviso da chegada de pessoas para as quais a atividade da prostituta não deve ser revelada; atendem telefonemas confirmando falsas histórias e, dessa forma, tecem redes de proteção e auxílio nas quais, muitas vezes, também se inserem os clientes mais assíduos.

Tal qual as prostitutas, muitos deles preferem valer-se de nomes e profissões fictícios que refletem não mais do que ideais. As necessidades de encobrimento do eu (GOFFMAN, 1982), decorrentes do estigma ou da manutenção de uma identidade idealizada, respondem pelo tácito compromisso de velar pela continuidade dos papéis ali desempenhados.

Em meio a esse baile de máscaras, a noite de quarta-feira transcorre animada. Nas portas e janelas as prostitutas se empenham na dança e nas abordagens, para deleite dos clientes noturnos que, olhos vidrados, transformam-se, involuntariamente, em *voyeurs* de seus próprios pares.

De dentro da casa 23, a prostituta que permanece sentada próximo ao balcão fixa os olhos em alguém posicionado no corredor, do lado de fora da casa. Ela sorri, acena e inicia uma conversa por meio de sinais. Com o dedo esticado, escreve no ar informações inadiáveis para o flerte que se estabelece (o que gostaria de fazer, o que sente e quanto cobra), e esse diálogo sem palavras acaba atraindo minha atenção.

Seu interlocutor é o rapaz na cadeira de rodas, cujos dois companheiros assistem ao flerte com manifesta empolgação. Tão logo o identifico vejo que a mulher já se encontra diante dele e, num segundo, encontra lugar em seu colo. Em meio a abraços e carinhos, o casal se embala em uma conversa que só fui conhecer quando de seu retorno ao balcão do bar: “Foi erro médico, mas o pau sobe”.

Um amigo que me acompanha se encanta com a espontaneidade indiscreta deste tratamento, como se o ato de compartilhar assuntos de foro íntimo tivesse revelado, subitamente, o quão cara era sua virilidade. De volta à casa, a prostituta, por sua vez, apenas se divertia com a história que acabara de lhe ser confidenciada, profanando sua mais recente plateia por meio de comentários feitos nos bastidores.

Mas a sutileza do evento é obscurecida pelo ritmo da noite. O vai e vem de homens nos dois corredores da galeria principal e o alto volume das máquinas de som dos estabelecimentos se ocupam de promover nosso alheamento.

De repente três tiros secos ressoam próximo à janela. Os assuntos de súbito desaparecem e cada um de nós procura guarida embaixo da mesa ou atrás do balcão. Do lado de fora, toda a gente se encosta às paredes ou se empurra na aflição de fugir das balas. Procuo encontrar algum olhar que me indique a hora de abandonar o posto, mas é o choro da prostituta recém-chegada que vem revelar esse momento. Imediatamente as outras a cercam com afagos e copos d’água, pedem calma, lhe dão um lenço de papel. Procuram, também, saber o motivo dos tiros e têm como resposta uma acusação – ou, a depender da audiência, um enigma: “– Foi o Sacramento.”

A fúria do sujeito teria sido despertada pelo encontro com algum desafeto, justificativa que revelava o quão frágil era todo aquele clima festivo, prestes a ser dissipado pela impulsividade de alguns de seus personagens.<sup>1</sup>

Mas a zona tem uma incrível capacidade regenerativa. Minutos depois, a circulação nos corredores ganhou o reforço de outros tantos recém-chegados que ignoravam o ocorrido contribuindo, assim, para a dispersão de um trágico evento.

## Notas

<sup>1</sup> Sacramento era conhecido pela sua impaciência, tornando-se figura notória e temida nos corredores da Vila Mimosa. No mês seguinte os jornais anunciavam que Sacramento havia sido sequestrado e lavado para a Praça Mauá, outra área de prostituição carioca, onde fora encontrado morto.



## INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, este trabalho é fruto da reflexão de uma mulher sobre esta sua própria condição. Foi concebido, em seu momento primordial, quando eu ainda me dedicava exclusivamente à fotografia. De tanto exercitar o olhar, acabei enxergando, por detrás das lentes que usava para focar o universo da prostituição, alguma possibilidade de “nós” onde sempre, para mim, deveria existir o outro.

O nós se fez, assim, a partir de uma única razão: o sexo. Afinal, é o sexo que está na base de um código fundamental que elabora e estrutura interações e relações sociais. Código este que sustenta também as concepções dos indivíduos sobre isso que funda uma natureza humana “autêntica”, aqui não mais exclusivamente pautada pelo fator biológico, mas também social: o gênero. Eis aqui uma das fontes de autoidentificação mais profundas em todas as sociedades humanas. Qualquer atitude que, tomada pelo homem ou pela mulher, escape ao arranjo social dos sexos situa-se fora dos muros da autenticidade, condenando-os a errar nos domínios da sofisticação.

A cidade possui, para estes, inúmeros destinos – bairros boêmios, o lugar do jogo, a zona – os quais Park chamou de regiões morais.<sup>1</sup> É preciso, contudo, fazer jus ao que Park pretendeu observar com a noção de região moral. Para que ela pudesse servir plenamente aos propósitos de uma sociologia pragmática e aos estudos de ecologia urbana, deveria abranger muitos outros lugares além daqueles onde floresciam atividades criminais ou provocativas à moral dominante. “É um termo que pode ser aplicado a [...] regiões onde as pessoas são dominadas, mais do que o são cotidianamente, por um gosto, uma paixão ou qualquer interesse que encontre raízes na natureza original do indivíduo”.<sup>2</sup> Falamos, assim, dos territórios do desejo. Corpo e espaço. Os travestis *da Lapa*,<sup>3</sup> os meninos *de rua*,<sup>4</sup> as putas *da Vila Mimosa*.

Percorrendo-os em cidades do sul e do norte do Brasil, quando eu ainda exercia o ofício de fotógrafa, fui confrontada a uma espécie de “reflexividade institucional”<sup>5</sup> que não me deixaria mais indiferente aos mais variados cenários urbanos adequados para a circulação da mulher que encarna o papel de prostituta. Embora mulheres, entre mim – a fotógrafa – e o outro – a prostituta –, havia um mundo de experiências cotidianas pautadas pelos nossos papéis sociais e levadas

a termo em nossos respectivos cenários e em diferentes contextos a serem escrupulosamente considerados.

Para citar apenas um deles, lembremos que prostitutas e repórteres fotográficos podem escolher trabalhar como profissionais autônomos. Porém, no mais das vezes, ambos os *métiers* se estruturam pelas mãos de um empresário. No universo da prostituição, este empresário figura no Código Penal<sup>6</sup> como executor do crime de lenocínio: ele é o proxeneta.<sup>7</sup>

*Proxenus* era o termo que designava, na Grécia antiga, o representante do Estado destacado para proteger e assistir os estrangeiros, aqueles que, de passagem pela cidade, teriam, sob sua proteção, a garantia de direitos específicos durante a estada. O câften, o rufião, a cafetina, o gigolô, o dono de bordel, de termas ou de casas de massagem são figuras do proxenetismo que preservam hoje, de um modo ou de outro, essa função de acolhimento, possibilitando o trabalho ou vendendo proteção à prostituta contra ataques de clientes ou mesmo contra agentes do Estado.

E é em torno de um acolhimento que se estrutura a própria zona de prostituição. Os empresários – cafetinas, “donos de casa” – são verdadeiros *metteurs-en-scène* de um drama: conhecem o repetitivo repertório das paradigmáticas histórias tristes contadas pela personagem principal, o seu *script*, os anseios daqueles que com ela interagem e os diferentes elementos cênicos (decoração, iluminação, sonorização) necessários para fazerem os atores encarnarem seus respectivos papéis. Na cidadela do proxeneta, o drama a ser encenado se presta também à manutenção de certa ordem moral: na zona, todos são outros. Fora dali, todos se despem da pele de estrangeiros na própria cidade e voltam a ser o que dizem ser “de verdade”.

A ideia de zona, na acepção que aqui nos interessa – ou seja, o lugar onde se localiza a prostituição na cidade –, é a tradução de uma ordem moral na morfologia urbana. O presente trabalho, resultado de meu primeiro exercício etnográfico, se restringe a observar esse universo do modo como se instaurou em um setor recôndito da Praça da Bandeira, no Rio de Janeiro. Começamos, então, pelo início.

## 1. O campo e os capítulos

A Vila Mimosa<sup>8</sup> é a forma mais bem acabada dessa ideia de zona. Ali, ninguém chega por acaso. Seus bordéis concentram-se no final de

uma rua e não há no local outras atividades competindo com aquela responsável por atrair seus inúmeros visitantes. Grosso modo, todos os outros serviços que ali encontramos se prestam apenas à viabilizar e manter o espetáculo.

A zona é, por assim dizer, o proscênio do meretrício da cidade, o lugar para onde todas as luzes da ribalta se voltam para destacar exclusivamente essa atividade. As demais áreas do Rio onde a prostituição se mostra – a Praça Mauá, o Campo de Santana, a Praça Tiradentes, Copacabana – trazem em seu bojo outras tantas vocações. São zonas portuárias, passeios públicos, bairros boêmios, atrativos turísticos.

Por essa razão, seria mais correto dizer que na Vila Mimosa não se *chega*, mas se *entra*. Todos os olhos da zona se voltam para quem penetra em seus domínios, seja para seduzi-lo, seja para vigiá-lo. E por um dia ter entrado ali, não pude passar despercebida diante dos muitos olhos que acompanhavam a passagem de uma mulher sozinha e desconhecida, em plena tarde de um dia de semana. Não tardaria muito e a recém-chegada encontraria alguém para ocupar-se dela.

A Associação dos Moradores e Amigos do Condomínio Vila Mimosa (Amocavim) foi o primeiro lugar que procurei após o primeiro dia de deambulação na zona. Nessa segunda visita, me apresentei como pesquisadora e, dali, a partir de então, eu seria conduzida, pelo seu secretário, por um itinerário composto pelos depoimentos dos atores que viveram na antiga zona do Mangue, a quase secular zona de prostituição que ocupava várias ruas da Cidade Nova, região central da cidade. Essa era a Vila Mimosa apresentada ao visitante pelas mãos da Associação.

Foi assim que, desde o início, o trabalho de campo tornou-se ocasião de conhecer o desejo manifesto de alguns proprietários de bordéis da Vila Mimosa de elaborar meios para legitimar a existência daquele lugar como espaço de serviços voltados para o lazer sexual. Somente a partir do trabalho de campo, etapa que se seguiu àquela iniciada nos arquivos, é que começaram a ser erguidas as bases para a construção do objeto de pesquisa.

Área natural da prostituição na cidade, de acordo com o traçado conceitual da ecologia urbana da Escola de Chicago,<sup>9</sup> o Mangue e o que dele restou – a Vila Mimosa, seu símbolo de resistência em plena área de *loop*<sup>10</sup> da capital – eram preservados, simbolicamente, pela reinvenção da zona a poucos metros dali, em uma rua da Praça da Bandeira, onde hoje funcionam os bordéis que, em seu conjunto, também

recebem o nome de Vila Mimosa. A outra, demolida, era de fato uma vila, um conjunto de casas residenciais dispostas ao longo de pequeno beco, que viria a mudar de mãos no processo de reestruturação do traçado urbanístico da Cidade Nova, por ocasião do Projeto Teleporto.

Ao conceito de área natural vinham juntar-se outros, igualmente elucidativos e de par com os propósitos daquele grupo de pequenos empresários da prostituição reunidos em uma associação. Esses conceitos compreendidos na prática e pela inteligência sociológica própria aos membros experientes do *métier*, eram o conceito de região moral e a própria noção de zona como um espaço cuja apropriação ou qualidades evidenciam usos ou vocações bem pronunciados.

O quadro composto por essas imagens – área natural, região moral e zona – aguçava, como disse anteriormente, o sentimento de tratar-se de um lugar aonde não se chega por acaso. Por isso, uma estrutura de acolhimento muito bem montada para todos aqueles que ali aparecem, homens ou mulheres, prostitutas ou clientes – mas também turistas, curiosos, boêmios, jornalistas, vendedores ambulantes, pesquisadores e os que querem apenas desfrutar, incógnitos, de uma deambulação ou de algum tipo de emoção proporcionada por certa ambiência – logo cedo tornou-se o foco de minha atenção.

Assumir os contornos da zona para transformá-la em um *point*, lugar de encontros, lazer e de serviços sexuais na cidade era, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, um projeto ousado e conservador. Ousado por exigir o reconhecimento legal de um negócio historicamente problemático e juridicamente condenado; conservador por restaurar os limites simbólicos e os dispositivos de controle de um espaço segregado e reforçar os estigmas que o perseguem.

À parte tal dilema e o debate que institui,<sup>11</sup> a abordagem diacrônica que traria para o texto algumas das mais proeminentes intervenções feitas no Mangue, a trajetória de suas personagens e o contexto político que favoreceu a emergência de seus atores tornou-se, para mim, necessária.

Assim, iniciei o trabalho de pesquisa pelos arquivos, buscando registros, testemunhos com os quais eu pudesse compor um quadro cronológico. A linearidade à qual me detive naquele momento era, ao mesmo tempo, expressão de minha ignorância e alimento para os futuros encontros que me esperavam. Pelo menos, assim eu pensava.

Hoje, me permito a indulgência: tentando encontrar explicações para tudo, como faz qualquer iniciante e alguns iniciados, me tornei



incapaz de perceber que o “campo” – esse conceito com o qual a nossa disciplina delimita o espaço da ação – não possui portas e, por isso, a expectativa de encontrar a “entrada certa” se configurava em um sonho quixotesco.

Para mim, tratou-se mesmo de um aprendizado, do mesmo modo como o foi para Foote-Whyte,<sup>12</sup> constatar que o interesse das pessoas que conheci durante o trabalho de campo se detinha muito mais nas relações pessoais que eu ali começava a desenvolver do que nas explicações que pudesse vir a dar sobre os objetivos de minha pesquisa e sobre as histórias em que, afinal, figuravam.

Seguindo a trilha das indicações que começaram a surgir entre os muros da universidade, fui então me aproximando da Vila Mimosa pelos rastros da história urbana do Rio de Janeiro. Ainda muito interessada num passado de vagas reminiscências, cheguei primeiramente às pessoas que testemunharam a demolição da Vila como representantes do poder público. Do professor Gerônimo Leitão, da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, obtive o contato de Maria Izabel Tostes, do Instituto Pereira Passos,<sup>13</sup> quem me sugeriu e enviou alguns trabalhos de urbanismo que poderiam ser úteis à minha pesquisa. Através dela conheci, na RioUrbe,<sup>14</sup> um dos engenheiros responsáveis pelas obras do Projeto Teleporto, projeto este que poria finalmente no chão os signos do passado a ser esconjurado do bairro da Cidade Nova. Fotografias e relatórios elaborados por sua equipe foram disponibilizados e pude também ouvir alguns de seus relatos sobre o incômodo papel de “agente da destruição” para as mulheres da Vila Mimosa, com as quais manteve contato durante todo o período das demolições que abririam espaço para a reurbanização do entorno do Centro Administrativo da Prefeitura do Rio.

Logo em seguida, conheci Gabriela Silva Leite, uma das principais articuladoras da primeira associação de prostitutas do país, fundada em 1987, na Vila Mimosa, e hoje presidente da Rede Brasileira de Prostitutas. Gabriela me concedeu uma longa entrevista sobre os últimos dias da Vila. A proximidade deste encontro com a visita à RioUrbe me ajudou a sentir a intensidade do calor produzido por duas experiências antagônicas. De um lado, as memórias repletas de representações sobre a suposta vida vitimada daquelas mulheres. De outro, relatos contundentes sobre o drama da desapropriação do espaço de trabalho e moradia.

Ainda nesse período inicial, vasculhei por alguns dias o Arquivo Geral da Cidade e o Museu da Imagem e do Som em busca de fotografias e reportagens das décadas de 1920 a 1990. Ver a mudança nos trajés e nas expressões das prostitutas que habitaram a cidade ao longo do século XX foi, para mim, mais do que uma descoberta, uma importante ferramenta. Chamei-a intimamente de “climatização”, pois com essas imagens do passado tornaram-se ainda mais vivas as cores com as quais eu havia, imaginariamente, pintado o mundo da prostituição. Foi um momento fascinante de aproximação com aquelas personagens, ancestrais de outras com as quais, breve e simultaneamente, eu passaria a conviver.

Nas reportagens encontradas no Arquivo, mergulhei solitariamente nos registros literários, nas charges e nos depoimentos dos atores da história que buscava perfazer. Alguns deles eu estava prestes a conhecer pessoalmente, nos bordéis da nova Vila Mimosa.

Hoje, por uma ironia resultante daquilo com que tanto sonharam, muitas dessas pessoas passaram a ser reconhecidas e apontadas pelos *habitués* da Vila como cafetinas ou donas de casa “dos universitários”. Não seria esta denominação um sinal dos tempos? Um emblema da vontade de criar um “novo conceito de zona” na medida em que responderia a essa nova demanda de visitantes, estudantes e pesquisadores não pelos seus serviços, mas pelos seus depoimentos?

A Vila Mimosa hoje representa o *cult*.<sup>15</sup> Agregou mais um status e seus novos donos sabem identificar e explorar essas potencialidades tomando como parâmetro o desdobramento positivo de uma empreitada que, tradicionalmente, conjuga acolhimento, trabalho, lazer e, por vezes, moradia.

Como procuro mostrar no segundo capítulo, o passado, trazido para o presente, pelos articuladores locais, como recurso mediador dos interesses que convergem para o desejo manifesto de “mudança do conceito de zona”, é também o tempo do surgimento de uma perspectiva na qual estes atores passaram a se perceber como agentes no processo de construção de sua própria identidade. E hoje, lançando mão do conceito de autoestima como instrumento norteador dos inúmeros projetos desenvolvidos na Vila Mimosa e financiados, especialmente, pelo Ministério da Saúde, visam negociar, também internamente, os atributos do estigma que envolve a prostituição.

A escolha da Vila Mimosa como *locus* tanto para esta pesquisa quanto para o desempenho dos papéis ali representados se justifica

ainda na medida em que este lugar, fundado sobre um arcabouço comum de memórias que hoje atuam de maneira a caracterizá-lo como área de lazer legítima na cidade do Rio de Janeiro, simboliza o território das aspirações interditas, onde vêm sendo criados e instituídos, pelos donos dos estabelecimentos locais, mecanismos de controle que visam reparar a ideia de “bagunça” associada àquela de “zona”, de maneira a alçar a Vila Mimosa ao tão sonhado posto de *point* e local turístico.<sup>16</sup>

Uma vez montado esse amplo painel, procurei expor, no terceiro capítulo, que implicações esta nova percepção sobre a zona de prostituição teria no reajuste das identidades. Afinal, a reinvenção da Vila Mimosa no bairro vizinho da Praça da Bandeira inicia uma nova história. E, nesse processo, a imagem da Vila Mimosa dos nossos dias veio se esboçando, entre outros artifícios, através das representações acerca da prostituta profissional, composição fundamental para sedimentar uma “nova proposta de zona”. A promoção de eventos como o I Gatinha Mimosa, desfile de moda organizado, em 2002, pela Amocavim, tornaria visível a tentativa de assunção de uma identidade calcada não mais em uma necessidade, mas em uma escolha profissional.

Esta identidade, no entanto, opera ali primordialmente no plano ideal, muito embora o discurso de prostitutas e clientes distinga comportamentos profissionais. Nestes, estão incluídos o ato sexual e, principalmente, o “saber se impor” tanto nas negociações de preço e serviços quanto nas conversas com clientes, quando é observado e ressaltado o caráter terapêutico desse encontro e também o aspecto profissional do trabalho da prostituta.<sup>17</sup> Essa perspectiva não exclui o conflito, uma vez que se impor é estabelecer limites. Ao contrário, ela exprime toda a plenitude do seu aspecto positivo tal como Simmel o pensou.<sup>18</sup>

Isto se torna mais facilmente compreendido quando lembramos, com Malinowski ou Margareth Mead, que o temperamento não é condicionado pelo sexo biológico, mas sim pelo gênero, a sua tradução social,<sup>19</sup> e que a sexualidade é antes uma força sociológica e cultural do que a mera relação carnal entre dois indivíduos.<sup>20</sup> Os modos de gerir essa força, contudo, se realizam pela instituição de mecanismos repressivos, muitas vezes perversos.

O trabalho de campo na Vila Mimosa mostrou haver o reconhecimento social de virtudes profissionais na prostituição que se apresentariam através de aptidões como aquela há pouco mencionada, elaborada pela palavra, e também através de atitudes levadas a termo pela prostituta e que colocam em evidência, e de modo claro, os limites

da relação mantida com o cliente que a procura. Tudo isto prenuncia um horizonte onde a prostituição se deixa entrever como um serviço muito requintado, consumado no ato sexual. Uma *ars erotica*, no entanto, reprimida, ocultada, criminalizada e entregue a contextos sociais nada prestigiosos.

Seja como for, a distinção de comportamentos profissionais oferece novas cartas para o jogo de atribuições entre todos os personagens que permeiam o universo da prostituição. E inclui garantias, como, por exemplo, a do cumprimento de expectativas para os envolvidos no “programa”,<sup>21</sup> além da relativização da imagem negativa da prostituição que se configura pela suposta negação do *self* – também responsável pela ideia de *exploração*.

Neste sentido, considerar o “saber se impor” denota a neutralização desse elemento estigmatizante ao mesmo tempo que abre um horizonte de comportamentos considerados profissionais, contrapostos aos outros praticados pelos que ressaltam a atividade pela lente da exploração ou a percebem como o “último degrau”, algo degradante que, sendo assim, produz ressonância nas trocas, por vezes violentas, com outros atores.

Ambas as percepções, bastante contrastivas, coexistem hoje, entre os personagens da Vila Mimosa, e coexistiram também entre aqueles que pensaram a prostituição e a moral sexual no final do século XIX e início do século XX. Em uma nota de agosto de 1901, encontrada junto aos manuscritos de seu artigo “La morale sexuelle”,<sup>22</sup> Gabriel Tarde escreve algumas reflexões que iam de encontro àquelas de Lombroso, mais bem difundidas e acolhidas no pensamento médico e social do final do século XIX. Nessa nota, Tarde parece vislumbrar o que está por vir, certamente motivado por muitas considerações feitas a partir de suas leituras, mas também de suas observações *in situ*.

“[Août 1901] Pourquoi la prostitution, qui comble tant bien que mal une lacune de l’institution du mariage, si défectueuse à certains égards, est-elle déshonorante quoique socialement nécessaire (sous une forme réglementée ou non)? De deux choses l’une: ou bien la prostitution, si elle continue à être un déshonneur en dépit de son utilité, disparaîtra fatalement et sera remplacée par quelque autre institution qui remédiera mieux aux défauts du mariage monogame; ou bien elle subsistera, mais en devenant respectable, c’est-à-dire en se

faisant respecter bon gré mal gré, ce qui pourra se produire peu à peu, quand elle se sera syndiquée, organisée en corporation puissante, ou l'on n'entrera qu'en offrant certaines garanties, ou seront cultivées certaines vertus professionnelles qui élèveront le niveau moral des sociétaires".<sup>23</sup>

## 1.2 *Últimas palavras iniciais*

Toda a pesquisa que iniciara no Arquivo da Cidade, no Museu da Imagem e do Som e na Vila Mimosa parecia querer demandar mais tempo do que o prazo estipulado para a defesa de uma dissertação de mestrado. No meio desse processo, recebi um convite de Gabriela Silva Leite para coordenar, junto com ela, o projeto de prevenção das DST/Aids, financiado pelo Ministério da Saúde, junto à população dos chamados “profissionais do sexo”.

Sendo o projeto de abrangência nacional e vigência regional, tive a oportunidade de conhecer áreas de prostituição de diversas cidades e, conseqüentemente, modalidades e percepções bastante distintas acerca da atividade. Essa riquíssima experiência me permitiu o afastamento necessário do contexto de pesquisa e a conseqüente “desnaturalização do campo”.

A união do trabalho acadêmico com uma ampla vivência com prostitutas das mais diversas cidades do Brasil, com técnicos do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais e, sobretudo, com Gabriela, precursora do movimento de prostitutas no país, foi de auxílio inestimável e fundamental na compreensão dos processos de construção identitária que se produzem nos mais variados contextos e através da articulação com agências nacionais e internacionais.

A riqueza de toda essa experiência se assentou, academicamente, no convívio com colegas do PPGA/ICHF-UFF e do Laboratório de Etnografia Metropolitana, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LeMetro/IFCS-UFRJ), onde passei muitos bons momentos apurando as leituras do meu material de campo e da bibliografia aqui utilizada.

Finalmente, optei por trocar os nomes e codinomes de algumas das pessoas que figuram nesse trabalho, com o intuito de preservá-las em seu anonimato. As demais, que ganharam expressão e vida pública, permaneceram com seus nomes originais. O texto a seguir

consiste basicamente na versão original de minha dissertação de mestrado, defendida no dia 20 de janeiro de 2003, no então Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política, do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (PPGACP/ICHF-UFF), sob o título “Vila Mimosa II: a construção do novo conceito de ‘zona’”.

## Notas

- <sup>1</sup> PARK, 1979.
- <sup>2</sup> “Esse interesse pode ser pela arte: a música, um esporte; as corridas de cavalo...” Idem.
- <sup>3</sup> Estes tiveram a chance de ganhar a etnografia de Hélio R.S. Silva.
- <sup>4</sup> Sobre os meninos de rua, ver etnografia do mesmo SILVA & MILITO.
- <sup>5</sup> Institucional aqui são o gênero e a sexualidade. E a reflexividade derivada remonta a uma doutrina socioantropológica “bastante antiga”, como nota GOFFMAN (2002: 44), em *The Arrangements between the Sexes* [1977].
- <sup>6</sup> Capítulo V.
- <sup>7</sup> Há ainda a acepção que lhe designa a função de “hospedeiro público” ou “intermediário em transações comerciais”. V. o *Dictionary of Classical Antiquities*.
- <sup>8</sup> Vila Mimosa é o nome de um lugar na cidade do Rio de Janeiro, a zona de prostituição construída por cafetinas e prostitutas provenientes da Vila Mimosa, esta sim uma vila, no sentido justo do termo. Para evitar confusões, procurarei, ao longo de todo o texto, fazer as devidas distinções entre uma e outra, às vezes denominando a antiga Vila Mimosa com minúsculas, referindo-me expressamente ao seu uso original: “vila”.
- <sup>9</sup> V. ZORBAUGH, 1970.
- <sup>10</sup> Termo inglês utilizado nos trabalhos de ecologia urbana da Escola de Chicago para designar a área central de comércio. Desde a década de 1920, os sociólogos e antropólogos de Chicago se dispuseram a compreender a cidade e seus problemas através da análise que levasse em conta a expansão urbana como um *processo*. Ernest Burgess, em um artigo de 1925, propôs ilustrá-lo por uma série de círculos concêntricos designadores tanto das zonas sucessivas de extensão urbana quanto dos tipos de áreas diferenciadas no processo de expansão. Assim, já naquela época, ele situava a prostituição na zona de *Loop*, também chamada Zona Central de Comércio (zona I); na zona de transição, ou de deterioração (zona II) e na zona residencial (zona IV). V. BURGESS (1970:356) e SIMÕES (2009).
- <sup>11</sup> O debate em questão se estrutura especialmente no campo dos movimentos sociais, entre grupos organizados em torno da prevenção da aids e das doenças sexualmente transmissíveis. Entretanto, as controvérsias vão muito além da problemática estritamente relacionada à prevenção, tendo bases muito mais profundas ancoradas na questão identitária e nos direitos das prostitutas, segundo os ideais defendidos pela Rede Brasileira de Prostitutas.
- <sup>12</sup> SILVA refere-se ao campo como o “jargão comum entre antropólogos para designar o período estritamente dedicado à observação”. Op.cit: 80. Para o leitor interessado em uma análise desse conceito em antropologia, v. PULMAN, 2007.

- <sup>13</sup> 1975:79.
- <sup>14</sup> Autarquia da Secretaria de Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro.
- <sup>15</sup> Empresa municipal de urbanização.
- <sup>16</sup> No Capítulo 2 estão algumas situações que descrevem, de maneiras diversas, a existência desse novo público e o interesse mútuo que permite destacar os elementos fundadores do atual contexto social.
- <sup>17</sup> A esse respeito, v. SIMÕES, 2004.
- <sup>18</sup> Desde setembro de 2002, a prostituição consta na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), catálogo das ocupações reconhecidas pelo Ministério do Trabalho. Como colaboradora da ONG Davida – Prostituição, Saúde, Direitos Cívicos, tive a oportunidade de estar presente nos dois dias de reunião acompanhando os procedimentos empregados pelos delegados do Ministério do Trabalho para auxiliar os representantes da categoria na definição profissional do seu ofício. Sobre o reconhecimento da prostituição pelo Ministério do Trabalho e o imprescindível exercício exegético que a fez fazer figurar na CBO, v. SIMÕES, 2009.
- <sup>19</sup> SIMMEL, 1983.
- <sup>20</sup> MEAD, 1988.
- <sup>21</sup> MALINOWSKI, 2000.
- <sup>22</sup> Durante o período em que trabalhei na ONG Davida, participei como colaboradora do jornal *Beijo da Rua*, publicação produzida pela ONG e que contava com o apoio do Ministério da Saúde para a impressão e a distribuição em todas as áreas de prostituição do território nacional. Entre as reportagens que me foram destinadas, uma, em especial, tratou das expectativas da prostituta e do cliente quanto à qualidade do serviço prestado, ou seja, do “programa”. Cf. “Programa, programinha: prostitutas e clientes revelam o que faz deles e delas boas ou más companhias”, SIMÕES & NOBRE, *Jornal Beijo da Rua*, julho 2002.
- <sup>23</sup> TARDE, 2008.
- <sup>24</sup> “Por que a prostituição, que preenche uma lacuna da instituição do casamento, tão defeituosa diante de certos olhares, é então desonrada apesar de socialmente necessária (seja sob uma forma regulamentada ou não)? Das duas coisas uma: ou a prostituição, se ela continua a ser uma desonra a despeito de sua utilidade, desaparecerá fatalmente e será substituída por alguma outra instituição que remediará melhor os defeitos do casamento monogâmico; ou então ela subsistirá, mas tornando-se respeitável, quer dizer em se fazendo respeitar-se de bom ou de malgrado, o que poderá acontecer pouco a pouco, quando ela se tornar sindicalizada, organizada em corporação potente, onde só se entrará oferecendo certas garantias, onde serão cultivadas certas virtudes profissionais que elevarão o nível moral dos associados.” Tradução da autora. TARDE, 2008: 91.





## CAPÍTULO I

*...gente como a do Mangue vive porque é teimosa.*

Manuel Bandeira

### A escolha do “outro”

Lembro-me que era ainda uma criança quando soube da existência de um lugar chamado Vila Mimosa, tema surgido numa conversa em que os “homens da família” emitiam comentários sobre “o que restou do Mangue”. O tom desses comentários indicava que o *resto do mangue* eram prostitutas, e a força dessas duas imagens (“resto” e “mangue”) criou, no meu imaginário, um quadro desolador de mulheres cuja atividade foi responsável pelo seu confinamento em um lugar sem nenhuma referência em meu mapa particular. Um lugar, portanto, obscuro, cuja representação era a de um “depósito” chamado Vila Mimosa. O lugar onde se guardava o proibido.

Neste quadro, estavam presentes as ideias de separação, demarcação, punição e purificação como sendo necessárias e impositivas àquele grupo de pessoas cujo comportamento sexual transgredia o padrão social estruturado, representando, dessa maneira, o mito desagregador da célula familiar. Tal composição espelhava ainda, e de maneira contundente, uma série de oposições (dentro/fora, puro/impuro, vida/morte), responsáveis pela construção e atribuição de uma ordem ideal da sociedade que, por ser ideal e pretender uma ordem, tem como principal função a “sistematização em experiências inerentemente desordenadas”.<sup>1</sup>

Antes de ordenarem o mundo e darem sentido às ações, as classificações também se caracterizam por repousarem sobre cortes arbitrários de um mundo sensível e, a princípio, desordenado. Basta dizer que a associação imediata de mangue com lama ou lodo e a possibilidade de estes elementos estarem inseridos em contextos de moradia ou habitação nos leva à noção de sujeira, reforçando as crenças de que aquele lugar e suas personagens pudessem encarnar uma ameaça a um ideal de ordem que, ao longo da história, esteve sempre vinculado às noções de limpeza e higiene.

Se pudermos abstrair patogenia e higiene de nossa noção de sujeira, estaremos diante da velha definição de sujeira como um tópico inoportuno. Esta é uma abordagem muito sugestiva. Implica duas condições: um conjunto de relações ordenadas e uma contravenção desta ordem. Sujeira, então, não é nunca um acontecimento isolado. Onde há sujeira há sistema. Sujeira é um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique em rejeitar elementos inapropriados. [...] Resumindo, *nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou idéia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais.*<sup>2</sup>

Partindo deste princípio, o Mangue simbolizava um lugar de separação de um tipo de comportamento ameaçador, cuja existência difusa pelas ruas centrais do Rio impedia o estabelecimento da ordem que se buscava com a modernização da cidade.

A ideologia do progresso, despontando no horizonte da reforma urbana que se iniciou com o famoso “bota-abaixo” do prefeito Pereira Passos, ao mesmo tempo produzia a marginalidade que pretendia banir, e com ela contrastava, pois esta constituía uma política voltada para os interesses de grupos sociais e econômicos desvinculados da população local.

A modernidade, então,

explicitava-se na eliminação do atraso colonial, com o combate aos costumes e usos tradicionais e na construção de uma nova imagem de cidade, livre das ruelas estreitas e sujas; da população negra e pobre que *infestava* o centro [...]<sup>3</sup>

A chamada herança portuguesa simbolizava o atraso. O Rio precisava crescer, acompanhar o curso do tempo, modernizar-se. Paris era o modelo, e Haussmann, seu criador. Essas imagens perduraram no imaginário coletivo, fazendo mesmo parte dele a ponto de ainda hoje ser possível ouvir pelas ruas da cidade argumentações que associam, de maneira bastante rudimentar, as origens dos problemas brasileiros à colonização portuguesa.

## O Manguê

De acordo com as classificações feitas ainda no século XIX pelas autoridades médicas e policiais, as prostitutas, mulheres “entregues inteiramente à ociosidade” e despreocupadas com o próprio futuro,<sup>4</sup> pertenciam a três ordens distintas que se destacavam, simultaneamente, pelo grau de instrução, pelos homens aos quais atendiam e pelo lugar onde trabalhavam.

O chamado baixo meretrício era composto de prostitutas das chamadas segunda e terceira ordens, de acordo com classificações existentes em teses defendidas ao longo do século XIX na Faculdade de Medicina, todas baseadas no trabalho do médico francês Parent-Duchâtelet. Pela sua ótica positivista, a mulher se deixava levar mais facilmente pelas paixões e tinha como principal característica a passividade, tornando-se presa fácil nas mãos daqueles que quisessem explorá-la. A biologização imposta por esse discurso sugeria que toda e qualquer mulher era uma prostituta em potencial, podendo ser “salva” por uma boa educação moral e religiosa ou gozando de boas condições econômicas.<sup>5</sup>

No Rio de Janeiro, essas mulheres eram, em sua maioria, negras ou açorianas, que “se vendiam aos homens que possuíam apenas algum dinheiro, poucos encantos e ilustração”.<sup>6</sup> Elas concentravam-se principalmente na freguesia do Sacramento, parte central da cidade que abrangia a área onde hoje encontra-se o bairro da Cidade Nova, lugar marcado pela existência de pequenos hotéis de trânsito, hospedarias, casas de cômodo e também, posteriormente, dos bailes públicos condenados pela moralidade de então.

Na revista *Kosmos*, de maio de 1906, um artigo assinado por Fantasio delineava uma “geografia moral da cidade” a partir do estilo das danças existentes em cada bairro, pois, dançando, “os rapazes e as raparigas se conhecem e amam...”

Mas saiamos e vamos à Cidade Nova.

A Cidade Nova! [...] um mundo novo, de onde a quadrilha foi banida [...] Aqui, tem o *maxixe* o seu reino incontestado. O *maxixe*! A Hespanha tem o *bolero* e a *cachuca*, Paris tem o *chacut*, Nápoles tem a *tarantella*, Veneza tem a *forlana*, Londres tem a *Giga* – e a Cidade Nova não lhes inveja essas riquezas, porque possui o *maxixe*. Aqui, já não se tocam apenas os corpos: collam-se.

As mãos d'ella pesam – jogo doce! – sobre os hombros d'elle; nos braços d'elle, como n'um estojo apertado, anseia a cintura d'ella.

*“Olhos cerrados na volupya doce”*

com um sorriso de beatitude nos lábios os dois parecem.

*“Na mesma árvore, dois galhos...”*

*No mesmo galho, dois fructos...”*

O inglês Cook, que viajou pela Polynésia, viu um dia os Tasmânicos dansarem a temordia, e escreveu: “é a Volúpia em acção, é a apothese da Luxúria!” Ingênuo Cook! Que escreverias tu, se viesses à Cidade Nova?

(Fantasio, *Revista Kosmos*, maio 1906)

O maxixe passou a fazer parte das fantasias dos homens das classes médias, acostumados ao pudor das *soirées* que aconteciam nas casas de família dos bairros mais abastados. A sensualidade da dança era um impedimento à presença de suas mulheres nos bailes da Cidade Nova, já que estas deveriam ser preservadas para “situações de um lazer menos escandaloso”, sendo mobilizadas para este “divertimento libidinoso as fêmeas das classes inferiores”.<sup>7</sup>

Tamanha sensualidade sendo exibida em bailes públicos era um risco impensável para determinadas mulheres da sociedade. O custo de serem comparadas ou confundidas com prostitutas era, no mínimo, comprometedor. O fantasma da prostituição também reforçava a noção de alteridade, simbolizando um mundo onde tudo se transformava em mercadoria e instituindo, assim, “fronteiras simbólicas que organizavam as relações sexuais num espaço geográfico da cidade especialmente destinado à evasão, aos encontros amorosos e à vida boêmia”.<sup>8</sup>

Nos arredores da praça Onze, tudo isto tinha vez. Lá eram comuns as disputas por vezes sanguinárias, travadas entre os paladinos do “povo da lyra” que, a passos de capoeiragem, resolviam o destino dos beijos de suas “Dulcinéias escuras”.<sup>9</sup> Vários autores da época não pouparam palavras para descrever o cotidiano da Cidade Nova, com seus candomblés e casas de zungus, suas danças, ritmos, cheiros e modos de habitar a cidade que eram tão execrados por nossos médicos higienistas e engenheiros sanitaristas, guiados pelas teorias de urbanismo que modificaram a capital francesa e inspirariam a transformação da capital brasileira no início do século XX.

A cidade moderna não poderia ser composta pelos elementos existentes naquele local, onde a prostituição vinha sendo exercida de maneira difusa. Para os agentes do planejamento oficial, havia a compreensão de que seria praticamente impossível extingui-la, visto tratar-se de um fenômeno ao mesmo tempo social e “natural”. Nesse sentido, seria mais conveniente adotar uma política de tolerância, embora a prostituição constituísse um mal, porém um “mal necessário” e, portanto, funcional, cujo papel, segundo Parent-Duchâtelet, seria o de “canalizar os resíduos seminais masculinos”, sem provocar problemas na organização social.<sup>10</sup>

Ao serem privilegiados tais aspectos, dois fatores preponderantes surgiam: 1) a criação de locais específicos para o exercício da prostituição e 2) o controle de saúde das prostitutas visando à não propagação de doenças para homens solteiros e casados e, conseqüentemente, para suas famílias. Estes dois pontos preservariam os valores morais definidos por uma lógica burguesa, delineando o perfil da prostituta de maneira a enquadrá-la como desprovida de qualquer faculdade de discernimento e, ainda, portadora potencial de moléstias ameaçadoras.

A criação do bordel higienizado era, portanto, a medida que melhor se adaptava a esses interesses. Sua localização já tinha até mesmo um espaço naturalmente definido pelas interações que se davam nos botequins e pequenos hotéis existentes nas ruas próximas ao canal do Mangue, a meio caminho das estradas de ferro Central do Brasil e Leopoldina, onde operários da construção civil, marinheiros, caixeiros viajantes, outros trabalhadores e imigrantes constituíam um forte atrativo para o exercício da atividade.

A grande mobilidade desta população era um dos distintivos que davam à Cidade Nova o caráter de *área natural* do baixo meretrício no Rio de Janeiro. Este conceito, explorado por Ezra Park<sup>11</sup> para designar áreas cujas atividades resultam da interação social e não do planejamento oficial, evoca a ideia de uma ecologia urbana determinada por fatores econômicos e sociais que influem na distribuição da população em áreas de trânsito, lazer, moradia e trabalho.

Podemos dizer que qualquer cidade impõe, naturalmente, um limite para as modificações arbitrárias possíveis de serem feitas pelo planejamento urbano, uma vez que ele provoca alterações em sua estrutura e em sua ordem moral. São os processos da interação humana, os gostos, as conveniências pessoais e os interesses vocacionais que complexificam as regiões e os usos dos espaços construídos, fazendo

com que a cidade adquira “uma organização e distribuição da população que nem é projetada nem controlada”.<sup>12</sup>

Neste sentido, o zoneamento do Mangue como área de prostituição se deu por um conjunto de forças decorrentes tanto das interações sociais quanto das estratégias de ordenação e moralização do espaço urbano surgidas nos projetos de modernização do Rio de Janeiro.

Não foi por coincidência que, em 1922, o Hospital Escola São Francisco de Assis passou a funcionar no antigo prédio do primeiro asilo para mendigos da cidade, localizado próximo ao Campo de Marte, na rua Visconde de Itaúna, contíguo à “zona do Canal”. Dois anos antes, o governo da antiga capital da República já havia mandado retirar as prostitutas que faziam o *trottoir* em outras áreas centrais, obrigando-as a permanecer nas casas do Mangue, junto com outras que já trabalhavam ali, enquanto o rei e a rainha da Bélgica estivessem em visita à cidade.

Tal medida prenunciava ser o Mangue o lugar ideal para a localização do baixo meretrício, contribuindo para a definição dos espaços morais da cidade e, pela ótica higienista, também para o controle da sífilis e de outras doenças venéreas que assombravam a vida dos cariocas no início do século XX.

A questão sanitária, privilegiada dentro dos conceitos de civilidade e de modernização urbana, era ordenada segundo um controle que atendia também aos interesses burgueses. Assim legitimava-se a ideia, ainda hoje difundida, de que determinados grupos ou indivíduos pudessem pôr em risco o restante da população, *contaminando-a* com seus modos de vida ou através de uma conduta transgressora – ou *poluída*, de acordo com as regras que exprimem, neste caso, tabus relacionados ao comportamento sexual.

Todos os planos de reconstrução da cidade de fato foram pensados sob a luz de uma profilaxia social, na medida em que lidavam com a perspectiva de mudanças sociais advindas das mudanças físicas. Alguns anos após as obras do famoso “bota-abaxio”, executadas durante a gestão de Pereira Passos, o Distrito Federal ganharia seu primeiro plano diretor com o governo de Prado Junior. A proposta de remodelação da cidade nos moldes de Haussman, em Paris, levou à contratação do urbanista francês Alfred Agache, em 1927, pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

No plano constava a expansão do centro comercial rumo à praça da Bandeira, onde seriam localizadas as estações unificadas das

estradas de ferro e de onde se irradiariam diferentes avenidas. Como plano diretor, o estudo de Agache seguia a tendência progressista de *como* as cidades *devem* funcionar, independentemente dos usos que dela fazem os seus habitantes.

Nas críticas feitas ao urbanismo, Jane Jacobs enfatiza o caráter estático do planejamento que tem por finalidade *prever* o que *poderia ser* necessário para a população, cuidando também para que alterações, ainda que mínimas, não ocorram após sua execução. Para a autora, o poder oficial (essencialmente paternalista e autoritário) “não se interessava pelos aspectos urbanos que não pudessem ser abstraídos para servir à sua utopia”, descartando a “complexa e multifacetada vida cultural da metrópole”.<sup>13</sup>

A execução parcial do Plano Agache acabou por preservar parte de um estilo de vida discrepante em relação ao padrão que estava sendo proposto. A Cidade Nova permanecia viva, conjugando modos de habitar e de viver só possíveis pelo amálgama cultural decorrente do convívio de trabalhadores das mais diversas procedências.<sup>14</sup>

Entre os estrangeiros, havia muitas mulheres que, fugidas da Grande Guerra Mundial e das duras condições de vida na Europa, começaram a *batalhar* no Mangue, transformando a antiga zona numa “feira de línguas e dialetos”<sup>15</sup> onde até mesmo o “*ein krenke*” (“doente”), do iídiche falado pelas *polacas* para indicar clientes possivelmente infectados por doenças venéreas,<sup>16</sup> foi aportuguesado para “encrenca”.

Também no Mangue, o mito da superioridade europeia continuava se reproduzindo nas fantasias ligadas ao amor e ao sexo, fazendo com que, a partir de 1930, a zona vivesse seus momentos áureos, expondo, às avessas, uma faceta da modernização à luz dos hábitos sexuais supostamente avançados das mulheres estrangeiras.

Já naquela época, a zona do Mangue abrangia várias ruas, entre elas Júlio do Carmo, Afonso Cavalcanti, Benedito Hipólito e algumas de suas transversais, tais como Carmo Neto, Pereira Franco, Pinto de Azevedo, Marquês de Sapucaí e Visconde Duprat. Ali, Armando Pereira contabilizou cerca de três mil mulheres trabalhando em 200 pensões de

[...] portas e janelas munidas de roídas venezianas, engalanadas com cortinas cor de rosa, de alegres fazendas transparentes, para que as carnes desnudas, recortadas ao vivo, fornecessem a necessária exaltação erótica à clientela a vaguear na *rua quente*.<sup>17</sup>

“Voando pro Mangue” foi o nome dado pelos frequentadores à moeda de cinco mil réis que, além de pagar o preço do prazer em qualquer um dos bordéis, ostentava uma asa como efígie.

Os cáptens, sempre elegantemente trajados e de unhas bem-feitas, reuniam-se nos bares em frente às casas onde *suas* mulheres trabalhavam, ali ficando por horas, jogando, bebendo e contando com palitos de fósforos os fregueses que elas conseguiam ao longo do dia. De vez em quando, a polícia, montada ou a pé, cessava sua marcha para reprimir a golpes de cacete aquilo que considerava ilícito: mulheres fora das casas, algum tipo “suspeito” ou brigas entre homens, mulheres ou “invertidos”.<sup>18</sup>

Esse ambiente de olhares tão vigilantes recebia cotidianamente uma fauna variadíssima, composta de pessoas em busca da iniciação sexual (ou de sua continuidade), vendedores ambulantes, desocupados e “observadores” da licenciosidade generosamente exibida nos domínios do Mangue.

Dentre seus ilustres frequentadores, Manuel Bandeira, Lasar Segall, Di Cavalcanti, Antônio Fraga,<sup>19</sup> Cartola, Luiz Gonzaga e Moreira da Silva buscavam inspiração, trabalho ou romance sob as luzes amareladas dos postes da Light and Power, representando uma época em que a prostituição ali cumpria não só o papel de negócio, mas também de um estilo de vida.



**Figura 1 – Lasar Segal. Série “Mangue” (mls0419, mls0334, mls0423, mls2326, mls2354).**



A grande diversidade de origens dos que procuravam acolhida no Mangue era um dado bastante significativo, tanto em termos da organização social da cidade quanto da representação da zona como um *destino* para milhares de mulheres (e homens), migrantes ou não.

Dentro da concepção elaborada por Schutz,<sup>20</sup> a condição de forasteiro contempla todos aqueles que não participaram das experiências passadas do grupo ao qual se incorporam, sendo, portanto, pessoas “sem história”. No esquema interpretativo do seu grupo de origem, ele encontra a razão para sua atitude de observador no novo grupo, comportamento que, aos poucos, vai se convertendo numa atitude de aspirante a membro, quando ele passa a ocupar um espaço onde todos conseguem identificar um raio de expectativas em relação ao seu novo *status*.

Assim, “a pauta cultural do grupo abordado já não é um objeto de seu pensamento, mas um setor do mundo que deve ser dominado mediante ações”.<sup>21</sup> Quando a nova pauta cultural deixa de ser uma *aventura* para se transformar num *refúgio*, inquestionável e protetor, ele perderá seu *status* de forasteiro e sentir-se-á incorporado à realidade que agora domina e tem como sua.<sup>22</sup>



Com a construção da avenida Presidente Vargas, em 1945, o Mangue e parte do Centro da cidade sofreram uma de suas primeiras grandes cirurgias. Cerca de 500 edifícios foram abaixo junto com quatro igrejas, um mercado, a sede da prefeitura e muitos bordéis, espalhando o medo da *proliferação* da prostituição em outras áreas da cidade.

As desapropriações tiveram curso simultaneamente às *políticas de tolerância*, que primavam pela disseminação quase diária da violência, do terror e da opressão, como se a principal finalidade das “batidas” policiais fosse ensinar prostitutas a fechar as portas e janelas dos salões, *disfarçando* a situação que era exatamente a mais característica daquelas ruas, conhecidas como “quentes”. Nos depoimentos levantados, tanto prostitutas quanto policiais deixam claro que suas condutas eram as esperadas diante de uma política que se denominava *tolerante*.

Cada delegado que chegava na gestão impunha a ordem deles. Tinha muitos famosos: teve o Padilha, teve o Ari Leão, teve o

Hélio Vigio, o coronel Etchegoyen... Mas o delegado mais ruim que teve foi o Dr. Padilha. Quando ele chegava, todo mundo batia a porta. Ele era brabo! *Mas no final não era ruim não. Ele fazia aquilo porque tinha que fazer* [ri].

(Mil e Uma Noites, 2001)<sup>23</sup>

Em 1954, quase dez anos depois da construção da grande avenida, iniciou-se a experiência conhecida como República do Mangue, termo cunhado pelos policiais da Delegacia de Costumes e Diversões (DCD) com o objetivo de fichar as prostitutas daquela área para que fossem exercidos os controles médico (sob a orientação do hospital Gafrée e Guinle) e policial (a cargo do 13<sup>o</sup> Distrito, localizado na rua Julio do Carmo número 17, em plena “zona”).

Neste período, o Mangue voltava a atingir a eminente posição que alcançara no passado, mais especificamente aquela da década de 1930. Agora, novamente, as *ruas quentes* acolhiam um grande número de mulheres nas antigas casas e em outras tantas que se abriam.

Por serem os imóveis onde funcionavam os bordéis pertencentes à municipalidade por uma lei de 1834, os aluguéis cobrados às cafetinas não passavam da irrisória quantia de mil cruzeiros. O que valorizava o ponto era a multidão de homens que diariamente visitava o lugar, aquecendo o comércio e elevando a cotação até a casa dos milhões.

O posto de “dona de casa” era bastante cobiçado. Este termo, uma categoria local para “cafetina”, diluía o sentido estigmatizante e comprometedor da ocupação por ocultar a relação de trabalho, que figura no código penal como lenocínio. Muitas das “donas de casa” do Mangue eram estrangeiras e sobre elas recaíam suspeitas de que integrassem redes internacionais através das quais chegavam ao Mangue mulheres provenientes de outros países. Isto determinaria uma série de ações políticas realizadas pela Seção de Meretrício da Delegacia de Costumes em relação à chamada República do Mangue.

A primeira delas consistiu na proibição de entrada e permanência das donas de casa e suas gerentes nos lupanares. Qualquer tentativa de reação era frustrada com a prisão. A vigilância da polícia à porta dos bordéis tornou-se ostensiva e, evidentemente, agressiva, uma vez que a mudança da rotina foi imposta sem, no entanto, resguardar as prostitutas de uma constrangedora e opressiva relação anteriormente estabelecida entre elas e algumas donas de casa. A partir daquele

momento, os policiais passaram a exercer sua autoridade de maneira a legitimar a posição criminalizada das cafetinas, muito embora eles mesmos viessem a substituí-las, dando continuidade ao exercício do proxenetismo junto às mulheres do Mangue.

Assim, a tentativa de “libertá-las” das condições impostas pelas donas de casa parecia também ser a de sacramentar papéis legais e ilegais no meio da prostituição, mesmo sendo considerado legítimo o controle policial que induzia e submetia sem distinções todos aqueles personagens ao chamado submundo do crime.

A condenação extraoficial fazia com que esses indivíduos se agrupassem em fechadas redes de convivência e solidariedade para protegerem-se da dominação policial, que representava o reconhecimento expresso da prostituição como uma atividade socialmente definida como crime, por contrariar valores morais vigentes, embora não constasse do código penal.<sup>24</sup>

Sempre sob a vigilância dos policiais, a segunda providência foi entregar a gerência dos bordéis às prostitutas por meio de eleições. Segundo Pereira, o “cargo possuía caráter rotativo cabendo a todas, teoricamente, o direito de exercê-lo”.<sup>25</sup> Tal medida desconsiderava a relativa superioridade de algumas delas por serem alfabetizadas, independentemente da liderança que exerciam entre as colegas. Como lembra o próprio autor, muitas gerentes eleitas passaram a agir como “verdadeiras cafetinas”, classificação que ele atribui a um caráter tirânico e aleivoso, visto que algumas se aliaram a antigas donas de casa e outras fugiram com o dinheiro destinado ao pagamento de contas, salários e aluguéis.<sup>26</sup>

O cotidiano das 1.670 mulheres fichadas pela polícia em 1967 já havia se encarregado de absorver as adversidades implícitas em tais medidas, estabelecendo regras paulatinamente adotadas e adaptadas nas casas do Mangue. Entretanto, a visita de uma ilustre personagem vinda de terras distantes tornaria aquela região parcialmente invisível para aqueles que cruzassem a avenida Presidente Vargas.

Por ela passaria a comitiva da rainha Elizabeth II, e a ordem dos militares era esconder o Mangue com tapumes. A “zona”, finalmente, teve seus limites geográficos traçados. O que seria apenas uma medida provisória de ocultação do “atraso social”, terminou por constituir-se numa bem urdida trama de coação e opressão, asfíxiante para todos aqueles menos favorecidos pelas políticas públicas.



**Figura 2 – Os tapumes incitaram ainda mais a curiosidade dos transeuntes que passavam pelo Mangue.**

Em 11 de dezembro de 1970, o *Jornal do Brasil* chegou a anunciar o fim do Mangue. Mais de 30 casas estavam sendo desapropriadas, e outras tantas deveriam passar pelo mesmo processo até o final de março, pois, desde o início, a década de 1970 seria marcada pelas obras de construção do metrô e do Centro Administrativo São Sebastião (CASS), prédio que abrigaria este setor da prefeitura do Rio de Janeiro.

●●●

Da Pinto de Azevedo para a Luís Pinto, de lá para a Júlio do Carmo ou para a Carmo Neto e Visconde Duprat. Em meio a tantos roteiros de fuga das desapropriações decorrentes agora da execução do Plano Doxiadis – que englobava a Cidade Nova e o bairro do Catumbi num novo traçado que permitiria, ainda, a ligação do porto com a Zona Sul através da Linha Lilás e do túnel Santa Bárbara – o Mangue sobrevivia. O Mangue não podia acabar. E resistia a cada ideia saída da cabeça dos planejadores que, ao se debruçarem sobre o mapa do Rio, vislumbravam a construção de uma nova cidade a partir da Cidade Nova.

A perspectiva que a prancheta do urbanista proporcionava, no entanto, não continha a densidade que conferia sentido à vida dos habitantes da região. Na medida em que passava a afetar a vida emocional e ativa dessas pessoas, obrigando-as a destinar parte de suas preocupações diárias à reformulação de seus cotidianos, o plano de reforma ganhava *realidade*.<sup>27</sup>

As desapropriações e demolições que ocorriam muitas vezes deixavam brechas e lacunas nas ruas e, conseqüentemente, na identidade do bairro. Maria Amália, pernambucana que fixou residência na rua Machado Coelho em 1924, personificava o desconsolo de quem *não saberia* morar em outro lugar. Todos os meses ela saía para receber a pensão do INPS e, na volta, parava no largo do Estácio para comprar arroz, feijão, fubá, farinha de trigo, ovos, carne moída, linha e agulha, rotina cultivada havia mais de 30 anos.<sup>28</sup>

As conseqüências da reurbanização da Cidade Nova forçaram a redefinição de milhares de trajetos diários, desconstruindo todo um sistema de referências morais, espaciais e afetivas que dão, por definição, sentido à chamada “vida comunitária”.

Dentre os poucos habitantes que ainda sobreviviam à desconstrução daquele sistema, prostitutas e cafetinas representavam a maioria dos resistentes ao avanço do progresso. Juntos, todos temiam a chegada do dia em que seriam obrigados a procurar um novo lugar para recomeçar a vida, um lugar que causasse o mínimo de impacto na organização de seus cotidianos.

O Projeto CASS, que reurbanizaria o entorno do novo centro administrativo do governo municipal, implantou no coração do Mangue o prédio que se impôs como símbolo da nova Cidade Nova, embora sua construção parecesse mesmo simbolizar um outro marco na história da cidade. Um marco exatamente para a história que se tentava exorcizar. Pelo apelido que ganhou dos cariocas, o CASS passou a exercer a função de memória urbana da destruição. “Piranhão” foi o nome com o qual a população o rebatizou, numa espécie de anti-homenagem à construção que definitivamente aplainou a zona do Mangue.

As nuances de tal conotação pejorativa espelharam uma crítica contumaz da população, realçando, por analogia, uma das representações que identificavam na atividade política a característica estigmatizante e estereotipada da prostituição, ou seja, a de ser uma atividade na qual, por excelência, “em se pagando, tudo dá”.

Com as obras, a área abrangida pelo Projeto CASS já não mais deixaria espaço para o deslocamento das prostitutas pelas outras ruas que configuraram o Mangue. Havia, porém, num pequeno trecho fronteiro entre a Cidade Nova e o Estácio, uma pequena travessa com casas, próxima ao sítio reurbanizado e à estação de metrô Estácio de Sá, para onde as prostitutas e cafetinas se deslocariam, pela última vez naquele bairro, em 1979.

## A Vila Mimosa

Em frente à rua Miguel de Frias, por onde havia muito tempo entravam os bondes que levavam à Quinta da Boa Vista, localizava-se a Vila Mimosa. No pórtico, o número XLI (quarenta e um, em algarismos romanos) sugeria a longevidade das 21 casas que a compunham junto com os canteiros redondos repletos de fícus ao centro do calçamento.

Nos fundos da vila, um muro a separava da travessa Guedes, impedindo o uso de ambas como local de passagem entre as ruas Miguel de Frias e Machado Coelho, então dois dos principais corredores do bairro do Estácio.

Em meados da década de 1970, 3.300 imóveis foram demolidos junto com o muro. Em seu lugar, um ponto do jogo do bicho passou a atrair apostadores todos os dias, das seis às 18 horas, anunciando uma nova apropriação dos espaços da Vila Mimosa.

Esta Vila já foi Mimosa. Depois que demoliram as casas do fundo, destruíram o muro e entraram os *bicheiros*, os *malandros*.  
*A nossa rua particular virou passagem.*

(Pedro Correa Lima, morador, em depoimento ao  
jornal *O Globo* de 4 de agosto de 1975)

Histórias? A única que existe é que tudo isto vai abaixo. Todo mundo já foi embora, eu não tenho mais amigos aqui, você vê. Já está na minha hora também.

(Rosa, moradora, 1975)

A expectativa de um fim antecipava o descuido com a aparência das casas, moribundas diante do abandono de seus antigos moradores. Nas janelas, que antes emolduravam conversas de vizinhos, pedaços de caixotes faziam as vezes de vidros e persianas. À sombra das árvores, o lixo sobre a calçada ocupava o lugar destinado às cadeiras, antigo posto privilegiado de observação vespertina da vida do bairro.

O calçamento interno da vila e da travessa deixou de ser extensão das "casas de família" para se transformar num corredor de estranhos, de pessoas "de fora". Transformada em passagem, a Vila Mimosa abria-se para interesses comerciais, especialmente para os da prostituição. Suas casas eram as últimas construções, próximas

ao já desfigurado Mangue, que ainda preservavam as características essenciais para o funcionamento dos bordéis. Além disso, mesmo seu proprietário era desconhecido, sendo os aluguéis pagos no Banco Predial.

Na época cada um chamou as famílias e conversou. Demos, cada um, um dinheiro e as famílias saíram e nós entramos nas casas. O que que as famílias iam fazer? A prostituição invadiu a avenida, a vila. Ali não dava pra mais ninguém a não ser pra prostituição. Passaram e foram embora, cada um foi procurar seu lugar, seu destino. Claro! Ia ficar ali, como que eles iam ficar ali no ambiente? *O ambiente mudou.*

(Mil e Uma Noites, 2001)

Enquanto houvesse casas, a prostituição do Mangue resistiria, e não sem razões. A grande oferta de transportes coletivos e o estabelecimento de uma fiel freguesia ao longo de quase um século eram motivos suficientemente fortes para que se mantivesse vivo o signo de um passado a ser esconjurado pelo planejamento oficial.

Após as desapropriações das casas das ruas Júlio do Carmo, Pereira Franco e Carmo Neto, as prostitutas e “donos de casa” do Mangue mudaram-se definitivamente para a Vila Mimosa, em 1979.



**Figura 3 – (Foto: Gianne Carvalho). A porta: posto legítimo das prostitutas da Vila Mimosa.**

Para eles se tornaria inegável o aspecto positivo que esta mudança espacial acabou proporcionando. Ao separar em dois momentos a trajetória desses personagens, a Vila Mimosa passou a simbolizar uma resistência. A partir da tomada de consciência do significado deste recomeço, predestinado a ser o último sobre aquele território, foi possível criar uma identidade de grupo, inclusive por ser este o mais importante e definitivo recurso de que dispunham para pleitear o direito à existência e permanência no local, enquanto trabalhadores destituídos, social e culturalmente, desta condição.

### 1.2.1 “O Mangue resiste”

Meu desejo seria estar presente, em pessoa, ao ato público do 10 de dezembro, no Circo Voador, para assegurar minha total solidariedade à Rede Nacional de Prostitutas engajada em luta dura e difícil para denunciar as violências de que estão sendo vítimas os habitantes da região do Mangue, em especial as prostitutas, às quais são negados quaisquer direitos, os mais mínimos, vítimas de “grilagem urbana, especulação imobiliária, corrupção e irregularidades administrativas e discriminações sociais”. O que está sucedendo é algo monstruoso e deve despertar a indignação de cada um de nós, de todos os que desejamos o fim do arbítrio e da discriminação. Juntemos nossas vozes e nossos esforços aos dos habitantes do Mangue que pleiteiam que a região seja transformada em área de preservação ambiental. Busquemos impedir que mais um crime seja cometido contra a população do Rio e, em especial, contra o grupo social mais terrivelmente marginalizado e perseguido: as prostitutas. Não podendo estar pessoalmente presente, venho me solidarizar com o que nesse ato se decida em defesa da democracia dos direitos humanos.

(Jorge Amado, Bahia, 1987)

No artigo “Ciclos, carreiras e momentos críticos”, Everett C. Hugues<sup>29</sup> afirma que o “calendário corporifica a memória social”. Embora esteja se referindo especificamente a questão dos ritos, “que reacendem as brasas frias do sentimento”, Hugues reconhece o caráter invariavelmente conservador do calendário e sua natural tendência a



ser o inimigo dos movimentos revolucionários, que anseiam e olham para o futuro. E o calendário é uma forma de memória. O tempo, no entanto, é inexorável, e todos os momentos relevantes na vida de uma coletividade, em especial aqueles que marcam rupturas, estão destinados a integrar um calendário, de modo que as gerações futuras possam lembrar e imaginar o calor da história.

Nos anos 1980, o Brasil passou por profundas transformações políticas decorrentes do fim da ditadura militar. Nesse contexto histórico, movimentos coletivos ganharam voz e força, mobilizando um número cada vez maior de simpatizantes para os problemas de exclusão social de que passaram a reclamar as chamadas minorias.

Por considerar os efeitos desses movimentos essenciais para a construção das identidades coletivas e para a mudança nas relações que se estabelecem entre os agentes públicos e privados no meio desse processo, não podemos deixar de tocar em questões fundamentais na trajetória das prostitutas da Vila Mimosa, questões estas que mantiveram viva a memória da mobilização e da força de que elas dispunham ao se organizarem como categoria.

O encadeamento dos episódios que abordaremos a seguir conferiu à Vila Mimosa um status de renovação e de modernização da prostituição,<sup>30</sup> confirmando o início de uma luta mais incisiva pelo direito legal ao trabalho que teria consequências determinantes no esforço para se manterem nas casas da Vila e, posteriormente, na reconstrução de um espaço onde fossem elas mesmas as proprietárias.



O ano de 1987 foi histórico para as prostitutas do Brasil e, especialmente, para aquelas que trabalhavam na Vila Mimosa. Em junho daquele ano, elas se reuniram no Rio de Janeiro para o I Encontro Nacional de Prostitutas, realizado no Centro de Artes Calouste Goulbenkian, na praça Onze, por iniciativa de Gabriela Silva Leite, então prostituta da Vila Mimosa e liderança nacional do movimento que, à época, coordenava o programa “Prostituição e Direitos Civis”, no Instituto de Estudos da Religião.<sup>31</sup>

A imprensa nacional deu ampla cobertura ao evento, no qual foram discutidas questões relacionadas a direitos, resgate da cidadania, violência, saúde, educação e sexualidade das chamadas profissionais do sexo. Ao final do encontro, surgiram as propostas de criação das

associações de classe, de revogação dos artigos 228, 229 e 231 do Código Penal – que versam sobre vadiagem, lenocínio e atentado ao pudor – e de tombamento da *zona* do Mangue.<sup>32</sup>

Meses depois, as prostitutas da Vila Mimosa figurariam novamente nas páginas dos jornais, ao tornarem públicas as ameaças que vinham sofrendo dos prepostos do pastor Nilson Fanini, dono da extinta TV Rio, então recentemente instalada no prédio ao lado das casas da vila. Sob o argumento da necessidade de ampliar os seus estúdios, Fanini enviou seus representantes à vizinha Vila Mimosa na tentativa de comprar os imóveis.

Alguns proprietários, temerosos diante da situação, acabaram por aceitar o preço proposto, o que levou a uma cisão no grupo e a um subsequente clima de incerteza que os fez mobilizar diversos artistas e intelectuais em favor de sua causa.<sup>33</sup> Há quem diga que os agentes do pastor chegaram a ameaçar algumas prostitutas de morte.

O impasse levou o prefeito Saturnino Braga a baixar um decreto declarando de utilidade pública aquele conjunto de casas, para fins de desapropriação pela Prefeitura. Estando sob alguma tutela e “escoladas” pelas desapropriações já sofridas, as prostitutas sabiam que o risco não estava ausente, mas apenas fora adiado.

“O Mangue resiste” foi então o nome escolhido para o evento realizado no Circo Voador no dia 10 de dezembro daquele ano,<sup>34</sup> como forma de repúdio ao processo de “grilagem urbana” que as estava ameaçando. A carta de Jorge Amado foi lida na abertura do ato, que contou ainda com a presença e o apoio de vários artistas, entre eles a atriz Lucélia Santos, os cantores Martinho da Vila e Elza Soares e o violonista Turíbio Santos.

O incidente com o pastor uniu ainda mais as prostitutas e cafetinas da Vila, pois, meses antes, elas haviam experimentado o gosto de assumir sua identidade política. A categoria aprendeu a se manifestar publicamente e o desenrolar de toda essa história acabou por levar à formação da Associação das Prostitutas do Rio de Janeiro, nome fantasia da Associação dos Amigos e Moradores da Rua Miguel de Frias, com sede na antiga Vila Mimosa.<sup>35</sup>

A unidade “nós da Vila” agora se expressava publicamente. A participação coletiva possibilitou a conquista de um comodato e melhorias no local, mas o principal desdobramento deste episódio verberou no autorreconhecimento dos participantes daquela organização como indivíduos dotados de poder político.<sup>36</sup>

Evidentemente, as ações que levaram à formação da Associação foram respostas à ameaça de destituição de direitos, principalmente aqueles relacionados ao local de trabalho.<sup>37</sup> Experiências frequentes de desapropriação transformaram-se em experiências de lidar com o imponderável, com o desconhecido, com o esboço de um futuro composto por dificuldades reais impostas a cada recomeço, a cada mudança, a cada demolição prenunciadora de um inevitável fim.

Devido a essa sequência de episódios, o motivo por que a Associação se formou tornou-se objetivo, principalmente a partir do caso Fanini, quando agentes públicos passaram a atuar num esquema privado de negociações, envolvendo atores da Vila Mimosa e da extinta TV Rio.

Meu nome é Dario de Oliveira, tenho mulher e três filhos. Meu endereço atual é em Gramacho. Eu moro lá aproximadamente há três meses. Anteriormente eu morava na rua Miguel de Frias 69, fundos, ia completar dez anos. Eu e mais alguns moradores da vizinhança fomos convocados para uma reunião no mês de julho numa casa nos fundos do 71 B, reunião que contava com a presença do dot. [sic] Roberto Fanini, do coronel Santos e do senhor Leite, que se dizia delegado da 6ª DP. Eles nos disseram que ali, naquela rua, seria construída a TV Rio, de propriedade do pastor Fanini, e eles necessitavam de toda a área, e tinham comprado toda a área, e precisavam daquilo desocupado o mais breve possível, no máximo até o mês de agosto para iniciar as obras. Eles me propuseram inicialmente a quantia de Cz\$6.000,00 alegando que o que eu ganhava não dava para pagar uma casa, um quarto, com um aluguel superior a Cz\$2.000,00, então eles me dariam o equivalente a três meses de depósito. Eu achei a quantia irrisória, então eles aumentaram para Cz\$9.000,00, eu ponderei, então eles falaram para mim: “nós vamos te dar Cz\$10.000,00, já tem uma liminar correndo, já tem processo na justiça correndo. Ou você vai pegar esse dinheiro e sair ou vai sair do mesmo jeito sem receber nada.”

[...] quando eu disse que não ia receber dinheiro, que não adiantaria pegar o dinheiro, que não tinha onde colocar minha família, o senhor Leite, que se dizia delegado da 6ª DP, falou com o coronel que era para chamar o camburão, botar o Dario dentro, para resolver o negócio na delegacia.

Sob ameaça eu fui obrigado a assinar um papel. E nesse papel estava escrito o seguinte: que tinha o poder de posse daquele imóvel, que eu morava há quinze anos; isso é mentira. Então o papel alegava que eu tinha 15 anos e outra coisa: no papel não tinha quantia especificada. Todos nós tivemos que assinar o papel sem quantia especificada. Alguns moradores receberam menos que eu, [...] então, todos nós, vendo que a situação estava cada vez pior, nós nos reunimos, os homens, fizemos um abaixo-assinado com o nome dos moradores, eu bati um documento, entreguei ao dr. Varela, subdelegado da 6ª DP. Ele ficou encarregado de, pessoalmente, tomar uma providência. O coronel Leite, ou, aliás, Santos, ficou sabendo desse documento, não sei como, e veio fazer mais ameaças pra mim. E o subdelegado até hoje não nos deu uma posição da investigação que ficou de fazer.

[...] o coronel Santos falou que “olha, nós não vamos resolver a sua situação, nós não vamos te ajudar porque você deu parte da gente na delegacia, você não é nosso irmãozinho”. A partir dali eles começaram a retirar do sobrado as telhas, o assoalho, tudo que nos dava alguma proteção dentro do prédio eles tiraram. Quando chovia, molhava tudo dentro de casa, eu tive que pegar minha família e dividir a minha família, coloquei a minha mulher com o filho mais novo na casa de uma irmã no Jardim Botânico, coloquei meus dois filhos na casa de um primo em Gramacho, isso, as minhas crianças estudando em Botafogo. Eu tinha que acordar de madrugada aqui, ir pra Gramacho, pegar as crianças, e levar para a escola em Botafogo ainda. A minha casa eu tinha que ficar tomando conta. Tudo molhando dentro. [...] Se alguém tem direito àquele local, eu, mais do que qualquer um, tenho esse direito. Porque eu tenho dúvidas se o pastor realmente é dono daquilo. Porque a gente pedia documento e eles nunca mostravam o documento.

Certo dia, vendo uma manchete no *Jornal do Brasil*, eu soube que haveria um culto ecumênico na Vila Mimosa, e que o pastor Fanini estaria presente, que ele estava interessado também em tirar as pessoas dali, nas mesmas condições. Então eu fui participar do culto. Chegando lá, eu procurei saber quem era a dona Gabriela, que estava encarregada dos trabalhos. [...] Procurei a dona Gabriela e estou agora, juntamente com os

companheiros nessa luta. Eles também estão sofrendo, e eu estou sofrendo. Então nós queremos é que seja reparada a injustiça que foi cometida.

(Dario, janeiro de 1988)

Tendo como propósito inicial a possibilidade de denunciar tudo aquilo que despontasse como usurpação, associar-se significava amplificar a voz e ganhar visibilidade pública, pois, como sabemos, as dimensões pública e política abrem novos espaços para o exercício do controle social, demanda urgente a partir daquele momento.

Na definição das motivações, Schutz distinguiu os motivos de nossas ações em duas categorias que se relacionam: 1) a um projeto futuro e 2) a experiências passadas que, por isso mesmo, asseguram a própria expressão de um projeto. O primeiro grupo de motivos, que ele chama de “motivos a fim de”, supõe um estado de coisas projetado, um fim em função do qual uma ação é levada a cabo. Subjetivamente este grupo de motivos refere-se à experiência atual, quando atribuímos significado à ação que estamos processando para atingirmos um objetivo *preconcebido*. No exato momento em que desempenhamos a ação, ainda não temos em vista os “motivos por que” a realizamos, pois somente quando se tornam passado tais ações podem ser observadas para investigarmos em que circunstâncias determinou-se a escolha desta, e não de outra ação.<sup>38</sup>

Com isto quero dizer que o sentimento de usurpação experimentado pelos personagens do Mangue existiu apenas de maneira latente durante o processo de reurbanização, já que eles próprios tinham como natural e inquestionável o mundo privado de direitos que se formava diante do arbítrio do poder oficial. Somente quando confrontados com o risco de terem de deixar as casas por imposição de interesses privados, esses atores puderam reconhecer a fragilidade das posições que ocupavam.

Se inicialmente a formação de uma associação respondia às necessidades imediatas de fortalecimento do grupo, posteriormente a observação do efeito positivo que essa organização fez surtir assegurou uma certa autonomia para que as prostitutas e cafetinas da Vila Mimosa empreendessem voos mais altos.

Anos mais tarde, em 1995, a Vila Mimosa teria seu fim decretado por ocasião do Projeto Teleporto, que previa um traçado inteiramente novo para o entorno do CASS e do prédio onde seria instalado o

mais moderno centro de telecomunicações da cidade. O avanço do progresso, desta vez, seria irreversível, e a Vila Mimosa, símbolo da resistência do Mangue, não sobreviveria aos imperativos dos interesses econômicos, embora a saída das prostitutas e cafetinas das casas tenha sido precedida por uma série de negociações só possíveis em função das experiências motivadoras que, àquela altura, lhes davam a certeza de que sempre haveria uma oportunidade para se discutir politicamente seus próprios interesses.



**Figura 4 – (acervo RIOURB). No canto esquerdo, o Teleporto (nº 1), logo ao lado do Centro Administrativo São Sebastião (“Piranhão”, nº 2), ao fundo a Estação de Metrô Estácio de Sá (nº 3) e, no canto direito, o local onde a Vila Mimosa resistiu ao avanço do progresso.**

Nos jornais, as manchetes anunciavam o fim da Vila Mimosa e, com ela, “mais um pedaço do que ficou do Rio boêmio, da cidade dos tempos da velha Lapa e da Praça Onze”.<sup>39</sup> Nos depoimentos, a resignação surgia como unanimidade:

É a vida, né? Chegou a hora de acabar com a beleza. Agora, tem que botar a modernidade.

(Mil e Uma Noites, dono de casa, janeiro 1995)

Quem manda são eles. Contra a força não há resistência. Eles empurraram a gente quando acabaram com a praça Onze,

depois mais um pouco quando fizeram o metrô. A gente vai vivendo assim sempre. Indo de um lugar pro outro, recomeçando tudo de novo.

(Ana Maria Ferreira, a Fia, dona de casa, janeiro 1995)

Retirar a Vila Mimosa e a quadra da Estácio é retirar as últimas lembranças que se tinha daquela época. Eles são uma referência para mim.

(Maria Alice Santos, ex-presidente da Associação de Moradores da Cidade Nova, janeiro 1995)

Ainda assim, os relatórios da Noronha Engenharia, empresa contratada para a realização das obras do Projeto Teleporto, indicavam que as negociações das prostitutas da Vila Mimosa com a Secretaria de Habitação tiveram curso mesmo durante a demolição de todos os imóveis circundantes. O item “Remanejamentos”, do relatório de junho de 1995, explicitava que, embora diversos contatos tivessem sido mantidos com a Associação de Prostitutas da Vila Mimosa, até aquele momento não havia solução final para a remoção. Já o item “Enfoque Específico”, do relatório de outubro de 1995, comunicava que

Na área das desocupações e demolições, manteve-se somente a pendência da rua Souza Neves, em que seis ocupantes mantêm a posse das edificações, com apoio judicial, estando o tema entregue à PGM e à Secretaria da Habitação. Na mesma linha, aguardam-se as negociações entre a Secretaria da Habitação e a Vila Mimosa para sua retirada. Ganhou nova dimensão a desocupação da Escola de Samba Estácio de Sá, já que a intervenção direta da Secretaria de Obras mudou o rumo das negociações, ficando certa a permanência da Escola em suas instalações até o carnaval.

A “indefinição das desocupações da Vila Mimosa e Estácio de Sá” colocava a possibilidade de suspensão da execução de sete dos 14 setores existentes no projeto de construção de garagens subterrâneas, segundo o mesmo relatório. Do ponto de vista das prostitutas, tal morosidade se atrelava às alternativas de transferência que a prefeitura lhes dava. Uma delas era a compra de um imóvel em São Cristóvão, próximo à avenida Brasil, que gerou manifestações contrárias tanto dos moradores da região quanto das prostitutas, insatisfeitas com a pouca acessibilidade do local.

Jimmy, o engenheiro que coordenou parte das obras, classificou como “problemática” a negociação com as mulheres da Vila. Inicialmente, o papel de mediador agregou-se ao de engenheiro pois, em visitas ao local, eram frequentes as aproximações de prostitutas e donas de casa que buscavam saber um pouco mais sobre as obras que as tirariam dali. A angústia percebida a cada visita era, de acordo com seu depoimento, o fator preponderantemente “problemático” durante as negociações.

Para aqueles que permaneciam na Vila Mimosa, a palavra que melhor traduzia esses momentos possuía outro radical. Gabriela Silva Leite preferiu chamá-los de “dramáticos”, devido à sensação de insegurança provocada pela iminente desapropriação.

Ambas as classificações mantêm relações sintagmáticas com as ideias de *resistência* e *resto*, pois, naquele momento, resistir, ou melhor, *existir*, representava para alguns um problema mas, para outros, um drama.



O prazo dado pela Prefeitura para a entrega das casas diminuía e, apenas no último mês, a então presidente da Associação das Prostitutas da Vila Mimosa, Eunice Coelho, anunciou a compra de um galpão em Duque de Caxias utilizando metade do valor pago pela indenização da Prefeitura. Houve grande insatisfação com a escolha do local - deserto, distante e à beira de uma estrada onde aconteciam “desovas”.<sup>40</sup> Logo em seguida, Eunice desapareceu e, com ela, o restante do dinheiro que deveria ser dividido com todos os outros donos de casa.

Faltando apenas quinze dias para a demolição das casas, cafetinas e prostitutas se cotizaram para comprar outro galpão, desta vez em uma rua na praça da Bandeira, localizada a menos de um quilômetro do ponto que em breve deveriam abandonar. Ninguém ainda sabia direito quem eram as novas donas do imóvel. Uma mulher informou que ali funcionaria uma garagem para ônibus, embora à boca miúda corresse informações de que no imóvel seriam instalados os bordéis da Vila Mimosa.

Finalmente, no dia 2 de janeiro de 1996, prostitutas e cafetinas deixaram o passado rumo à praça da Bandeira. Até mesmo os parisienses puderam acompanhar esta mudança através do jornal *Le Monde*



que, com o título “Le déménagement spectaculaire des prostituées de Rio”, trouxe estampado em sua primeira página o dia em que as mulheres da “quase secular zona de prostituição do Rio” tiveram de deixar suas casas. Esta foi apenas uma prévia da dimensão social do acontecimento que ultrapassou as fronteiras do estado, até mesmo do país, merecendo destaque num dos mais importantes jornais europeus.

*Vila Mimosa, le plus vieux quartier de prostitution de Rio, n'est plus qu'un amoncellement de gravats et de planches que les pluies de ces derniers jours ont déjà transformé en bourbier. La municipalité a décidé d'utiliser le terrain pour y construire un centre ultramoderne de télécommunications destiné aux hommes d'affaires. Le déménagement ne s'est pas trop mal passé. Quarante employés municipaux ont aidé les 1.800 occupants des lieux à emballer leurs affaires dans trente camions, et la mairie a versé 1,8 million de francs de dédommagement à Euridice Coelho dos Reis, présidente de l'Association des prostituées de Rio. Dans la nuit du 2 au 3 janvier, les bulldozers ont abattu les maisons délabrées et les baraques qui abritaient un commerce d'amour plus que centenaire.<sup>40</sup>*

(trecho inicial da reportagem do dia 8 de janeiro de 1996)

## 2. Justificando o recomeço

Histórias tristes fazem parte do elenco de motivos que pontificam a vida na prostituição. Como extensão destas histórias pessoais, há entre aqueles que construíram suas trajetórias no Mangue e na Vila Mimosa duas passagens sempre lembradas como marcos comprobatórios de tantas dificuldades.

Além de darem sentido à *exemplar* força de quem conhece a vida “como ela é”, esses marcos, com o passar do tempo, cristalizaram-se ganhando uma dimensão arquetípica que sublima a existência da nova Vila Mimosa nas narrativas daqueles que a criaram.

O comodato conquistado à época do conflito com os representantes do pastor Fanini, em 1987, e o roubo da verba destinada à indenização pelas desapropriações das casas da Vila Mimosa, em 1995,<sup>41</sup> são frequentemente contados não só pelos mais velhos como também pelos funcionários da Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa (AMOCVIM) que atendem estudantes, cineastas, jornalistas e outros pesquisadores interessados em conhecer sua história.

Se do primeiro evento se destaca a formação de uma identidade coletiva e o reconhecimento público da positividade dessa participação política, do segundo, por sua vez, se destaca a capacidade de soerguimento do grupo, tradicionalmente posta à prova segundo as narrativas de seus personagens. Para estes, o dia da mudança para a praça da Bandeira ressurgiu como mais uma desagradável lembrança repleta de empecilhos que, no entanto, assinala o início de uma nova etapa em suas trajetórias.

“O fim da Vila Mimosa”

(*O Dia*, 3/1/1996)

“Moradores da Praça da Bandeira protestam contra prostitutas: Cerca de cem moradores fecharam a Radial Oeste por trinta minutos...”

(*O Globo*, 4/1/1996)

“Algumas prostitutas foram morar na Praça da Bandeira”

(*A Notícia*, 4/1/1996)

“Nova Vila encontra resistências: Cerca de quarenta prostitutas enfrentaram moradores...”

(*Jornal do Brasil*, 4/1/1996)

“Maia acaba com Vila Mimosa e cria nova polêmica”

(*Tribuna da Imprensa*, 4/1/1996)

“Revolta contra nova Vila Mimosa: Moradores xingam prefeito por causa da mudança das prostitutas para a Praça da Bandeira”

(*O Dia*, 4/1/1996)

“Comissão de moradores da Praça da Bandeira entregou abaixo assinado com mais de 600 assinaturas ao vereador José Moraes (PFL)”

(*Jornal do Brasil*, 5/1/1996)

“Na Sotero dos Reis, moradores revoltados dificultaram a retirada dos móveis dos caminhões: ‘não sabemos se elas vieram só para guardar os móveis ou vão se estabelecer aqui’”

(*A Notícia*, 5/1/1996)

“*Le deménagement spectaculaire des prostituées de Rio*”

(*Le Monde*, 6/1/1996)

Nas memórias dos que vieram transferidos da antiga Vila Mimosa, o dia da mudança ressurgiu como uma lembrança desagradável. No início, apenas 12 cabines improvisadas no andar superior do galpão comprado pelas cafetinas serviam ao trabalho de cerca de 600 prostitutas, obrigando a formação de enormes filas em frente a cada porta. Devido à demora, muitos clientes optavam pelas dependências do Hotel Canário, antigo pardieiro localizado na rua vizinha que, com o surgimento da prostituição nas imediações, voltou a ter seus quartos ocupados.

Dentro do galpão, *frezers*, mesas e cadeiras eram dispostos de maneira a estruturar, com revestimentos invisíveis, os espaços de cada “casa”, reconstruindo, na medida do possível, aqueles que haviam no interior daquelas demolidas.

O imóvel ainda estava sendo reformado para atender às necessidades de cada dono, mas, enquanto as obras não terminavam, todos continuavam a trabalhar no andar superior, pois o primeiro, antes destinado à garagem dos caminhões de uma empresa de laticínios, permanecia completamente devassado pela rua.

As dificuldades enfrentadas pelo imprevisto das primeiras instalações, no entanto, obscurecem diante da pergunta sobre como se deu tal mudança. Neste momento, as agressões morais e físicas sofridas nos confrontos com os moradores são ressaltadas como um marco que, ao ser referido retrospectivamente, ressalta para esses atores uma *vitória* pelo estabelecimento da Vila Mimosa, mérito decorrente da *ordem*, da *modernização* e da *organização* do grupo.

Moraes<sup>42</sup> ressalta que a concessão do comodato, em 1987, simbolizou para o grupo a passagem para a mobilização política na luta pelo espaço. De fato, ainda hoje este episódio é lembrado como um divisor de águas, um marco cuja culminância foi a garantia de permanência e o reconhecimento da força política que eles dispunham ao se assumirem como coletividade. Da mesma forma, a relevância do conflito com os moradores demarca, para muitos desses personagens, a mudança de comportamentos relativos à existência da Vila Mimosa, pois enfatiza a acomodação como uma vitória alcançada também pelo reconhecimento dessa organização.

Hoje, um dos novos comerciantes da Vila explicita a vontade de “mudar o conceito de zona”, ideal que se realiza por meio de investimentos em melhorias na infraestrutura e na implantação de serviços que qualifiquem o lugar como “ordenado” e “limpo”.

[...] a qualidade que a Vila é hoje, né? O nível das casas. Hoje você vê uma casa como essa que nós estamos. Nós fomos ampliando, ampliando, ampliando [...] procurando sempre qualidade, melhor qualidade de serviços. Ali quando você entrou, tem um salão de cabeleireiro, entendeu? Estamos montando uma unidade médica. Na Associação já montamos o dentista. Então nós mudamos, né? Mudamos um pouco a concepção de Vila. Não classificamos mais como "zona". Mudamos a concepção de Vila: qualidade de serviço, menos violência. Público "A", "B", "C". O "D" já está ficando quase que exclusivo.

Pô, os quartos hoje aqui são todos com ar condicionado. Na Vila antiga, você não teve a oportunidade de conhecer, aquilo era um lixo! Então hoje você tem qualidade nos serviços, você tem que cobrar um pouco mais.

(Fausto, "dono de casa")

No entanto, o passado é representado negativamente por aqueles que não viveram no Mangue ou na Vila Mimosa, servindo funcionalmente como parâmetro para as novas instalações e para a modernização proposta na construção de um "novo conceito de zona".

Para os mais antigos, a "nova Mimosa" é fruto implacável do tempo, provocando sorrisos quando comparada a um *shopping*, o "*shopping* das meninas".<sup>43</sup>

## 2.1 O estabelecimento dos outsiders

Inicialmente a Vila Mimosa se restringia aos bares construídos dentro do galpão. Um ano depois, os moradores residentes em frente ao imóvel, no lado par da rua, já haviam vendido suas casas para comerciantes que ali abriram novos bordéis.

A "Vila Mãe", como passou a ser chamado o prédio que fecundou a expansão desse comércio, se distinguia por ser uma espécie de galeria comercial composta por 38 módulos com dois ou três andares, compostos de um bar, no primeiro andar, e algumas pequenas cabines para a realização dos programas.<sup>44</sup> Esta estrutura se expandiu com a compra das casas do lado par da rua para a adaptação dos bordéis e com a reforma de outros dois galpões localizados no lado ímpar, onde foram construídos mais 32 pequenos bares com cinco cabines no jirau.

Atualmente<sup>45</sup> funcionam 78 bordéis ao longo da rua. *Trailers* e bancas onde são vendidas roupas íntimas, comidas e bebidas contribuem para a aglomeração de clientes, prostitutas, curiosos e vendedores ambulantes que enchem o lugar, principalmente nos fins de semana, quando a rua é fechada para acolher cerca de cinco mil pessoas.

Todos esses estabelecimentos são filiados à Associação dos Moradores e Amigos do Condomínio da Vila Mimosa, instituição fundada imediatamente após a mudança, em 1996, e presidida, desde então, por Maria da Glória, prostituta que trabalhou na Vila Mimosa e se cotizou para a compra do imóvel, em 1995.

Com sede em uma sala no andar superior à entrada do prédio, a associação oferece serviços tanto aos trabalhadores da Vila Mimosa quanto aos moradores da região que frequentam cursos de informática ministrados em computadores adquiridos por meio de um projeto financiado pelo Ministério da Saúde. No mesmo espaço também funciona um pequeno salão de beleza equipado com uma câmara de bronzeamento artificial, bastante utilizada pelas mulheres para realçar marcas de biquíni, tornando seus corpos mais atraentes para os frequentadores do lugar. Na calçada em frente, uma unidade médica, anteriormente instalada na sede da Associação, atende as prostitutas duas vezes por semana.

Todo esse pequeno universo comercial se concentra no final de uma rua pertencente a uma área da praça da Bandeira, insulada pelos trilhos das estradas de ferro Central do Brasil e Leopoldina, composta por outros três logradouros cujo único acesso se faz por sob um dos lances elevados da ferrovia. Este aspecto lhe proporciona um isolamento considerado bastante positivo tanto para os moradores da área quanto para os frequentadores da Vila Mimosa, embora a positividade desta característica se revele por motivos distintos. Tais motivos, em alguns momentos, acabam sendo confrontados, pois, para os moradores daquela área, deu-se o desmantelo de um cotidiano paulatinamente reestruturado, em que a estrutura familiar, tida como núcleo social primordial, teria sido ameaçada pela presença das prostitutas<sup>46</sup> e pelo rentável aluguel de “vagas” em detrimento do contrato firmado com um único inquilino, gerando uma rotatividade de pessoas “estranhas” ao grupo dos antigos moradores.

Isso aqui era uma grande vila familiar. Quem pôde sair, saiu.  
É igual a um navio quando afunda: isso aqui foi o navio que

afundou. Pros donos de botequim, pros comerciantes, foi a melhor coisa, mas eles não moram aqui, *eles não são contra nem a favor, eles não são moradores*. Questão família?... é o mundo capitalista destruindo aquele elo familiar.

Eu criava patos. Na época de enchente, cara! Saía tudo nadando! Era Gertrudes, Frajola, Pituca, Novinha. Saiu tudo nadando pela janela. Pela janela! Aí ia... nadava, o cara via: "Ó lá os patos! Volta! Volta!", aí eles vinham. Ficava assim um dia e meio, ou dois, aquela água. A lama era terrível. Então criava aquela *raiz* de um ajudar o outro, e ir pra casa do outro, atravessar a televisão. As pessoas de idade iam pras casas que tem dois andares. Trazia pra subir pro segundo andar. Então existia aquela união. Era uma coisa bonita. Hoje em dia não, hoje em dia acabou.

(Gino, morador da rua Ceará)

Assim, os laços de solidariedade, construídos ao longo de um extenso período de convivência entre famílias, período este suficiente para a qualificação de "morador" de seus componentes, foram minados pela predominância de estímulos oriundos da atividade comercial, levando o grupo mais antigo a *cerrar fileiras*<sup>47</sup> defensivas contra os novos habitantes.

Pouco a pouco, as possibilidades de consecução de renda acenadas pela Vila Mimosa causaram a abertura também dos moradores, que passaram a vender comida na "zona", a alugar quartos para o descanso das prostitutas, a lavar suas roupas e a cuidar de seus filhos.

Uma jovem moradora da rua vizinha, casada com um advogado sócio do presbítero local, e mãe de um casal de filhos, se mostrava, no início da pesquisa, muito preocupada com a proximidade de sua residência com os bordéis. "Os homens passam por aqui já pensando naquilo", dizia sempre ao comentar as transformações corporais que sua filha, jovem adolescente, começava a apresentar. Na época, um de seus desejos era promover a reza do terço, toda a semana, nos bordéis da Vila Mimosa. Não tardou para que um dia, ao chegar para uma visita, eu fosse surpreendida por uma novidade. A jovem mãe trouxe do quarto uma sacola cheia de calcinhas de cetim que começara a confeccionar com o intuito de lucrar com as vendas na Vila Mimosa. Mais dois ou três meses se passaram quando, em uma de minhas últimas visitas, a mulher veio me contar sobre as pretensões que vinha

acalentando junto com o marido. Depois de muito pensarem, os dois haviam decidido abrir uma “casa” na rua do lado.

O que Elias e Scotson observaram no bairro proletário da periferia londrina acabou por acontecer também nesse recanto da praça da Bandeira, quando os personagens da Vila Mimosa foram deixando de ser considerados *outsiders* para assumirem o *status* de estabelecidos, graças à criação de vínculos comerciais que abriram e estreitaram novos tipos de interação e, conseqüentemente, de negociação dos espaços e horários devidos ao desempenho das diferentes rotinas.



**Figura 5 – (Foto: Soraya Silveira Simões). Cartazes pregados na porta de um prédio na rua Sotero dos Reis ilustram enunciados bastante explícitos na região: a entrada irrestrita tem hora determinada e o tipo de atividade que se tornou fonte de renda de moradores com a chegada das prostitutas.**

Além disso, os “donos de casa” e alguns outros *habitués* da Vila Mimosa apresentavam entre si uma coesão responsável pelo sentimento de identidade em relação ao grupo de moradores, o que também lhes permitiu cerrar fileiras em defesa de um estilo de vida e trabalho comunitário.

Aqui ficou como uma coisa provisória, mas hoje tá muito bem estabelecido. Não incomodamos ninguém na sociedade lá fora,

entendeu? Mas vai nascer um *shopping* ali [do outro lado do trilho, na estação Leopoldina]. Aí eu fico assim: "Pô, será que esse *shopping* vai nos incomodar, será que nós vamos incomodar o *shopping* se nós estamos aqui primeiro? A única coisa que eu acho é que o governador ou o prefeito não deveriam mexer porque aqui ficou uma área relativamente boa, uma área que não incomodamos ninguém, estamos isolados, estamos numa 'ilha', *só vem pra cá quem sabe que existe isso*. Então não estamos incomodando em nada. Em nada, absolutamente nada. E não estamos no fim do mundo. A população agora é que tá começando a conhecer melhor o ponto. A população em geral, entendeu? Porque era Presidente Vargas, era Estácio. Mas leva tempo. Nós estamos aqui há cinco ou seis anos. Agora é que o pessoal tá começando a identificar melhor o local. É 'rua Ceará', 'rua Ceará'. Na realidade nem rua Ceará isso aqui é. É Sotero dos Reis."

(Fausto)

Na Vila Mimosa, muitas prostitutas e clientes são consonantes quando apregoam a comodidade de se sentirem isolados para encenar papéis que dizem não condizer com a vida que levam fora dali e que têm como sendo a mais correta e, necessariamente, constante.

O lugar, compreendido como "coisa criativa", como um "domínio étnico" tornado sensível através das ações e dos sentidos que lhe são atribuídos por aqueles que as praticam, pode ser apreendido de diversas maneiras. Seja através da representação cultivada pelos outros habitantes da cidade que apenas sabem de sua existência, seja através da imagem produzida por aqueles outros que de fato o habitam.<sup>48</sup>

Se o conceito de lugar nos conduz a este tipo de reflexão sobre o fenômeno de sua própria existência, talvez convenha nos determos ainda nesta concepção de lugar, na qual ações específicas, como a prostituição, o imantam de significados expressivos de questões maiores, subjacentes à sua própria conformação na cidade, e que impõem à pesquisa etnográfica a tarefa de identificar a construção simbólica de seus limites, de suas fronteiras.

A territorialidade, ou *localização*, possibilita o estabelecimento de modos diferenciados de acesso a pessoas, coisas e relações. Assim é que os contornos da área em questão ficam mais precisos na medida em que dela nos aproximamos, pois os comportamentos tornam-se



passíveis da observação e do questionamento direto, fazendo emergir os referenciais cotidianos, temporais e espaciais, de seus habitantes.

No espaço das ações cotidianas é que se registra um *estado* da luta das classificações.<sup>49</sup> Visto que a realidade é socialmente construída, mesmo as classificações percebidas como naturais resultam da assimilação das convenções, imposições arbitrárias sacramentadas no campo das lutas simbólicas.

*Pari passu*, o lugar surge como arena empírica resultante do desdobramento dessas lutas. No caso da Vila Mimosa, o *nome* de um lugar serve como elo entre dois momentos de um grupo. Com a demolição da antiga vila, o nome foi, aqui, ressignificado como uma grife da lendária zona do baixo meretrício carioca, deixando para trás o sentido nominal original utilizado para designar um tipo de habitação multifamiliar. Com a atual ausência dos limites físicos esperados com o desígnio do termo “vila”, evidencia-se ainda mais a ampliação de um tipo de negócio para além do seu lugar de origem, hoje inexistente.

Exclusivamente composta pelos donos de casa, a nova Amocavim, fundada em 1996 – ano em que os tratores e as escavadeiras finalizaram as obras de renovação da Cidade Nova –, aponta, deste modo, para o objetivo comum que é, antes de mais nada, o incremento de um comércio. Um comércio que, por vigorar no artigo 229 do Código Penal como lenocínio, ou seja, como atividade *facilitadora* da prostituição, induz os donos de casa da Vila Mimosa ao empreendimento de ações que visam minimizar os efeitos desse estigma pela promoção da autoimagem positiva. “Não incomodar ninguém na sociedade lá fora” espelha, contudo, a conformação aos limites morais que terminam por restringir a prostituição a espaços localizados. *Parti pris* dessa promoção empreendida pela categoria dos empresários da prostituição na Vila Mimosa é, assim, a manutenção do caráter submisso como condição irrefutável da imagem positiva de grupos marginalizados perante outros estratos da sociedade.

Por isso, a relação dominador/subordinado é um caso de interação que não deve ser negligenciado. Para Simmel, “uma subordinação real precede uma subordinação ideal”.<sup>50</sup> Trata-se de uma *cooperação voluntária*<sup>51</sup> do elemento subordinado com o evento sociológico, visto que toda interação constitui uma “ação mutuamente determinada”.<sup>52</sup>

uma subordinação real precede uma subordinação ideal.  
Muitas vezes achamos que uma pessoa ou uma classe exerce

subordinação em nome de um princípio ideal, ao qual a própria classe ou pessoa se subordina. Por isso, este princípio parece logicamente anterior à organização social; a verdadeira organização da dominação entre pessoas parece se desenvolver em consequência daquela dependência ideal. Historicamente, todavia, este percurso tem sido feito, usualmente, na direção oposta. As sobreposições e subordinações se desenvolvem a partir de relações de poder muito reais e pessoais. Através da espiritualização do poder dominador ou através da expansão e despersonalização de toda a relação, desenvolve-se gradualmente um poder ideal objetivo acima destas superordenações e subordinações. O superior exerce então o seu poder meramente na qualidade do representante mais próximo desta força ideal objetiva.<sup>53</sup>

Do ponto de vista sociológico, a relação dominador/subordinado se instaura na assimetria do poder de acesso aos recursos determinantes para o funcionamento social estável – ou, dito de outro modo, para a manutenção de um *status quo*.

No caso da prostituição, e precisamente da prostituição enxada no domínio que a cidade exclusivamente lhe destina, a subordinação majoritária do próprio grupo de atores aos princípios morais que estigmatizam suas atividades se reproduz internamente, bem além dos discursos, numa série infinita de novas subordinações.

## Notas

<sup>1</sup> DOUGLAS, 1966: 15.

<sup>2</sup> Ibid. (grifo nosso)

<sup>3</sup> MENEZES, 1992: 26. Grifo nosso.

<sup>4</sup> SOARES, Luiz Carlos, p.27. "A prostituição no Rio de Janeiro no século XIX".

<sup>5</sup> RAGO, p. 137-141.

<sup>6</sup> SOARES, *op.cit.* p. 32.

<sup>7</sup> MOURA, 1983: 54.

<sup>8</sup> RAGO, 1991: 41.

<sup>9</sup> Esta versão brasileira do objeto do desejo e do fervor amoroso de Dom Quixote é menção que está em *Desabrido*, romance de Antônio Fraga aclimatado na zona do Mangue.

<sup>10</sup> *idem*, p.17. e RAGO, p.117.

<sup>11</sup> V. PARK, 1979, e ZORBAUGH, 1970: 410.

<sup>12</sup> PARK, *idem*: 29.

- <sup>13</sup> JACOBS, 2000: 18.
- <sup>14</sup> Sobre a ocupação desta região pelos imigrantes, ver MOURA, 1983 e ROCHA, 1986.
- <sup>15</sup> PEREIRA, 1976: 65
- <sup>16</sup> As polacas, mulheres judias que aqui trabalhavam como prostitutas, foram pioneiras na imigração judaica no Brasil (1867), país para onde continuaram migrando até o fim da Primeira Guerra Mundial. Sobre a presença delas e de outras estrangeiras no Manguê, ver KUSHNIR, RAGO, SOARES, ENGEL e MENEZES.
- <sup>17</sup> PEREIRA, op.cit.: 65.
- <sup>18</sup> “Invertido” era o termo usado por policiais para denominar pejorativamente os homossexuais que faziam os trabalhos domésticos nos bordéis do Manguê.
- <sup>19</sup> Deste escritor, ver, sobretudo, o livro *Desabrigo*, republicado pela Coleção Biblioteca Carioca, em 1990.
- <sup>20</sup> SCHUTZ, 1964.
- <sup>21</sup> *Idem*: 100.
- <sup>22</sup> O processo de transformação de um lugar estrangeiro em refúgio que caracteriza a adaptação do forasteiro é tema representado também no repertório musical. Josephine Baker, por exemplo, o imortalizou na canção *J'ai deux amours*.
- <sup>23</sup> Na ocasião dessa mesma entrevista, Mil e Uma Noites contou que era um “invertido” e com essa contextualização evocou com maior precisão muitas cenas passadas no Manguê.
- <sup>24</sup> Na segunda metade da década de 1960, o então presidente Castello Branco proporia a inclusão de um novo parágrafo ao artigo 50 da Lei das Contravenções Penais. Nele estavam previstos de 15 dias a três meses de prisão para quem, “dedicando-se de modo exclusivo ou de forma eventual à prostituição, procura aliciar homens em lugar público, para o comércio sexual, constringendo ou importunando as pessoas presentes ou em trânsito pelo local”. Estava instaurada a chamada “vadiagem”.
- <sup>25</sup> PEREIRA, op.cit. p.138
- <sup>26</sup> *Idem*, p. 139. Apesar de tantas adversidades, a vigência da República do Manguê se manteve por 15 anos, até 1974, ano em que foi promulgada a lei complementar que previa, para o ano seguinte, a fusão dos estados do Rio de Janeiro e Guanabara, momento em que se alteraria a configuração da estrutura administrativa da polícia. Cf. LEITE, 1993.
- <sup>27</sup> “Realidade significa simplesmente relação com a nossa vida emocional e ativa; o que quer que seja que excite e estimule nosso interesse é real”, SCHUTZ, 1979: 248.
- <sup>28</sup> *Jornal O Globo*, 04/08/1975.
- <sup>29</sup> HUGUES, 1980.
- <sup>30</sup> MORAES, 1995: 27.
- <sup>31</sup> Em seus dois livros (1992 e 2009). Gabriela narra a formação do movimento de prostitutas (1992) e a sua saída do ISER, ocasião em que fundou, junto com Waldo Cesar, fundador do ISER, e Flavio Lenz, a ONG Davida (v. LEITE 2009).
- <sup>32</sup> V. MORAES (1995), e os jornais: *Tribuna da Imprensa* e *O Fluminense* de 20/07/1987; *O Globo*, *O Dia*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora* de 21/07/1987; *O Globo* de 22/07/1987 e *Última Hora* de 24/07/1987.
- <sup>33</sup> O Anexo 1 apresenta parte da documentação levantada por Gabriela Silva Leite, uma das lideranças da Rede Nacional de Prostitutas, que na época coordenava o Programa Prostituição e Direitos Civis, no ISER.
- <sup>34</sup> V. *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa* de 10/12/1987.
- <sup>35</sup> V. *Jornal do Brasil* de 13/06/1988; *O Dia* de 05/07/1988 e *Beijo da Rua*, n. 1, de 1989.
- <sup>36</sup> No livro *Mulheres da Vila*, MORAES (1995) destacou os acontecimentos subsequentes que colocaram as prostitutas da Vila Mimosa como agentes no cenário político carioca. Entre eles figura a participação na Lei Orgânica Municipal e em programas de controle de DST e AIDS, experiências que abriram novos espaços de interação com agentes públicos, promovendo amplas discussões que acabariam por beneficiar toda a categoria.

- 37 V. SIMÕES, 2009.
- 38 Idem: 127.
- 39 Jornal do Brasil, 09 de abril de 1995.
- 40 Vila Mimosa, o mais velho bairro de prostituição do Rio, não é mais que um amontoado de entulhos e tábuas que as chuvas desses últimos dias já transformaram num lamaçal. A municipalidade decidiu utilizar o terreno para aí construir um centro ultramoderno de telecomunicações destinado aos homens de negócios. A mudança não se passou tão mal. Quarenta empregados municipais ajudaram os 1.800 ocupantes dos lugares a embalar seus pertences em 30 caminhões, e a Prefeitura destinou 1,8 milhão de francos de indenização a Euridice [Eunice] Coelho dos Reis, presidente da Associação das Prostitutas do Rio. Na noite do dia 2 para o dia 3 de janeiro, os tratores derrubaram as casas deterioradas e os barracos que abrigavam um comércio de amor mais que centenário.
- 41 Os locais onde os assassinos abandonam os corpos de suas vítimas são denominados "ponto de desova".
- 42 Cf. também MORAES, op. cit.
- 43 MORAES, op. cit.: 119.
- 44 A referência à faixa etária do público atual de prostitutas e clientes é uma boa medida do que significam esses lugares onde os jovens organizam e gerenciam sua vida sexual e afetiva. A literatura antropológica é rica em exemplos. MAFFESOLI (1984: 124) ocupou-se de destacar alguns deles, entre os quais: a instituição do *ghotul*, a "maison de jeunes" descrita por Verrier Elwin, entre os Muria, onde a circulação do sexo garante a boa socialização dos jovens; o *imeium* de Vanuatu, a casa dos jovens descrita em 1908 por Buston Webster; e o *bukumatula* dos trobriandeses, uma "casa de celibatário para uso restrito", como define Malinowski (2000: 64), onde os jovens vão desenvolver suas relações sexuais antes de se firmarem na instituição do casamento. Em cada um desses e de muitos outros casos, ressalta Maffesoli, "cet amour libre est voulu par la communauté comme une véritable initiation à l'ouverture et à la vie collective", concluindo, em seguida, que não por acaso essas "casas de jovens" são dadas à hospitalidade, "dans son sens le plus étendu", a todos os estrangeiros de passagem (idem: 125).
- 45 V. nota 21 da Introdução.
- 46 Em 2003, quando o presente trabalho foi defendido no PPGACP/ICHF-UFF.
- 47 Segundo a crônica local, um genro e seu sogro, vizinhos em uma das ruas próximas aos bordéis, apaixonaram-se por duas prostitutas da Vila Mimosa, abandonando suas respectivas esposas.
- 48 ELIAS & SCOTSON, 1994: 25.
- 49 BRIGGS, 1972: 78-79. Briggs classificou de "fenômeno de desintegração" as inúmeras leituras que um mesmo lugar pode incitar, tantas quantas forem o número de pessoas que o conheçam, criando diferentes compreensões e representações da cidade. A conexão entre a cidade como lugar e os "lugares dentro dela" elucidam processos de "orientação espacial" através dos quais "indivíduos e grupos estão sempre transformando 'espaços' em 'lugares', aquerenciando-se a eles através do hábito, memória, temperamento e associação". (*idem*, p. 80)
- 50 Ou, em outras palavras, um "estado da relação de forças materiais e simbólicas entre os que têm interesse num ou noutro modo de classificação", (BOURDIEU, 1989: 115.)
- 51 SIMMEL, 1983: 115.
- 52 A dialética do senhor e do escravo, episódio de uma das mais notórias reflexões de Hegel, publicado em seu *Fenomenologia do Espírito*, é leitura incontornável para os que desejam refletir sobre esta tese.
- 53 SIMMEL, idem: 100.
- 54 Idem: 115.

## CAPÍTULO II

### 1. O lugar

No início da noite, a Vila Mimosa inspira euforia. Fim do expediente comercial. Não é de estranhar vários homens trajando o mesmo uniforme. Das companhias telefônicas, dos escritórios ou viagens, eles partem para o mundo do lazer antes de retornarem à rotina doméstica que precede mais um dia de trabalho.

A partir de certa hora, a clientela não para mais de chegar. A rua vai ganhando movimento, chega mesmo a congestionar, tamanha a quantidade de gente. Quem vem de táxi ou de “mototáxi” elege o conforto e, principalmente, a discrição. Qualquer motorista da cidade conduz o passageiro até o local entrando pelo final da rua Sotero dos Reis para, então, deixá-lo em meio aos vários bordéis e barracas de comida e bebida que se concentram nesse trecho. Ao mesmo tempo que não expõe o cliente às vistas dos demais moradores da região, tal percurso oficial preserva a rua Hilário Ribeiro, constituída primordialmente por residências, do trânsito de pessoas estranhas, representantes de um tipo de ameaça aos bons costumes, pois, como dizia uma moradora, “eles já passam por aqui pensando naquilo”.

No entanto, esta rua divide o tráfego de automóveis particulares que se dirigem para a Vila Mimosa. No meio da tarde, os ‘flanelinhas’<sup>1</sup> começam a ocupar a esquina, indicando vagas num raio de, mais ou menos, 20 metros em cada rua. À noite, principalmente nos fins de semana, vagas são espaços raros, e os outros dois logradouros que compõem a região também passam a servir de estacionamento para a freguesia da Vila Mimosa. Não à toa, muitos bares funcionam ali lado a lado, disputando a preferência de quem decide beber algo antes ou depois de flanar pelo “*shopping* das meninas”.

*Shopping.* O termo faz os mais antigos acharem graça. Sinal dos tempos. A Vila Mimosa alude à modernidade. Motoristas de vans descobriram o filão “VM”, levando e buscando grupos de jovens, oriundos dos subúrbios cariocas, por apenas cinco reais por pessoa. Mais do que praticidade, esse tipo de condução evoca uma alegria contagiante, semelhante àquela proporcionada pelas excursões escolares, quando a efusiva empolgação se origina em um suposto afrouxamento das regras que nada mais é do que uma permissividade controlada.

A maioria dos frequentadores, homens e mulheres, faz parte da “geração *shopping center*”. E a letra do *funk* revela: “calça da Gang tem que ter etiquetinha, se tiver etiquetão, foi comprada na feirinha”. Não importa. Eles usam tênis que imitam marcas de grife, bonés do Giant’s ou Chicago Bull’s. Mochilas de pelúcia, sutiãs com alças de silicone e as calças citadas na canção não só adornam corpos femininos como produzem narcisos que se espelham em vitrines, bancas de camelô ou em seus próprios pares.

Os vendedores ambulantes têm a vantagem de atrair o consumidor pelo preço, disputando-o nos lugares onde ele se encontra. Vários marcam ponto na Vila Mimosa. Vendem de tudo, de escovas de dentes e guloseimas a relógios de parede que fazem sucesso entre os donos de casa (é preciso prestar atenção na duração do programa: 20 minutos é o tempo regulamentar). Lá, também circulam outros ambulantes carregando calcinhas, maiôs, brincos, cintos, colares e anéis em estruturas de arame. Com frequência eles embolsam toda a fêria de um dia de algumas prostitutas, pois tão diversa quanto a oferta de produtos são as combinações que tais aquisições permitem na composição da personagem.

Se Paloma já foi Pâmela e hoje pretende ser Paola, um item diferencial na indumentária certifica a mudança nominal como mudança comportamental. Em outros casos, o nome permanece, mas as oscilações do humor são um convite àquele *gloss* no mamilo ou à sandália amarrada até a altura da coxa.

O fluxo de pessoas se divide em frente às duas entradas do prédio com toldos amarelos e azuis. Por elas, os homens parecem ser sugados e devolvidos à rua para novamente caminharem por entre barraquinhas e bares existentes ao longo do caminho.

É um passatempo constante: em qualquer canto, a possibilidade de uma transa. Altas, baixas, gordas, sexies, pubescentes, maduras, “senhoras”, vestidas ou não, atraem com os olhos os homens para seus saracoteios.

No entanto, a claridade das manhãs tem o poder de dissipar o inebriante espetáculo acolhido pela noite. Como mariposas, as personagens que atuam neste período saem de cena calando o alarido noturno que distingue a Vila Mimosa dos outros lugares que a cercam. Restam apenas poucas pessoas sonolentas em meio a tantas outras que assumem a limpeza dos estabelecimentos, a compra e a estocagem de bebidas e a conferência dos lucros do dia anterior.

No lugar das músicas, o som das vassouras esfregando o assoalho é pontilhado por palavras que surgem nítidas e, assim, compõem um mosaico dos últimos acontecimentos. Os vestígios remontam à festa: no chão, centenas, milhares de copos plásticos; no ar, o cheiro do desinfetante, que também auxilia na demarcação de um lugar cujas fronteiras se revelam nas extremidades da rua pelo forte odor de urina nas calçadas.

O cheiro, sendo perceptível e identificado como resultante de um comportamento masculino, fabrica e torna visível um mundo *accountable*,<sup>2</sup> ou seja, disponível, descritível, inteligível, relatável e analisável por ser decorrente de atos expressados, neste caso, pelo resultado da exibição pública de uma personalidade sexual. Urinar na rua constitui uma declaração dessa personalidade.

A intensidade do odor e os pontos onde ele se concentra são dados relativos à grande frequência masculina em um local situado *entre* esses referenciais olentes. Por ser procedente de uma prática normalmente desempenhada em lugares ermos e/ou de passagem, o cheiro da urina é o que se presta, por isso, a fixar a existência de espaços limítrofes. Neste caso, espaços que separam dois lugares distintos: um, animado pelos frequentadores da Vila Mimosa; outro, por antigos moradores e comerciantes.

Todavia, assim como o mundo social não é dado de uma vez por todas, mas sim realizado em nossos atos práticos, a conformidade desses espaços se submete às transformações que decorrem de diferentes rotinas ou da expansão geográfica de determinadas atividades.

O período da manhã se destina a pôr “ordem na casa”, e nos bares os excessos da noite pouco a pouco vão sendo diluídos com a utilização de todo um arsenal químico (detergente, desinfetante, sabão em pó etc.) que prenuncia o recomeço de um novo dia. Na Vila Mimosa, gerentes e prostitutas se revezam na função de faxineiro, vez por outra exercida por um profissional contratado, mas raras são as vezes em que este trabalho é feito sem o acompanhamento da conversa, ingrediente indispensável na finalização desta etapa mediadora do passado imediato e contextual com o presente que ali vai se recompondo. O aroma do café ou da comida bem temperada sutilmente sobressai em meio à predominância do amoníaco, sinalizando a existência de alguma cozinha que se furta às vistas do visitante.

A ausência, aliás, de tal recinto na grande maioria dos 78 bordéis da Vila Mimosa, não impede que se os chame de “casa”. O eufemismo, ao remontar-se às instalações da antiga vila, revela o cabedal temático

sobre o qual se fundamenta a peculiar estrutura atual. Porém hoje, para ser “casa”, o estabelecimento da Vila deve dispor de cabines, minimamente decoradas com uma estreita cama de alvenaria, que são alugadas para a realização dos programas.

O passado que se coroou como “resistência do Mangue” é claramente atualizado nos discursos e nas práticas dos donos de casa que lá viveram ou que hoje se empenham efetivamente no desenvolvimento de ações comunitárias através da Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa. Ao explicar que “a nova Vila Mimosa é o *antigo Mangue*”, uma cafetina tornou manifesto o resguardo de um acervo simbólico sem o qual a existência deste lugar não teria sentido. Ou melhor: não teria o mesmo sentido.

A importância da abordagem diacrônica se faz aí. Quando enfatizam a ideia de continuidade, de resistência, ela se revela na prática, na conformação do espaço, de seus usos e na abertura de uma perspectiva progressista que se salienta a partir da percepção de uma origem, propulsora de medidas voltadas para o fortalecimento de uma unidade.

Pra eu fazer disso uma “casa”, eu tenho que construir lá em cima um quarto. Vou construir lá em cima e, aí sim, se der certo, faço o *McZona* com quartos. Você tem que criar alguma situação de resistência, até você conscientizá-los [os agentes públicos] de que aqui é um negócio.

(Fausto)

A noção de “negócio” citada pelo dono de casa constitui um dado importante para a compreensão estrutural e espacial da Vila Mimosa. Seu enquadramento como uma categoria explicativa expressa o vínculo de inúmeros estabelecimentos comerciais específicos a uma unidade sustentada pela administração, que centraliza responsabilidades comunitariamente beneficentes (tais como a divulgação de comunicados, o controle sobre reportagens e pesquisas – de maneira que pontos positivos da autoimagem coletiva e o anonimato sejam preservados – a representação política e a manutenção da infraestrutura), e por um vasto elenco de apoio. Este elenco supre a Vila Mimosa de serviços voltados para prostitutas, clientes e donos de casa e também é englobado, em outra medida, por essa complexa e reveladora noção de “negócio”, pois todos devem contribuir compulsoriamente com a Amocavim.



Ao todo, cerca de 300 trabalhadores fixos, tais como taxistas, *motoboys*, cabeleireiros, gerentes, faxineiros, funcionários da associação, vendedores ambulantes e “barraqueiros”, ou seja, pessoas que vendem comida e bebida em pontos fixos ao longo da rua, atuam na Vila Mimosa.

Como um todo, o “negócio” da Vila Mimosa, em sua acepção identitária, se expande geograficamente com a abertura de “casas”, ou seja, de bares ou boates onde existam cabines ou quartos.

A tendência dessa expansão, como vimos, se fez a partir da reforma do imóvel que primeiro abrigou os bordéis – posteriormente apelidado de “Vila Mãe” numa alusão genealógica ao surgimento, no seu entorno, de outras “casas” e galpões. Estes últimos subdivididos, *comme il faut*, em boxes de dois andares igualmente chamados de “casa”, dispostos ao longo de corredores, formando uma espécie de galeria.

No lado ímpar da rua, os galpões desativados foram adaptados desse modo, e são hoje repletos de pequenos boxes. Do lado par, as casas anteriormente habitadas por famílias residentes foram por estas vendidas, a preço bem abaixo de seu valor, para os novos empreendedores. Mas a expansão do negócio acabou por valorizá-las, como ponto comercial, em até 500%!

Segundo cálculos de seus atuais donos, muitas dessas casas foram vendidas por cerca de cinco mil reais, chegando, hoje em dia, a receberem uma cotação de até 100 mil reais.<sup>3</sup> O aumento surpreendente se deve à estipulação do preço de cinco reais pelo aluguel de um quarto para cada 20 minutos de programa, o que, considerando a média de cinco quartos em cada estabelecimento e a circulação de cinco mil homens nos fins de semana, indica a rentabilidade do negócio, ainda acrescida do alto consumo de bebidas que, a despeito de seu elevado preço na Vila Mimosa, muitas vezes responde pelos lucros da casa.

## 2. “Casa”: organização social da unidade estruturante

Na Vila Mimosa, há um critério específico que determina se o estabelecimento comercial é um bar ou uma “casa”. Como vimos anteriormente, o cômodo fundamental para alçar o bar ao posto de casa é a cabine ou o quarto. Não aquele com janela, mesa de cabeceira, armário e objetos pessoais. Apenas um cômodo com espaço suficiente para uma cama de solteiro feita em alvenaria e um ou outro acessório, que pode ser um espelho, uma lixeira, um ventilador, uma cadeira ou um cabide onde se apoiam os rolos de papel higiênico.

A ideia não é promover a permanência do casal em seu interior, apenas oferecer um espaço onde possam realizar o ato sexual por um período de até 20 minutos, liberando-o em seguida para a chegada de novas duplas.

Por ser o “programa” a principal finalidade comercial tanto para a prostituta quanto para o dono de casa, o controle sobre o tempo da permanência nas cabines é exercido por todos. Há casas em que uma campainha acionada pelo gerente lembra ao casal o término do período, mas na grande maioria o aviso é feito diretamente à porta da cabine.

São os meninos [gerentes] que sobem quando tá vendo que tá ultrapassando o horário que elas estão na cabine com os clientes, que eles sobem e batem na porta. “Vambora que tá na hora”, entendeu? Tem que advertir, se não elas vão ficar lá toda a vida, porque aí ganham mais. Elas não são bobas não, garota! Se não der em cima, elas ficam lá pra sempre, dobram por conta delas, recebem mais e chega lá embaixo e só paga cinco reais. A gente tem que tá ligado o tempo todo. Elas são fogo! Elas puxam a brasa pra sardinha delas.

(Mil e Uma Noites)

Esta divergência nos interesses de prostitutas e donos de casa é causa de muitos conflitos e evidencia as desconfianças decorrentes de um estereótipo da prostituta muito ressaltado nos discursos e nas práticas dos donos de casa, impelindo-os a assumirem o papel de *instrutores* das garotas, chegando a posturas extremadas de protecionismo que corroboram a suposta falta de discernimento atribuída pelos donos de casa às “meninas”, como costumam chamá-las.

Do ponto de vista estritamente comercial, a Vila Mimosa é um aglomerado de bares com uma média de cinco cabines em cada, que só se tornou possível pela experiência em comum e pela iniciativa dos donos de casa da antiga Vila Mimosa, onde, apesar da simultaneidade dos domínios de trabalho e moradia dentro de cada casa que foi demolida, a estrutura física não fugia ao que se denotava.

Entretanto, hoje, a estrutura comercial – tornada mais evidente porque assumida expressamente como um negócio – terminou por atribuir ao termo “vila” uma espécie de grife, em virtude das condições impostas ao desenvolvimento da empreitada.

No dia a dia, essa estrutura, tão rígida, interpenetra-se com as relações pessoais (amizades), fazendo com que o significante oscile

entre dois significados pertencentes aos domínios distintos do público e do privado, ou seja, aos universos do trabalho e da moradia, onde se desenvolvem intimidades e redes de proteção, muitas vezes de cunho paternalista, que lhe conferem uma forma de privacidade e controle equiparável à do domínio doméstico.

Durante a pesquisa que realizaram no bairro carioca do Catumbi, Mello e Vogel constataram que a “aparente desordem” surgida no uso da categoria “casa”, aplicada a estabelecimentos comerciais, remetia à reflexão acerca de como polaridades, tais como casa e rua, adquirem um caráter estruturante na vida daqueles que as utilizam. Ao se pensar isoladamente cada termo, ou seja, não lhes conferindo o caráter estrutural que emerge quando são pensados juntos, casa e rua

adquirem uma multiplicidade significativa pelo simples fato de não constituírem, tampouco, um isolamento. Estão sempre correlacionadas com outras polaridades, tais como dentro e fora, privado e público, feminino e masculino e assim por diante. Disto lhes advém a potencialidade classificatória, estruturante. Ao dizermos que um sistema de categorias é estruturado, estamos enfatizando as articulações entre os elementos constitutivos. Ao afirmar o seu caráter estruturante, chamamos a atenção para a possibilidade de sua aplicação metafórica, quer dizer, fora do domínio ou solo “original”.<sup>4</sup>

À parte o uso generalizado e característico do termo casa como unidade estruturante da Vila Mimosa – o que em relação a outras áreas de prostituição da cidade lhes confere o sentido de rua –, cada estabelecimento ali possui, separadamente, características específicas cultivadas por cada dono (proprietário ou arrendatário). A fidelidade mantida por prostitutas e parte da freguesia com os estabelecimentos é também outro fator substantivo que lhes confere esse nome. A designação parece expressar afinidades, simpatias e os laços de solidariedade que se estabelecem entre frequentadores, prostitutas, gerentes e donos de uma mesma casa, ao mesmo tempo em que estrutura, com revestimentos invisíveis, os espaços e seus usos, invocando até aqueles que havia dentro das antigas construções da Vila demolida.

*Grosso modo*, isto tudo diz muito a respeito da permanência e modernização de um tipo de negócio localizado que se acreditava destinado à dissolução nos grandes centros urbanos.

## 2.1 Primeiras incursões

O relógio marcava nove horas e trinta e poucos minutos quando peguei o ônibus para a praça da Bandeira. Às dez horas estava marcado o meu primeiro encontro com Glória, presidente da Amocavim, na própria sede da Associação, na Vila Mimosa, e meia hora era tempo suficiente para percorrer o trajeto da praça XV até lá.

Indo de ônibus procurava também me familiarizar com o cotidiano das ruas Ceará, Lopes de Sousa e Hilário Ribeiro até chegar à Sotero dos Reis, rua onde funcionam os bordéis da Vila Mimosa. Caminhar por elas em diversos horários me pareceu a melhor maneira de começar a apreender comportamentos que eu imaginava serem aqueles com que uma mulher devia aprender a lidar indo em direção àquele endereço.

Essa estratégia também me poria em contato com os hábitos rotineiros dos moradores e comerciantes da região, a partir dos quais eu poderia começar a inferir os modos de interação que estariam suplantando as fronteiras da área residencial com a área dos bordéis.

Qualquer uma das ruas me permitiria chegar à Sotero dos Reis. Mas, logo ao passar por sob o pontilhão, local por onde o visitante chega à rua Ceará, observei que na segunda quadra da rua Lopes de Sousa, à minha direita, praticamente não havia movimentação. Avistei apenas dois homens caminhando bem adiante, onde, ao final, esta rua encontra a Sotero dos Reis.

Optei então por sair desta rua entrando à esquerda, na rua Hilário Ribeiro, paralela à rua Ceará. Ali, por volta das dez horas da manhã já havia um número considerável de pessoas conversando à beira das soleiras e sob a sombra da marquise de um pequeno botiquim, onde alguns já bebiam as primeiras cervejas, observando seus filhos ou netos brincarem próximo ao meio-fio.



**Figura 6 – (Foto: Soraya Silveira Simões). Alguns enunciados no dia a dia da rua Lopes de Souza, adjacente à “rua da Vila Mimosa”.**

Em um cortiço defronte ao bar, a construção de uma laje reunia rapazes que, animados mesmo sob o sol inclemente, misturavam o cimento para preparar aquele que seria o futuro espaço de lazer daquela morada.

Ao passar em frente a uma oficina mecânica, vizinha à garagem que abrigava carrocinhas de pipoca e de churros, despertei maior atenção. Considerei tal fato corriqueiro, uma vez que nesses lugares de domínio exclusivamente masculino, o tipo de galanteio enunciado pouco difere quando em outras regiões da cidade, sublinhando não mais do que a já citada exibição de uma personalidade sexual que se renova constantemente. Uma quase rotina, portanto, para a mulher, ouvir galanteios ao passar em frente a oficinas mecânicas e canteiros de obra.

Já no fim da rua Hilário Ribeiro, uma missa, ouvida através dos altofalantes do aparelho de rádio do diácono, confirmava sua fidelidade a este hábito, mesmo durante o horário em que a capela encontra-se fechada.

Sentada à porta da casa ao lado, dona Maria acenou para mim, atraindo com isso a atenção das duas crianças que brincavam sob seus cuidados. Todos os dias ela cumpria ali sua rotina, tomando conta dos filhos de algumas prostitutas enquanto observava quem ia ou quem vinha da Vila Mimosa. Respondi ao seu cumprimento e em seguida avistei Leandro, secretário da Amocavim, despedindo-se de um grupo de senhoras na esquina das ruas Hilário Ribeiro com Sotero dos Reis.

Aproximei-me do grupo a tempo de participar do ritual da despedida. Uma mulher bonita, de cabelos tingidos de vermelho, aparentando uns 45 anos, agradecia cordialmente à visita das três senhoras, também muito risonhas, que ali mesmo fiquei sabendo se tratar de freiras que trabalhavam para o Banco da Providência.

Com a mão sobre os ombros de uma delas, a mulher refazia os votos de um bom dia enquanto a troca de beijos que descerrava a partida acabou por me inserir nos cortejos finais. Beije todos e, finalmente, após o afastamento das três irmãs, Leandro me apresentou à mulher ruiva: era Glória.

Durante nossas apresentações, eu atentava para o fato de que a presidente da Associação havia conduzido as visitantes, futuras parceiras no projeto de implantação de uma unidade médica no local, até aquela que seria a “porta” de entrada da Vila Mimosa. Como representante da coletividade, cabia à Glória cumprir o protocolo de acompanhá-las, não à porta da sede da Associação ou, se fosse o caso, à porta de alguma das casas, mas sim até o ponto a partir do qual findava o território da

Vila Mimosa. Não por acaso, meses depois, o bar Esquina da Vila foi inaugurado, exatamente no ponto onde nos encontramos naquele dia.

Juntos, nos dirigimos lentamente pelo meio da rua para a sede da Amocavim, localizada em uma sala à entrada da galeria chamada Vila Mãe, imóvel identificável pelos toldos amarelos e azuis que encimam as varandas das quatro “casas” existentes à entrada. Às dez horas da manhã, um corredor, formado pelos caminhões que abastecem os dois frigoríficos contíguos ao galpão, alongava-se com a chegada de outros veículos que estacionavam para fazer a entrega de bebidas e material de limpeza nas casas da Vila, ocultando um *trailer* e os dois grandes muros ao longo dos quais, à noite, vendedores ambulantes dispõem seus isopores repletos de gelo, latas de cerveja e refrigerante.



**Figuras 7** – (Fotos: Soraya Silveira Simões). Rua da Vila Mimosa, manhã.

É o momento em que a Vila Mimosa se expande. A presença destes personagens no lugar dos caminhões compõe o caminho noturno onde a sede de inúmeros fregueses e curiosos que andam de um lado para o outro, diversas vezes a cada noite, é saciada por uma cerveja vendida mais em conta do que aquelas das casas da Vila.

Porém, pela manhã, a vida ali se restringe ao interior dos bares e corredores dos galpões, onde os remanescentes da noite alimentam conversas com os recém-chegados, antes de cederem ao implacável apelo do sono.

Muitas prostitutas permanecem ali de segunda a sexta-feira, retornando às suas casas somente nos finais de semana. Outras fazem o inverso: ficam na Vila Mimosa durante os fins de semana ou esporadicamente, quando estão passando por alguma dificuldade financeira ou afetiva. Quando não dormem nas cabines do próprio estabelecimento onde trabalham, optam pela Pensão da Verônica, dona do bar Esquina da Vila, onde, por cinco reais, podem descansar no antigo prédio em frente ao bar sem o barulho das máquinas de som e a fatigante sensação de continuar no local de trabalho.

Um dos sentidos da zona de prostituição para muitos dos que dela usufruem é exatamente o de ser um local de trabalho. Sendo assim, ela se destina, *lato sensu*, também a ordenar rotinas, mantendo sob o devido controle as áreas pessoal e profissional de seus atores e, *stricto sensu*, a lhes garantir a confortável sensação de estarem protegidos, não vulneráveis aos perigos da rua ou aos olhares daqueles diante dos quais o indivíduo deseja ocultar esse papel. “Estar na zona”, precisamente naquela, um lugar onde não se passa, mas ao qual se chega, lhes possibilita, com maior segurança, segregar o auditório<sup>5</sup> cujo público, composto por parentes, amigos ou outras pessoas para as quais se planeja ocultar a identidade, pode querer poupar energia emocional tratando o ator “segundo seu valor profissional visível, como se ele fosse tão somente o que seu uniforme exige que seja”.<sup>6</sup>

A “zona”, como já se disse acima em relação aos demais bairros da cidade que abrigam a prostituição, não deixa dúvidas. É um lugar onde todas as outras atividades ali desempenhadas cooperam com a principal. E a atividade principal, como também já se disse, continua a promover, apesar dos tempos, a iniciação sexual de muitos jovens.<sup>7</sup>

A segregação do auditório, esta função mais restrita e, portanto, primordial que a zona de prostituição cumpre, foi por diversas vezes ressaltada nos depoimentos e em situações experimentadas através da observação direta.

Relembrando os primeiros meses desde que chegou ao Rio de Janeiro em 1938, vindo de Aracaju com a mãe e um dos irmãos, Pedro Valério dos Santos, o Mil e Uma Noites, conta que à época “não havia lugar para prostituir”, o que o levou a circular por áreas como Central do Brasil, Cinelândia, praça Mauá e praça Tiradentes, pontos tradicionais do chamado baixo meretrício na cidade, que se distinguiam do Mangue em função de suas múltiplas e simultâneas atividades que não aquelas exclusivas da prostituição.

Ana Maria Ferreira, a Fia, antiga dona de casa da Vila Mimosa, também rememora os últimos dias que passou na cidade mineira de Montes Claros pouco antes de deixá-la para trás, ainda adolescente, rumo a um destino já bem definido: trabalhar no Mangue.

De uma geração mais nova e embora ocupando um cargo de destaque na Associação da Vila Mimosa, Glória diz sofrer a pressão por ter um dia trabalhado como prostituta. “Eu nem sou mais e ainda sofro. É muito difícil assumir, ainda mais com filho homem. É difícil aceitar porque os amigos podem falar que ontem vieram na zona e comeram a mãe dele.”

A separação da vida familiar da vida profissional é um ponto privilegiado também por aqueles que dizem não ter “esse tipo de problema”. Com dois filhos adolescentes, Fausto, outro dono de casa na Vila Mimosa, diz que eles resistem à ideia de conhecer a Vila, pois evitam conhecer a vida que o pai mantém fora de casa, ou melhor, na zona.

Da mesma maneira, grande parte das prostitutas aponta essa segregação como fundamental para o bom relacionamento com a família. Encontro, na Vila, Mirela, que atualmente trabalha na região central de São Paulo e explica que fez esta escolha para ficar mais distante de casa, sem o risco de encontrar com amigos de seu filho adolescente na Vila Mimosa.

Portanto, essa representação da zona, também muito aproveitada na literatura, corrobora a ideia de *destino* que possibilita criar novas identidades – quem não se lembra de Catherine Deneuve encarnando a *belle du jour*?





**Figuras 8 – (Fotos: Olivia Gay).** Pela manhã, o corpo e a indumentária irrompem nas portas e janelas como um enunciado. No interior de uma cabine, objetos pessoais codificam uma função e um momento: o despertar matinal, o “ninho”, a intimidade contrapõem-se à noite, ao “programa”, à exibição pública de um corpo ornado e à espera, constructo de um outro feminino.

A atribuição de uma personalidade ao personagem – ou seja, ao “eu” – é um *produto* da interação, e não a causa desta. A apresentação deste eu, no entanto, se faz por um efeito dramático, que surge difusamente nas interações experimentadas pelo personagem. Este eu, como sempre nos lembraram os trabalhos de Goffman, não é algo orgânico, que tem uma localização definida e que nasce, cresce e morre. Pelo contrário: por se tratar de um efeito dramático incitado por uma situação, o interesse primordial do personagem, que o faz revelar sua personalidade, consiste em saber se, durante cada interação (ou cena), ele será acreditado ou desacreditado.<sup>8</sup>

Ainda tirando partido da metáfora dramatúrgica, o lugar, como um cenário, dá suporte à realização dramática dos atores, de maneira que as expectativas criadas em torno deles ali se cumpram para que a interação tenha um mínimo de coerência e possa ser compreendida. As *histórias tristes* não deixam de ser mais uma resposta ao que, de uma maneira geral, se espera ouvir da prostituta: casos que justifiquem a “entrada” ou a “queda” na prostituição a partir de uma suposta fragilidade ou insuficiência. Em suma, a partir da reificação da vítima. No mais das vezes, este discurso soa incoerente em face da prática.

Apesar disso, as expectativas criadas em torno dos personagens que habitam o mundo da prostituição contemplam minúcias que conferem a cada lugar características bastante singulares. São elas que tornam visíveis custos sociais e os múltiplos significados que têm os lugares na cidade.

Na zona, há sempre uma espera, pois há sempre alguém em vias de chegada para vir encarnar, ali, o papel de prostituta ou de cliente. Os donos de casa e seus gerentes estão ali também para exercerem esse *acolhimento*. Para tanto, desenvolvem suas redes e especialmente suas técnicas de modo a ajudar os novatos a encontrarem o bom-tom em seus respectivos *scripts*.



**Figuras 9 – (Fotos: Olivia Gay). Uma espera que é exibição: na porta ou no balcão, os modos de estar que atualizam o principal papel da mulher na Vila Mimosa.**

## 2.2 A CASA DE FAUSTO

Enquanto caminhávamos em direção ao conjunto de bares da Vila Mimosa, Glória desculpava-se pelo compromisso que assumira de última hora, sugerindo que adiássemos a entrevista ou que eu a realizasse com alguma outra dona de casa “da antiga”.

Futuramente compreenderia se tratar de uma evasiva, pois ela era avessa a entrevistas ou qualquer tipo de exposição pública, temperamento que a colocava em situações desconfortáveis sempre que lhe era demandada postura condizente com a exposição que o cargo exigia, sobretudo quando a demanda surgia de pessoas não pertencentes ao universo da Vila.

Seu alento veio junto com a série de elogios e declarações de amor (“Oi, lindas!”, “amo vocês!”) proferida pelo homem que observava o descarregamento de engradados de cerveja, da varanda de uma grande casa à nossa direita. Imediatamente Glória pediu ao seu secretário que o apresentasse a mim. Tratava-se de um dos diretores da Associação e dono daquela e de outra grande casa no interior do prédio em frente.

A forma entusiástica com que o homem nos cumprimentou parecia pronunciar algumas dessas estratégias de acolhimento concebidas pela prática do *métier* dos proprietários dos bordéis. Ao longo do trabalho de campo, pude confrontar esta percepção com ações conotativas de um controle recente – e bastante característico desse lugar – sobre antigas práticas da prostituição que ali passaram a ser classificadas como decorrentes de uma “baixa autoestima”.

Despedi-me de Glória e, junto com Leandro, subi os três altos e largos degraus que levavam à varanda do estabelecimento. Após as apresentações, Fausto, o dono, com seu olhar muito vivo e atento por detrás dos óculos, sugeriu que conversássemos nos fundos da casa, local mais fresco, sombreado por uma grande mangueira. Cruzamos então o salão de paredes pintadas de preto, decorado com um globo de espelhos e iluminado, aqui e ali, pelos efeitos de uma luz negra. Alguns bancos e mesinhas de alvenaria e, ao fundo, uma peça de louça do mictório, ao lado de um balcão, completavam o ambiente. Por ali alcançamos a porta que nos traria de volta à luz do dia e à sombra generosa de uma mangueira.

No quintal da casa – esta sim uma casa *stricto sensu* –, um universo até então insuspeitado se abriu. O barulho era o de um secador

de cabelo. Ali, um pequeno salão de beleza, uma minúscula academia de ginástica e até mesmo uma lojinha de roupas íntimas e sapatos femininos atendem às mulheres que trabalham na Vila Mimosa. “Sempre que alguma tá meio deprimida, eu pago um cabelo, chamo ela de meu amor, digo que ela é maravilhosa. Tenho que levantar o astral delas.” Toda essa infraestrutura voltada para o atendimento à prostituta lhe confere prestígio e o papel de grande articulador da Associação.

Uma cozinha, um tanque de roupas, um guarda-volumes com dezenas de unidades e os nomes de suas respectivas usuárias, além de vários engradados de cerveja dispostos à sombra da mangueira terminam de compor os bastidores do primeiro andar da casa.



**Figura 10 – (Foto: Olivia Gay). O guarda-volumes: sinal de uma “mudança no conceito de zona”.**

No andar superior, uma porta em frente à escada separa a ala das cabines de uma ampla varanda semicoberta onde, de um lado, meia dúzia de lençóis secavam pendurados no varal; do outro, uma mesa repleta de sacolas de compra e material de limpeza dispostos para serem estocados na dispensa. Era ali que meu anfitrião costumava receber amigos, fazer churrascos e realizar reuniões, descortinando a gradação dos usos públicos e privados que estruturam sua casa.

Houve época em que Fausto manteve dez termas<sup>9</sup> espalhadas pelo Rio. Hoje, investe todo o seu tempo cuidando das casas que possui na Vila Mimosa e na promoção do lugar. A televisão presa na parede e uma pequena mesa de som eram um dos acessórios que,

para ele, simbolizavam a “mudança do conceito de *zona*”: com elas ele controlava a música e monitorava os salões, as escadas e as portas das cabines de seus dois estabelecimentos.

Toda esta infraestrutura funcionando quase 24 horas por dia o levou a ter mais de dez funcionários fixos ocupando as funções de gerente, faxineiro e cozinheiro, número que foi reduzido devido à ociosidade de alguns, o que, segundo ele, acabava dando margem a confusões entre os próprios funcionários.

“Quando eu morrer, quero ser enterrado na *zona*!”. Enquanto esse dia não chega, Fausto passa boa parte do seu tempo ali. Possui um quarto – próximo à mesa onde conversávamos, na varanda superior, com vista para os fundos da casa –, este sim mobiliado com uma cama de casal em frente a um grande espelho, encimado pela letra “F” feita de luz *néon*, uma cômoda, mesas de cabeceira, banheira de hidromassagem e, nas paredes lilases, telas *naifs* representando grupos de mulheres, em uma temática com ares de militância, pintadas por uma prostituta que trabalhou em uma de suas termas e que hoje mora na Suíça.

Na porta do quarto, um olho mágico. Algumas donas de casa costumam dizer que Fausto é namorado: “Ele gosta mesmo é de loura. Tem umas dez que brigam por ele.” Durante nossa conversa, uma delas chegou, bastante enciumada. De fato, estava mesmo muito brava. Veio saber referências da mulher com a qual ele conversava naquela manhã, no momento em que eu me aproximei. Várias pessoas também o procuraram durante o período em que conversamos, ora para dar recados, ora para cobrar algum serviço ou simplesmente cumprimentá-lo.

Seu estabelecimento é classificado como “casa tipo boate”:

Essa casa aqui é considerada uma boate. Porque é música o tempo todo. É a única casa que tem DJ [*disc jockey*, operador de som]. E eu tenho outra casa lá dentro [da galeria] pra onde eu mando o som daqui pra lá por computador. Eu daqui vejo a casa lá do outro lado, eu vejo o salão, eu vejo tudo aqui do sistema interno de TV.

Todo esse moderno aparato reflete aquilo que ele chama também de “mudança de mentalidade”: “Eu quero que as pessoas saibam que existe isso aqui dentro. *‘Todo mundo tá vendo a gente, não vamos fazer besteira não.’*”

O tipo de controle exercido sobre a clientela, portanto, torna-se impessoal com a modernização do estabelecimento. À noite, quando centenas e, às vezes, milhares de homens circulam pela Vila Mimosa, suas duas casas são as que mais atraem o público.

As luzes estroboscópicas, congelando as feições masculinas e as danças sensuais das garotas, criam uma ambiência onde a conversa se transforma em artigo de segunda ordem. Os bancos e mesas de alvenaria impedem um arranjo pessoal, imposto pelo rumo das trocas. Todos se dispõem pelo salão observando ou, dependendo de uma ou outra exibição espontânea, exercitando esse outro tipo de observação: o *voyeurismo*. Alguns tomam decisões e se aproximam para dizer alguma coisa ao pé do ouvido da prostituta e, se for o caso, subir para uma das cabines.

Pequenos, porém eficazes mecanismos de controle dão continuidade aos impulsos estimulados pelo excesso de apelos eróticos. Na boate maior, um homem urina no pequeno mictório junto ao bar, no fundo do salão. A ausência de porta poderia ser interpretada como um dado bastante curioso relativo a medidas de práticas públicas e privadas,<sup>10</sup> no entanto, uma curiosa digressão sobre essa exposição se mostra mais fecunda quando entendemos o seu caráter funcional: uma estratégia para impedir a masturbação e, conseqüentemente, garantir os lucros da casa e da prostituta.

As mulheres que trabalham nessas boates são jovens, em sua maioria na faixa dos vinte aos 25 anos. *Shorts*, seios nus, biquínis, sandálias amarradas em todo o comprimento da perna, minivestidos, brilho no bico dos seios e muita maquiagem realçam a jovialidade dos corpos e constituem os maiores atrativos para o público que frequenta casas do tipo boate. Sobre as mesas ou nas portas elas dançam, flertam.

As prostitutas mais velhas podem também trabalhar ali, mas, como lembra um dos gerentes, “elas não vão aguentar a concorrência”. Sendo assim, as prostitutas também acabam se reunindo nos estabelecimentos com que têm maior identificação, mesmo podendo circular livremente por entre todos existentes dentro dos galpões ou nas casas do outro lado da rua.

Até há pouco tempo, Fausto trabalhava com o sistema de “bolinha”, também chamado de “um por um”, que consiste no faturamento integral do programa pela prostituta, ou seja, sem a necessidade de pagar os cinco reais<sup>11</sup> pelo aluguel da cabine após o pagamento da

mesma quantia no programa anterior, e assim sucessivamente. Nem todos os donos de casa da Vila Mimosa haviam aderido a este sistema, o que também contribuiu para reunir pessoas com preferências e prioridades similares nas mesmas casas. Assim, não só a maior possibilidade de lucro se inscreve como fator fundamental no exercício da prostituição.

### 2.3 A casa de Dalva

O fator identificação, portanto, acaba reunindo homens e mulheres que partilham algumas preferências, e este fator é suficiente para que ambos criem situações e códigos de conduta e proteção que se diferenciam em cada casa, principalmente em função da política estabelecida pelo dono.

Ainda não conhecia Dalva quando observei, do corredor, o interior de sua casa. Era noite e a circulação de pessoas chegava mesmo a dificultar a observação do local onde me encontrava, em frente ao terceiro bar após a entrada da galeria. Dentro daquele estabelecimento, todos pareciam alheios ao frenesi dos corredores, assistindo à televisão como uma família em uma sala de estar. À parte o fato de estar localizada na ala central de uma galeria composta por bordéis, apenas a presença de uma mulher vestida com *lingeries* vermelhas – e também atenta à televisão – era capaz de ancorar aquela casa no contexto da Vila Mimosa. E atrair os demais passantes.

Dias depois, retornei apresentando-me a Dalva como amiga da Gabriela. Pelo seu sorriso e entusiasmo em poder obter “notícias da Gabi”, pude constatar que havia sido uma figura bem-vinda e, tão logo fui convidada a me sentar, uma mulher, enrolada em uma toalha, me ofereceu uma cerveja, voltando, em seguida, para o preparo do seu café com pão.

Sentada ali ao lado daquela senhora de cabelos brancos presos em coque, olhos puxados, sorriso aberto e fala mansa, vestida, como da outra vez, com uma camisola de padronagem floral, imaginei estar revivendo um ritmo que no meu imaginário cadenciava aquele do tempo da prostituição no Mangue.

“O Mangue é que era bom.” Volta e meia, Dalva pronunciava esta frase como quem deixava escapulir pela boca imagens que os olhos não viam, mas que voltavam ao pensamento através das histórias que cada objeto evocava. E ali são muitos os objetos pessoais

expostos sobre os móveis que também vieram trazidos da casa onde Dalva morava, na antiga Vila Mimosa. “Ali era lugar que passava muita gente, as mulheres andavam bem-vestidas, respeitavam os clientes... era diferente.”

O prédio onde se situam os primeiros bordéis da Vila Mimosa recebe luz artificial nos corredores, e o pé-direito, de aproximadamente 7 metros, ameniza ainda mais a intensidade desta luz. Só uma claraboia no final dos dois corredores permite a entrada da claridade do dia. No entanto, o grande número de bordéis de diversos tamanhos auxilia na iluminação do corredor lhe conferindo um clima feérico, repleto de cores.

Entretanto, a aparência da casa de Dalva rompe com a sensualidade das cores e ambiências dispostas ao longo da galeria, assemelhando-se a uma grande copa. Na parede, entre o banheiro e a escada de alvenaria que leva aos cinco diminutos quartos do jirau, o grande e velho espelho com moldura de madeira que a acompanha desde o Mangue mantém a mesma inclinação com que era preso na parede da antiga casa. Nas mesinhas, toalhas plastificadas com flores amarelas e azuis combinam com os banquinhos de madeira pintados de amarelo. Sobre a geladeira vermelha, potes com escovas de dente, plantas, cinzeiros. O *freezer* vertical, único elemento adquirido nos últimos tempos, supre a demanda por cerveja gelada. Ao lado dele, uma cômoda onde Dalva guarda camisinhas e caixas de cigarros Derby Light filados, sem cerimônia, por prostitutas e clientes da casa.

Por estar situada na ala central da galeria, a casa de Dalva possui janelas e portas para os dois corredores. Uma delas permanece constantemente fechada e interditada por uma penteadeira.

Um dia, ao chegar, encontro Dalva bebendo uma cerveja com uma das mulheres de sua casa. Ao me ver, ela sorri. Faz um breve comentário sobre a “visita da Gabi” e me convida para beber um copo com elas. Peço a Dalva que conte histórias do Mangue.

Nesse momento, a mulher se levanta e se dirige para o quarto de Dalva, imediatamente ao lado da mesa onde conversamos. Pouco depois ela retorna trajando um vestido preto e, em frente à penteadeira, começa a preparar sua maquiagem. Primeiro, o pó de arroz para neutralizar as marcas de expressão e imperfeições da pele. Uma mirada mais demorada no espelho e a dúvida quanto à cor da sombra dos olhos.



Enquanto isso, Dalva prossegue contando que em 1952, quando chegou ao Rio, um homem a chamou para trabalhar em uma casa de *rendez-vous*. “Antigamente não se falava casa de massagem. Era casa de *rendez-vous*. Tinha muita francesa e portuguesa, até japonesa e chinesa tinha” no Manguê daquela época. Indiferente às histórias, a mulher agora passa o batom e ajeita o cabelo, terminando a composição da personagem diante da plateia, como se essa espécie de *making of* fosse mesmo parte do espetáculo.

Em geral, as casas possuem espelho próximo aos balcões. Porém, na casa de Dalva, a exposição dos bastidores se dá em praticamente todo o espaço do bar: mulheres enroladas em toalhas fazem as unhas, comem e conversam enquanto outras se pintam ou aguardam na porta a chegada de algum cliente. Apenas dois cômodos podem ser utilizados sem os olhares atentos da plateia: o banheiro, logo à entrada, e o pequeno quarto de Dalva, próximo à outra porta que permanece constantemente fechada. Panelas se juntam a pequenas carrancas e uma figa de madeira sobre a prateleira; conchas, garfos e facas ficam presos à parede da pequena cozinha que se abre para o bar por sobre o balcão onde ficam os copos, algumas plantas (entre elas a arruda) e a garrafa de café, sempre disponível para os que frequentam sua casa.

Todos os dias, Dalva aposta dois ou três reais no jogo do bicho. Independentemente da hora em que faz sua fezinha, o resultado dos três turnos sempre lhe é transmitido pelo apontador do jogo que, ao passar por ali, aproveita para beber um copo de café e fazer algum comentário cotidiano. Dalva ouve sempre atentamente, sem emitir comentários. Evita, a todo custo, dar margens a possíveis fofocas. De tudo o que vê e escuta, só o resultado de suas reflexões retornam em práticas ou em palavras exclusivíssimas: “As mulheres é que arrumam confusão.”

Em 2000, a Amocavim distribuiu um aviso para que cada dono de casa fixasse nas paredes de seus estabelecimentos. Era um comunicado sobre as condutas. Um decálogo com os deveres de cada prostituta em relação ao comportamento admissível dentro e fora dos bordéis da Vila Mimosa.

O cartaz permaneceu colado à parede da casa de Dalva, ao lado de panos de prato, flanelas com dizeres sobre vendas a fiado e uma foto do papa João Paulo II, presa ao lado da geladeira.

Todas essas informações falam também de referências pessoais passíveis de serem apreendidos pela sua clientela. A exposição e disposição dos objetos fazem transparecer alguns dos contornos

impostos pelas expectativas que os donos e prostitutas da casa têm em relação aos papéis que lhes cabe ali desempenhar.

Dalva diz que só trabalha com clientes. Dito de outro modo, ela rechaça a conduta de priorizar o aluguel do quarto em detrimento da qualidade da relação que estabelece com prostitutas e clientes. Sozinha na casa em que também reside, é assim que garante seu conforto e segurança. Clientes e prostitutas, na casa de Dalva, são quase visitas. Na sociabilidade que ali animam, partilham algo mais do que a expectativa dos vinte minutos de programa.

Sendo assim, autonomia é a palavra que melhor traduz a relação que ela mantém com as mulheres que frequentam sua casa, pois, por ser sua moradia, é preciso que haja, no mínimo, a relação de empatia e confiança entre elas. Todas preparam lanches, servem cerveja, filam cigarros, assistem à televisão e são discretas em relação aos muitos acontecimentos da Vila Mimosa. Em outras palavras, todas cuidam para que a rotina domiciliar da casa não seja invadida ou abalada por conflitos de poder originados pela forte concorrência, ciúmes ou fofocas internas.

Ali trabalham mulheres maduras, nem sempre mais velhas, mas algumas daquelas que privilegiam o “bate-papo” como componente do trabalho e item indispensável para a formação da clientela. Conversar com as prostitutas da casa é hábito rotineiro de Dalva não apenas porque estão sempre juntas, mas também por ela contar com uma vasta experiência como “mulher de porta”.

É ali, na porta, de frente para o corredor, na fronteira que separa os que passam e os que permanecem, os que se esbarram indistintos na turba e os que dela se destacam iniciando uma apresentação, ainda que incipiente, que a mulher se expõe. Posar na porta é anunciar-se. Ali, é o lugar de uma espera que pode render dinheiro e amizade, mas também muitos riscos.

Tem uma loura que o marido não sabe. A gente senta ali no canto, conversa. Quando alguém vem que ela conhece, eu chamo ela pra cá pro quarto, fecho. Depois fica tudo bom. Mas é difícil, é difícil. Eu é que não tenho mais problema, minha família, meus filhos tudo sabe. E eu gosto disso daqui.

Há um aspecto da sua experiência que pontua a carreira de praticamente todas as prostitutas: o drama do “descobrimento”. Assumir ou, nos termos de Goffman,<sup>12</sup> se tornar desacreditada por um erro na

manipulação da identidade estigmatizada é, para a grande maioria, correr o risco de romper com a instituição familiar ou pessoas mais próximas, como se a prostituição, profanadora do corpo, símbolo da procriação,<sup>13</sup> automaticamente imputasse à mulher características negativas em sua índole.<sup>14</sup>

Deste modo, compartilhar o mesmo tipo de experiência dramática contribui com o trabalho artesanal de estabelecer confianças. Por isso, na casa de Dalva há um controle coletivo, muito mais participativo e, portanto, descentralizado da figura da dona de casa. Ali também não há gerentes, visto se tratar de uma casa que conjuga as funções de residência e trabalho, onde os ritmos e as regras são tecidos em meio ao cotidiano doméstico.

Não há como negar a influência do fator casa/residência no desempenho dos atores, ainda mais considerando-se que a interação face a face com a dona e a apreensão do seu estilo de vida definem condutas em que todas se sentem responsáveis pelo bom termo das situações. A perspectiva de que ali é um lugar para se ganhar dinheiro não subtrai o cuidado com as relações. Pelo contrário, a personalização dos laços cultivada pelos frequentadores desta casa se expressa tanto no discurso quanto na prática dos atores.

Muitas mulheres aqui [da Vila Mimosa], se o homem ficar de *conversê*, muito problema, elas saem, deixam o homem na mesa e vai pra porta. Esse negócio de inveja, do olhar aquela mulher que tá do meu lado, se ela é mais bonita, mais feia, se faz mais programa... eu não tô nem aí, sabe *qualê*? Eu tô querendo viver o agora, se eu conseguir fazer um dinheiro ganhei, se eu não conseguir, amanhã eu volto, sabe? Eu vivo um dia após o outro. Eu acho que às vezes a gente perde oportunidades, “pô, o homem não dá um lucro! Por que que eu vou ter que ficar com ele sentada ali na mesa?”. Por quê? Porque eu sou um ser humano, eu adoro o ser humano em si. E eu dou atenção. Como dou a qualquer pessoa, quem vier aqui que mereça.

Uma outra prostituta que reside, durante a semana, na casa de Dalva, diz estar estudando com uma “explicadora”<sup>15</sup> para prestar exames em concursos públicos, pois sua clientela, constituída em grande parte por militares, sempre se incumbia de avisá-la sobre as datas das provas.

Mas nem todas as prostitutas se preocupam em formar clientela. Têm a prostituição como uma atividade temporária e indesejada que deixarão, no mais das vezes, tão logo arranjem marido. Por isso se colocam à porta ou chegam para trabalhar fazendo reclamações. Mostram-se frequentemente impacientes, reativas. E, assim, arriscam-se de muitas formas nas trocas com os clientes.

Muitos donos de casa atribuem quase sempre a elas o desfecho agressivo de alguns programas, que pode culminar com a morte do cliente, da prostituta ou até mesmo de ambos.

Foram muitas as vezes em que Dalva tomou a iniciativa de fechar cedo a porta de casa para acolher homens alcoolizados que haviam se metido em confusões. Teve uma noite em que ela acomodou sete rapazes no chão, junto aos pés das mesas, com a ajuda das mulheres que estavam àquela hora trabalhando em sua casa. No dia seguinte, logo pela manhã, Dalva acompanhou todos até o ponto de táxi da Vila. Temia alguma ameaça à integridade do grupo, e sua presença importava o respeito devido.

Como todos os donos de casa, ela também instrui as mulheres segundo os preceitos que construiu ao longo da carreira. A prostituição é um *métier* onde a experiência é valorizada como *expertise*, a chamada “escola da vida”. Assim, Dalva auxilia a prostituta na elaboração de um comportamento adequado para a formação da clientela e para o bom andamento do trabalho. Preserva, com isso, um padrão de vida pautado, evidentemente, pelas suas muitas boas lembranças da vida na prostituição.

Ih, eu já viajei muito, *fia!* Sou mineira, de Montes Claros, mas já rodei muito com clientes. Eu tive muito cliente bom, conheço Londrina e um monte de lugar por aí afora. Aprendi a ler com um cliente no Mangue, na época eu queria aprender pra poder votar, e o cliente me ensinou a ler e a escrever. Eu não tenho do que reclamar. A vida é muito boa, *fia*. As pessoas é que complicam ela.

O aprendizado “da vida” é o conhecimento de que Dalva mais dispõe. Ela é exemplar, pois conseguiu construir uma vida feliz trabalhando na zona, sem luxo, mas de acordo com suas ambições. Em uma grande medida, o seu desprendimento material responde pelos estímulos que emana como uma espécie de lição para as prostitutas

da casa, de um caminho a ser seguido para que não se sintam vulneráveis ou realizando coisas que estejam além de suas capacidades ou vontades.

As mulheres, em geral, não reclamam dos donos ou gerentes das casas onde trabalham, também porque são eles que se ocupam de defendê-las de possíveis agressões. No caso de Dalva, a experiência de “mulher de porta” estreita ainda mais os laços com as prostitutas. Grande parte de suas motivações para manter o bom andamento da casa decorre, como foi ressaltado, da confiança e da vivência compartilhada, relevância que se torna aparente também na maneira como todas tratam os clientes e visitantes, sejam eles homens ou mulheres.

Sem se sentirem vigiadas ou objeto de desconfiança, as prostitutas da casa de Dalva incorporam às suas responsabilidades o respeito aos objetivos da dona de maneira a garantirem o conforto de uma relação simétrica e respeitosa.

Eu geralmente fico aqui na casa da Dalva. Eu fico aqui, e tal. Se eu ganhar, ganhei, se não ganhar, não ganhei. Eu gosto. Eu fico aqui, converso muito, troco ideia com todo mundo, as pessoas, os homens, sabe? Eu valorizo muito a vida. Então, às vezes eu venho... conhecer, conversar com uma pessoa assim que nem a Dalva, eu já tô ganhando.

O dinheiro, este símbolo por excelência da impessoalidade, é um dos objetivos, mas, definitivamente, não a qualquer custo. Quando Dalva finalmente conseguiu finalizar as obras dos quartos, mostrando cada detalhe do que foi modificado, lembrou-se do quanto havia demorado a concluir essa meta. Há pouco mais de três anos, o montante que havia guardado para as despesas foi roubado por um homem que trabalharia na obra, gerando uma série de reações de seguranças e donos de casa, indignados, que chegaram a lhe propor a vingança até mesmo, se fosse o caso, com a morte do sujeito.

Dalva costuma contar que, à época, quem chegou a se indignar diante de tais propostas foi ela. “Dinheiro a gente arruma outro, mas dinheiro não paga a vida de ninguém.” Disse isso com a mesma voz doce de costume.

A possibilidade desse tipo de resolução de conflitos ressalta ainda mais a descrição de sua casa. Manter uma das portas fechadas impede que façam dela uma passagem entre um corredor e outro. As

luzes fluorescentes sempre acesas desfazem o ambiente envolvente e instigante, porém estimulam outras trocas, canais de um conhecimento mais íntimo entre clientes e prostitutas.

## 2.4 A casa de Mil e Uma Noites

“Você é a Marilene?”, quis saber a mulher sentada atrás do balcão, antes mesmo que eu tivesse tempo de perguntar se aquela era a casa da Zizia, cafetina com toda uma vida passada na zona. Pedi uma água enquanto a mulher telefonava para Zizia. O telefone estava ocupado e então iniciamos, nós duas, uma conversa. Seu nome era Alcione, e ela era filha da pessoa que eu procurava.

Expliquei qual era o motivo da minha presença. Sua resposta concordou com a de outras pessoas: era “loucura” alguém pesquisar dentro da Vila Mimosa. Como sempre, não consegui ir adiante nos porquês dessa percepção<sup>16</sup> e marquei um dia para encontrar sua mãe.

No dia marcado, como acontecera com outras duas donas de casa, Zizia justificou que não poderia conversar, pois estava a caminho do médico. No entanto, apontou para o homem sentado atrás do balcão do bar em frente, depois da mesa de sinuca e das máquinas de videogames que ocupam os fundos da galeria, dizendo se tratar de uma pessoa “da antiga”.

“Você é a amiga da Verônica?” Com a mesma pergunta, Mil e Uma Noites me recebeu, sem que eu ao menos tivesse tempo de me apresentar. É assim que muitos donos de casa aguardam novas prostitutas indicadas por algum conhecido.<sup>17</sup> Apresentei-me a ele e outras duas perguntas me foram feitas, imediatamente: a primeira a respeito do meu grau de instrução, e a segunda, sobre o pagamento de um possível *cachê*. Respondi que essa não era minha intenção e, mesmo diante de minha resposta, ele sugeriu que eu voltasse no início da tarde para entrevistá-lo em seu próprio apartamento, na rua Hilário Ribeiro, rua vizinha à Sotero dos Reis. Sem sair do lugar, chamou um de seus gerentes, que jogava em uma das máquinas do lado de fora da casa, para anotar nossos telefones. A fragilidade de sua figura era compensada por um certo ar *blasé* que o distanciava dos demais.

Passei uma longa tarde ouvindo suas histórias e sanando suas curiosidades a meu respeito. A partir deste dia, Mil e Uma Noites passou a me apresentar como uma “amiga desde a outra zona”, sempre fazendo questão de me perguntar se eu já havia abolido certos hábitos

condenados por ele – como, por exemplo, fumar. Quando algum conhecido se aproximava de mim, Mil e Uma tratava logo de dizer que eu não fazia programas, sem nem mesmo esperar eu me manifestar.

Foi assim que ele advertiu um dono de casa que lá chegara certo dia para “chorar mágoas” do baixo faturamento, reclamando muito das prostitutas que não queriam saber de trabalhar, mas sim “ficar de putaria”.

A chegada daquele homem interrompera nossa conversa, mas ali permanecemos ouvindo as repentinas reclamações. Entre um trago e outro em sua bebida, o homem olhou duas ou três vezes para mim, perguntando se eu concordava com suas vindicações, até o momento em que deixou de insistir nesta indagação para me oferecer uma dose da bebida. Mil e Uma tomou a frente e advertiu: “essa aí é minha amiga, não é *garota* não”.

Deixei de prestar atenção na conversa dos dois e, do balcão mesmo, distanciei a vista para o vaivém no corredor. Três rapazes e uma menina, todos de mochila nas costas, passaram em frente à janela e, a passos lentos, dobraram em direção ao outro lado da galeria. Reparei no ritmo e na colocação de cada membro do grupo: a menina ia no meio deles, agarrada ao braço do mais alto. Caminhando lentamente, pareciam cautelosos quanto ao que poderiam encontrar pela frente, observando com sorrisos aflitos a postura das poucas mulheres paradas espaçadamente em frente às portas das casas da galeria.

Como “observadores observados”,<sup>18</sup> o grupo parecia não perceber o quanto se destacava do conjunto com o seu caminhar, e o quanto a espontaneidade daquele comportamento prudente denunciava a condição de curiosos pouco afeitos àquele universo.

Mesmo os perdendo de vista, fiquei ainda alguns minutos refletindo sobre minha própria conduta no início do trabalho de campo, a fim de tentar imaginar que tipo de mensagem eu poderia estar emitindo ao tentar parecer à vontade em meio a pessoas sobre as quais ainda não dispunha de nenhuma informação personalizada e que, futuramente, poderiam ser fundamentais para a realização do trabalho.

Naquele momento, esta reflexão me deu a devida proporção do quanto eu já havia mudado de comportamento, tendo adquirido uma desenvoltura que nada mais era do que um indicador de que eu havia apreendido alguns códigos, imperceptíveis para aqueles que não se empenham em tentar identificá-los reflexivamente, mas, de um modo ou de outro, terminam por nos dotar de certa “naturalidade”.

Minutos depois, o grupo entrou na casa. A moça, dirigindo-se a Mil e Uma Noites, sentado atrás do balcão, apresentou-se e a todos os outros como estudantes do curso de Educação Física interessados em pesquisar sobre “corpo e lazer na prostituição”. Dito isso, iniciou uma minuciosa explicação que Mil e Uma ouvia sem, no entanto, compreender muito bem. Terminada a exposição, era agora a sua vez de ensaiar uma breve arguição: “Essa aqui é minha amiga desde a outra zona, estudante igual a vocês. Vocês conhecem ela?” O grupo me olhou com curiosidade enquanto Mil e Uma pedia a um de seus gerentes que os acompanhasse às cabines. Todos subiram e ele me pediu que eu os acompanhasse de modo a poder ajudá-los, oferecendo uma ou outra informação. Naquele momento, ele já havia me enquadrado como uma espécie de relações-públicas de sua casa. Alguém a quem vinha se habituando a chamar de “amiga desde a outra zona”.

Uma vez lá em cima, ouvi com atenção os comentários do grupo. No pequeno espaço de 15 metros quadrados, havia cinco pequeníssimas cabines pintadas, há muito, com algumas mãos de tinta rosa diretamente sobre o reboco. Sobre as camas estreitas de alvenaria, colchonetes forrados com plástico e rolos de papel higiênico. Na parede de uma delas, duas marcas de tiro atrás de uma cadeira enferrujada. A aparência desoladora desta cabine fez com que os visitantes notassem, surpresos, a potência do aparelho de ar-condicionado, e o frio que fazia no jirau.

Esse tipo de conforto contrastava com todos os outros elementos constitutivos do cenário. O gerente se antecipou informando que a instalação do aparelho exigiu muito trabalho e muitas economias, para manter também em dia o pagamento do aluguel da casa. Junto com o *freezer* vertical do salão, o ar-condicionado do jirau representava o tipo de conforto máximo exigido pelo público para a plena fruição dos serviços. As marcas de tiro na parede, contudo, não lhe causavam estranheza. Ao contrário, posicionado ali, diante delas, ele se mostrava orgulhoso apresentando as dependências que a cada dia pareciam estar melhores.

Desci antes de todos e, da escada, observei a distração de Mil e Uma Noites, olhando a vida sentado, sozinho, atrás do balcão. Logo em seguida, desceram os outros. Após terem descoberto o andar de cima, pediram uma cerveja. Seus semblantes esboçavam sorrisos incontidos, como se comemorassem uma conquista – a conquista da atenção de um dono de casa conhecido como Mil e Uma Noites. Definitivamente,



ele era um personagem. E os estudantes saíam dali, em seguida, absortos no êxtase que lhes proporcionara aquela breve visita.

•••

Fazia alguns anos que Mil e Uma arrendava aquela casa de Pildres Pereira, uma cafetina de sua geração que na época mantinha outros 15 estabelecimentos alugados na Vila Mimososa. O motivo da perda de sua propriedade foi uma sociedade malsucedida feita com um antigo gerente.

Afanaram muito a mim. Me botaram na rua da amargura. Por confiar nos outros. Hoje em dia quem tem negócio não pode confiar demais. Vendi porque tava cheio de débito. Esse sócio derrotou a minha vida. A casa que eu vendi foi justamente pra Pildres. Ela já é do Mangue, tem a minha idade, uma mulher destemida, nem parece que ela tem a idade que tem. Ela já foi primeiro destaque da Vila Isabel.<sup>19</sup> Tem o corpo todo certinho, parece um brotinho. Ela tem casa à beça só naquele corredor. E fora as outras lá fora no novo galpão que ela fez. Ela não fica em nenhuma, mas vem todo dia de manhã receber a diária de cada casa.<sup>20</sup> É alugado por 160 reais por dia! Mas com tudo. Ela já dá a casa mobiliada com tudo: *freezer*, com mesa, com ventilador, com os quartos preparados, de cama, colchão, tudo pronto. Agora eu tô um pouco fraco. Tem que trabalhar pra tirar pra pagar a ela e ter algum pra gente, né? É muita responsabilidade, não é?

Muito vaidoso, após um breve esforço de memória ele pronunciou uma frase inesperada: “Pensão Paraíso: às mesas e a domicílio. Aberto das dez à uma da madrugada”. Esses eram os dizeres da placa que expunha na frente de sua antiga casa no Mangue. Esta sim de sua propriedade, emblema dos áureos tempos em que conseguia dar vazão ao seu tino de vendedor.

A casa que Mil e Uma Noites aluga é das menores e possui somente o mobiliário estritamente necessário: duas mesas e cadeiras de ferro, o balcão de alvenaria e uma estante onde são colocadas bolsas, copos e “camisinhas”, nome dado aos recipientes de isopor destinados a manter a boa temperatura da cerveja. Sob o balcão, caixas com preservativos

e, na parede ao lado, um aviso alertando sobre o pagamento adiantado do quarto. Como em muitas outras casas, a porta do banheiro permite que o usuário seja parcialmente visto do lado de fora. Porém, uma cortina azul defronte à porta garante uma maior privacidade.

Devido ao alto valor das diárias cobradas pelos proprietários das casas, Mil e uma Noites prefere estar sempre presente pela manhã e início da noite para controlar seus dois gerentes e as “meninas”, pois, temeroso quanto ao seus procedimentos de trabalho, pode, estando ali, chamar atenção ou detectar, de antemão, as condutas que possam gerar situações arriscadas.

Se der problema pra ela [a prostituta] na casa, Deus me livre e guarde. Se um homem *baleia* ela, dá um tiro, qualquer coisa, é problema pra casa. ‘Como é que é? Quem é o responsável? Quem é o dono da casa? Vambora agora depor na delegacia!’ É... não é mole não. Por isso que eu digo: tem que evitar ao máximo de arranjar problema com o cliente. Tem cliente que... tem cliente que é levado! Tem cliente que quando vem praí vem pro que der e vier, tá entendendo? Der e vier! Tem outros que é calmo, que é tranquilo, *tem medo de escândalo*. A pessoa tem que ter muita tranquilidade pra poder não dar uma coisa que venha a comprometer a casa. Não só ela como a pessoa. Fazer o quê? O mundo inteiro tá nesse jogo. Eu, graças a Deus, nunca usei essas coisas. Nunca. Vivo nessa *carreira do crime* há anos, não critico ninguém, mas graças a Deus minha inclinação nunca foi essa. É um risco. É o risco da vida. A gente tá ali, tomando conta delas [das prostitutas], tem que pedir muita proteção a Deus, pra casa e pra si próprio. Alguma que não quer ir pra casa dorme lá, às vezes trabalha até mais tarde, aí pede pra descansar um pouco e tal tal. Elas têm compromisso, tem casa, né? *Tudo não pode mas pode, né? Quem é que pode com a humanidade?*

No limiar do que é e o que não é permitido, encontram-se todos os tabus sociais responsáveis pela separação da prostituição do resto do mundo “correto”. E, nesse lado do mundo – ou da cidade –, na zona, encontram-se os empresários morais sobre os quais escreveu Howard Becker.<sup>21</sup>

Internamente, as relações de poder destacam isso muito bem, pois sempre as prostitutas são passíveis de um controle mais incisivo

pelos gerentes ou donos de casa, quando não pelos próprios clientes. O caráter operacional de uma imagem insubmissa em relação ao ideal da “mulher direita” transparece, assim, especialmente quando manifestam o desejo de “domesticá-las” seja por meio do namoro com vistas ao casamento – “eu vou tirar você desse lugar” –, seja por de ações tóxicas, repreensivas.

“Por que você escolheu essa vida?” é pergunta frequente, parte do repertório dos clientes. Quando ganha voz, expressa o desolamento e o desconsolo do interlocutor e faz brotar na prostituta os sentimentos confusos de quem se vê, novamente, confrontado com algo *errado*. É, portanto, uma pergunta-chave na panóplia do empresário moral.

### 3. “Donos de casa”: transformações nas relações de poder

A relação da prostituição com o chamado submundo do crime vulnerabiliza seus personagens, principalmente as mulheres, pois, não bastando problemas derivados de questões de gênero, a manutenção do lenocínio como crime previsto no Código Penal abre uma ampla margem de atuação para agentes corruptos.<sup>22</sup>

Mil e Uma Noites costuma se referir a uma “carreira do crime” ao falar de sua própria vida, embora ressalte nunca ter se envolvido com tráfico de drogas ou ações corruptas. A introjeção da ideia de ilegalidade, principalmente para aqueles que raras vezes ou nunca conceberam a hipótese de um dia ver legalizada sua atividade, responde, em certa medida, pela necessidade de um controle por parte daqueles “mais experientes” – o que leva à subjugação de pessoas em escala etária e ocupacional dentro da estrutura social existente na zona.

Desse modo, duas acepções da categoria “dono de casa” devem ser aqui revistas. A primeira refere-se ao proprietário do bordel, que não necessariamente participa do dia a dia de trabalho, mas apenas recolhe diariamente ou semanalmente o valor do aluguel do imóvel. A segunda diz respeito àqueles que são donos, propriamente, ou arrendatários, mas que vivenciam o cotidiano e os problemas da casa, interferindo ou ditando as normas no local.

Normalmente os proprietários ausentes possuem inquilinos, cabendo a estes a condução do negócio e a classificação de dono de casa. Em alguns poucos casos, um dos gerentes assume a responsa-

bilidade do estabelecimento para o dono ausente, não sendo aquele, no entanto, reconhecido como dono, embora esteja lidando cotidianamente com o andamento da casa. A ele apenas são delegadas funções administrativas e de resoluções de conflitos imediatos, não cabendo, assim, o comprometimento com problemas a serem resolvidos em outras instâncias.

Especialmente os que situam a origem de suas trajetórias no Mangue – os considerados “da antiga” – e que ainda hoje sobrevivem como donos de casa atuantes, desenvolveram mecanismos de controle calcados essencialmente na vivência de uma época em que o desenvolvimento tecnológico ainda não havia criado entraves que permitissem o afrouxamento das interações face a face.

Além de um contato mais direto, prostitutas e cafetinas eram atividades frequentemente congêneres e, assim, muitas vezes, uma representava a ascensão da outra. Deste modo, a similaridade das experiências tornava-se ainda mais evidente com o passar dos anos, estabelecendo os fatores etário e de tempo na atividade como cruciais na formação de várias gerações de prostitutas.

Assim é que donas de casa que tiveram experiência “de porta” normalmente são vistas como as mais compreensivas, muitas vezes realizando o papel de conselheira, ao contrário da imagem autoritária construída pelo senso comum, em que a ideia de *exploração* delineia a conduta supostamente despótica.

Há cafetinas que também trabalharam como prostitutas no Mangue e hoje delegaram a seus filhos o papel de donos de casa. Estes, contudo, articulam suas ações muitas vezes negando o passado de suas mães, deixando transparecer a dificuldade de construir uma relação de trabalho em que a prostituta não seja vista como decaída, alguém incapaz de agir com responsabilidade. Ao contrário, eles costumam assumir uma postura tutelar em relação às prostitutas, o que por si só cria uma assimetria na relação além daquela puramente patronal.

A prostituição da Vila Mimosa, feita em estabelecimentos comerciais que funcionam com essa finalidade específica, se singulariza, em relação às outras áreas de prostituição da cidade, a partir do *rapport* prostituta/dono de casa, em que o discurso vitimário surge como um discurso ideológico que, em alguns casos, atualiza a relação dominador/subordinado e, em outros, determina a criação de mecanismos que minimizem o efeito deste estigma.

### 3.1 A escola do Mangue: tradição como controle social

Momentos de crise impõem àqueles que os experimentam tomar decisões que, só após o decorrer de um período de tempo, são valorizadas em função da experiência atual e a partir da relevância de determinados episódios que, combinados, levam à compreensão de que houve um *processo*. Seu caráter teleológico em muito se funda na cristalização dessas percepções, conduzindo-nos à idealização de um passado em que muitos outros acontecimentos ficaram de fora para que fosse possível contar uma história. Em poucas linhas, esse é o processo de uma construção social da realidade.<sup>23</sup>

Considerando essas ideias, em momento algum descartei minhas próprias escolhas no trabalho de observação, pois essa também constitui uma chave para compreendermos o processo de construção do nosso “objeto” de pesquisa, objeto de nossa *atenção*. Como sabemos, a objetivação que resulta em uma etnografia decorre de interações e do interesse por narrativas que existem a partir de recortes subjetivos feitos tanto pelos narradores quanto pelo próprio interlocutor que, num momento posterior, encarna esse mesmo papel ao se transformar em autor do que se convencionou chamar de gênero etnográfico.<sup>24</sup>

Falo, portanto, dos narradores de algumas das histórias que confluíram para a criação da Vila Mimosa – e evidentemente para o recorte deste trabalho. Estes possuem a memória de um “antes” que se refere a um mesmo lugar, *original*, a partir de onde estabeleceram parâmetros para delinear o lugar de hoje.

A saudade do Mangue, tão propalada pelos mais velhos, é antes de mais nada a preservação de uma memória que, por ser saudosa, torna manifesta a existência de mudanças e, consequentemente, de ajustes infundidos e percebidos como característicos da nova vida em relação àquela de que se tem nostalgia. Haveria, então, alguma resistência ao curso da modernização, causada pela reprodução de um modo de vida e por representações distintas acerca da prostituição?

Para os mais antigos, a tessitura do lugar *original* se contrapõe à Vila Mimosa de nossos dias também pela própria “mudança do mundo”, evento que paulatinamente veio promovendo a reificação do dinheiro e a desconexão de valores tradicionais que inclusive, e de acordo com essa cosmologia, determinavam a “entrada” na prostituição. Por isso,

a reconstrução de um espaço em que tais valores pudessem ser cultivados era providencial para que a “vida”<sup>25</sup> tivesse justificação moral.

O dia a dia de lá [do Mangue] era diferente. Não tinha essa balbúrdia que tem hoje, de ter gente demais, de isso, pã... pelo amor de Deus. As mulheres chegavam lá tudo arrumadinha, ia pra porta trabalhar, pra ganhar seu dinheirinho. Não tinha bebedeira, não tinha música, não tinha nada, era um silêncio a prostituição... o tempo anda, as coisas mudam, e vai mudando o sistema de vida, né? Agora hoje em dia a gente não pode nem entrar lá dentro [na galeria] de tanta balbúrdia, é ou não é? Nem conversar direito. Mudou muito, de água pro vinho. Que nem falar assim: o tempo passa, as coisas vão se modificando, modernizando. Naquela época não tinha boemia dentro do *métier*, só em volta, nos bares. Bebida não tinha na casa, não tinha nada. Dali já entrava direto e quando saísse da cabine eles iam procurar os bares nas adjacências pra tomar os *drinks* deles.

(Mil e Uma Noites)

A ideia de *lazer* ainda não havia sido incorporada à prostituição como um potencial mercado para as pessoas que dela sobreviviam. As casas eram espaços de trabalho e moradia, muito embora fossem permeáveis clandestinamente a “bebidas e confusões”, elementos relacionados à *boemia* que se dava em espaços *adjacentes*.

Ainda durante o período em que a vila do antigo Mangue foi apropriada para o uso da prostituição, esses ambientes se fundiram no espaço da casa – as casas da vila – sem que houvesse, no entanto, a atual conotação de negócio como *status* mantenedor de um tipo de comércio que, na Vila Mimosa, tornou-se indissociável da noção de *lazer* como um recurso a ser explorado turisticamente.<sup>26</sup>

No passado, todos os dias e madrugadas eram aquecidos pelo café vendido pelo franzino Mascote. Carregando uma caixa de madeira, de confecção própria, guarnecida de uma buzina e duas luzes vermelhas e dividida em três compartimentos onde ficavam as garrafas térmicas, ele saía de sua barraca, localizada dentro da vila, e ia de porta em porta vendendo café com ou sem açúcar ou ainda “meio amargo”. Junto com a parada para o cafezinho vinha a conversa e, com ela, uma dose de ânimo para mais um dia ou noite de trabalho.

Dona Vilma também caminhava todas as noites pela vila vendendo a famosa sopa de legumes que “forrava” o estômago dos sonolentos ou daqueles que pretendiam avançar noite adentro bebendo fermentados ou destilados.

Personagens como esses não deixaram de existir, e alguns deles acompanharam a mudança para a praça da Bandeira. Porém, hoje, eles disputam a preferência do freguês com as novidades do mercado: Red Bulls e sucos energéticos prometem maior desempenho sexual e estimulam a demonstração de “competência sexual” entre os muitos jovens que circulam pela Vila Mimosa de hoje.

De trás do balcão, Mil e Uma Noites apenas observava o grupo de sete rapazes que acabara de entrar em sua casa atraído pelas duas prostitutas que conversavam debruçadas na janela. Uma cerveja foi pedida, mas, diante da constatação de que não daria para encher todos os copos, a segunda foi aberta como pretexto para continuarem ali, mudos e vidrados nas formas das garotas, até que uma delas tomou a iniciativa de se posicionar entre eles, recostando-se ao balcão. Seu gesto detonou inúmeras galhofadas do grupo para com o sujeito por ela escolhido, criando a expectativa de uma atitude por parte do rapaz eleito.

Diante da iminente prova de competência sexual, não havia outra escolha. Praticamente sem troca alguma de palavras, talvez constrangido pela atenção opressiva do grupo, o rapaz se deixou conduzir pela garota em direção à escada caracol. Não houve ali nenhum tipo de negociação, apenas lhe fora informado o preço do programa.

Os outros rapazes terminaram a cerveja e saíram da casa, permanecendo do lado de fora com lânguidos olhares que se desfaziam diante do desdém das prostitutas que por eles passavam.

A cena levou Mil e Uma a tecer comentários a respeito da inexperiência e do *tempo* da prostituição de hoje, justificando sua presença vigilante em relação aos possíveis excessos cometidos no interior da sua casa.

Essas meninas novas não têm aproximação ao cliente, acha que é nova não trata bem, trata com aquele desdém, tá compreendendo? Essas meninas novas são inexperientes, acham que tem que ser rápido: “vamo, vamo, vamo”. O sexo não pode ter pressa. Como é que a pessoa vai mentalizar? Tem que mentalizar, ou não? Elas não, querem logo que o cara seja galo, pra elas já saírem pra arranjar outro. É fogo! [...] aí chega lá

no quarto, na cabine, às vezes por qualquer motivo a mulher se excede, diz uma palavra que ele não gostou, sabe como é mulher, né? Meio atrevida. Aí começa aquele auê. Tem mulher que é malcriada que Deus me livre! Não deixa nem chupar os peitos! Se não pode, não gosta, fala antes pro cliente que “não gosto, meu filho, e tal”. Dá uma ideia, mas não faz ignorância. O homem se vê atordoado, mete a mão e sai.

O número de programas feito por uma prostituta em um dia – ou noite – de trabalho foi citado por praticamente todos os gerentes e novos donos de casa com os quais conversei, como um dado a ser computado para a divulgação do sucesso da Vila Mimosa. Entretanto, em momento algum ouvi dos mais antigos qualquer menção sobre esse cômputo.

Na opinião destes, o afã quase exclusivo pelo dinheiro é um dos fatores que *deturpam* a prostituição, transformando-a numa atividade violenta e mercenária. O cuidado com a roupa, a maquiagem, os modos e o tratamento do cliente cederam lugar ao assédio indiscriminado que, do ponto de vista desses atores, descaracteriza todo um aprendizado profissional.

Elas hoje *fazem de tudo*: seguram o cliente pelo braço, andam nuas. No meu tempo era outra coisa, não tinha essa pouca vergonha de andar com os peitos de fora. As mulheres andavam todas bem-vestidas, ficava tudo dentro das casas.

(Laura – dona de casa)

A atual pujança de possibilidades, referida nas falas dos que trazem lembranças da vivência no Mangue, sobressai na transposição de espaços físicos e sociais anteriormente separados e que hoje se configuram numa miríade de usos que os leva a acreditar na “perda do romantismo da zona”.

### *3.2 O novo conceito de “zona”: tradição como atrativo turístico*

Em meio à fumaça do churrasquinho vendido nos inúmeros quiosques existentes no final da rua Sotero dos Reis, eu me encontrava com mais três pessoas que vieram ao Rio como participantes de



um treinamento para o trabalho de prevenção da aids e de doenças sexualmente transmissíveis junto à população das chamadas “profissionais do sexo”.<sup>27</sup> Entre essas pessoas estavam uma velha prostituta de Belém do Pará, um psicólogo do Gapa (Grupo de Apoio à Pessoas com Aids) de Minas Gerais e uma travesti atuante no movimento de transexuais do Rio Grande do Sul. Aguardávamos a chegada de Alaíde, uma jovem dona de casa da Vila Mimosa que coordena o projeto de prevenção de DST/AIDS da Amocavim, financiado pelo Ministério da Saúde.

Era noite, e as conversas e paqueras em curso naquele trecho da rua nos entretinham. Garotas em grupo caminhavam de um lado para o outro, lentamente, como a checar os tipos presentes ou, quiçá, encontrar o cliente bonito de dias atrás. Casais, rodas de amigos e alguns homens solitários disputavam um lugar sob as lonas azuis e laranja dos quiosques enfumaçados e amarelados pela luz das lâmpadas incandescentes, observando ou enaltecendo as mulheres que desfilavam pela rua.



**Figuras 11 – (Fotos: Olivia Gay). À noite, profusão de cores, luzes, formas, sons e odores exacerbam os sentidos.**

Como de costume, aquela noite também me pareceu festiva. Alaíde chegou altiva e animada no seu papel de cicerone da Vila Mimosa, conduzindo-nos ao estabelecimento de sua irmã, no interior da mais nova galeria do local. No percurso, os novos visitantes faziam perguntas, destacavam cenas e, estupefatos, faziam comentários sobre a quantidade de bares ao longo da rua e o grande número de pessoas que ali transitam e trabalham. Orgulhosa, Alaíde citava nomes e agregava uma ou outra informação, demonstrando sua íntima relação com o lugar.

Filha de uma ex-cafetina do Mangue, ela e vários de seus oito irmãos possuem casas na Vila Mimosa. A hereditariedade do trabalho se estendeu até aos enteados que fazem parte da família extensa: um deles presta atendimento médico às prostitutas duas vezes por semana na unidade instalada na calçada do lado par da rua, serviço oferecido com o auxílio do Banco da Providência.<sup>28</sup>

O histórico familiar que lhe garante uma ampla autonomia e desenvoltura para falar sobre a Vila Mimosa é utilizado como *discurso de autoridade* que se potencializou com a exploração da virtualidade turística do lugar. A relevância dos episódios destacados como marcos na trajetória da antiga zona em muito se deve ao grande apoio da classe artística e política em defesa do Mangue e à visibilidade concedida pela mídia à época do conflito com o pastor Nilson Fanini, em 1987, e da demolição das casas, em 1995. Desde então, a perspectiva histórica passou a contribuir na percepção de um manancial *temático* em que as ideias de lazer, turismo e até mesmo de folclore foram assumidas e incorporadas na construção de um “novo conceito de zona”.



Durante a primeira entrevista que realizei com Fausto, a vontade de “fazer história” já havia sido expressada como fator determinante desse ideal de mudança, na medida em que permitiria traçar uma linha evolutiva que espelhasse melhorias e ampliação na estrutura física e nos serviços oferecidos pelo empreendimento atual.

Hoje, se você parar pra ver o que tá vindo de turista aqui! E nós ainda não fizemos a página, nós estamos fazendo uma página na internet. Mas não é uma página de prostituição, não é isso. Nós queremos colocar uma página assim... de serviços. Além de serviços, mostrar toda a história da Vila. [...] Então a gente tem que fazer um trabalho, pra mostrar pro governo: “Olha só: esse aqui é o nosso lado social”, entendeu? Infelizmente temos que existir. Então, eu não quero levar como uma coisa agressiva, abriu a página tem uma mulher nua. Não é isso, tá entendendo? Começar uma história, um caminho... aí depois sim, no finalzinho...

Dentro dessa perspectiva, o incremento da Vila Mimosa, que hoje ostenta microcâmeras em algumas boates, segurança contratada, salões de beleza, serviços jurídicos, minicursos de artesanato para as prostitutas, academias de ginástica, uma unidade médica e um *site* na internet, visa fomentar uma nova relação da sociedade mais ampla com a prostituição desempenhada naquele local, na qual são destacadas ações voltadas para os problemas de segurança e saúde, normalmente relacionados a esta atividade.

O que no passado se constituía como demanda de políticas públicas destinadas à promoção de uma profilaxia social, encarnando as prostitutas o papel de ameaça ao estabelecimento dessa ordem, hoje se transformou numa demanda interna de uma elite de donos de casa como meio de comprovação pública da idoneidade desses atores.<sup>29</sup>

O que vem sendo classificado como “nosso lado social” resume a apropriação, pelos donos de casa, de mecanismos discriminatórios que reproduzem a subordinação e a manutenção do estigma da prostituta como agente disseminador de doenças.

Entretanto, todos os projetos e discursos que expressavam *mudança* foram sendo revelados, em seus fundamentos, de maneira muito mais evidente na trama do cotidiano. As formas de interação estabelecidas entre donos de casa, gerentes e prostitutas deram textura àquilo apresentado inicialmente como um ideal. Não importando qual ou o que fosse esse “novo conceito de zona”, ele se manifestava no dia a dia por meio do acompanhamento de visitantes que se apresentavam como pesquisadores, cinegrafistas, fotógrafos ou estudantes e do comportamento dos donos de casa que atuam como diretores da Associação, sobretudo os encarregados de coordenar seus projetos.

Como um guia turístico, cujo papel é o de otimizar o tempo reduzindo desvios de atenção para tudo o que se considera irrelevante ou interdito ao conhecimento do visitante, Leandro, secretário da Associação, esteve sempre atento e solícito para qualquer informação que eu precisasse durante minhas visitas iniciais à Vila Mimosa. Sua incumbência já permitia destacar cuidados diretamente relacionados à transformação da relação dos donos de casa com a imagem de seus negócios.

Durante a primeira visita, ele me forneceu dados sobre a média de programas das garotas; na segunda, falou sobre o roubo da verba da indenização, levando-me até o arquivo onde estão guardados os documentos do processo; na terceira, novos dados sobre o passado

e os dias de hoje e assim sucessivamente, sem dispensar o acompanhamento durante as primeiras entrevistas.

Foi a partir da ausência de sua companhia que pude estar mais à vontade para simplesmente observar e começar a perceber com mais clareza a diligência de alguns donos de casa com o seu próprio negócio e, sobretudo, com a face sustentada diante das prostitutas.

Fausto, como sempre, presente; mas transitando entre seus estabelecimentos, acompanhando as diversas rotinas de trabalho ou participando de reuniões. Dalva, dona de casa no sentido *lato* e no sentido *stricto*: o endereço de sua residência era o mesmo de seu bordel. Mil e Uma Noites, morador na rua vizinha, tinha sua vida inteiramente associada à prostituição e era, aliás, um de seus mais argutos observadores.<sup>30</sup>

A extrema atividade de Fausto me pareceu induzir a um distanciamento hierárquico muito maior do que pude perceber entre os donos de casa mais antigos – o que não passava de um equívoco. Todos tinham seus métodos para regular a distância social, embora somente ele dispusesse de tecnologia de ponta para exercer seu controle e garantir a segurança da casa.

Durante o dia, Fausto aparenta não ter tempo para perder em conversas prolongadas que não sejam a respeito dos negócios ou da resolução dos problemas mais imediatos. Conforme diminui a demanda de trabalho, ele sai de cena, indo para os bastidores de sua *boate* maior.

Como ele, outros proprietários que costumam estar presentes e atuando de maneira efetiva junto à Associação evadem-se às conversas prolongadas. Estão sempre sendo vistos “de passagem”, fugidios. Tal efemeridade estabelece diferenciações bastante nítidas entre eles e os demais proprietários que, ou se fazem ausentes, deixando a responsabilidade nas mãos de seus gerentes ou inquilinos, ou simplesmente não querem assumir compromissos coletivos, priorizando o cuidado com suas próprias casas.

Tudo isto não ressalta qualquer alteração significativa entre passado e presente. Ao contrário, o que torna manifesto os efeitos do tempo são as diversas representações, adaptações e ressignificações impostas pelo exercício da convivência e interação cotidianas.

É irresistível constatar os efeitos que o esforço associativo provoca na percepção dos atores em relação a si próprios e em relação ao local de trabalho. Esse “eu interior”, do qual falou Kuper,<sup>31</sup> encontra seu lugar no mundo ao participar da identidade de uma coletividade

e redundante, entre outras coisas, em uma maneira particular de se relacionar com o próprio espaço.

Contudo, a dedicação associativa se mostra exclusiva de apenas alguns associados que decidem pela coletividade, tomando como parâmetro o sucesso de suas próprias trajetórias.

Nós estamos trabalhando, por exemplo, época de Páscoa, né? Uma época bonita. Uma passagem bonita. Quer dizer, você deveria fazer alguma coisa. Mas... o que acontece aqui dentro da Vila é que as pessoas não estão muito associadas, entendeu? Elas não... não têm o mesmo objetivo, a mesma direção. Aqui umas são mais egoístas do que as outras. Às vezes, você vê a pessoa mais forte, e de repente é a pessoa mais acessível, entendeu? Às vezes, o “menor” ele é mais resistente, ele é mais preconceituoso. Não sei... acho que ele é mais burro. Acontece muito. Eu acho que não é medo não, senão eu teria medo. Eu cheguei aqui sem um centavo no bolso. Sem um centavo no bolso! Larguei comércio que tinha lá fora e tudo, larguei emprego. E comecei aqui com uma garagem. Essa casa aqui do lado era uma garagem. Aí eu comprei, aí fomos, né? Fomos montando, devagarzinho, eu sempre viajando [contactando mulheres em outras cidades]. [...] Eu andava muito em Lojas Americanas, aí tinha aquele som CCE, 75 reais, um som com cd. Botei na casa, parei de usar máquina. Aí fui vendo que o público queria isso. [...] você tem que se modernizar! Mas por quê? Eu sou burro? Não! Eu tô modificando, eu tô mudando, eu tô mudando a mentalidade. Sério! Então você vai mudando essa concepção de zona. Aí deixa de ser “zona”, entendeu?”

Dissociar a ideia de bagunça do ambiente da prostituição é a meta mais pronunciada.

Isso aqui virou *point* do pessoal da Zona Sul (prostituta).

A Vila virou ponto turístico (cliente).

Hoje, só quem fala zona é a gente, o cliente fala Vila Mimosa (dono de casa).

O termo a ser extinto opera internamente como elemento afetivo. Porém, na construção da nova imagem, a Vila Mimosa ascendeu

comercialmente como patrimônio histórico e cultural: “Já tem livro sobre isso aqui, tem história”.

A própria existência da Associação e a explicitação literal de regras por meio de comunicados distribuídos e colados nas paredes dos bares e corredores da Vila Mimosa, e também através do *site* na internet, têm contribuído na conformação de um código progressista que visa instaurar um padrão de *lazer sexual*. Nesses cartazes estão proibições quanto ao trânsito de mulheres seminuas pelas ruas vizinhas e à presença de menores nos estabelecimentos da Vila Mimosa. Também é proibida a prostituição de garotos de programa e travestis em qualquer um dos estabelecimentos como forma de se “preservar a tradição”.

Anteriormente aderida à experiência subjetiva, a tradição destaca-se agora como categoria turística que produz um diferencial abalizado pelo *tempo*, compondo, assim, um atrativo inigualável entre as várias áreas de prostituição da cidade.

#### 4. “Deixamos de ser zona, somos Vila Mimosa”: procedimentos de limpeza do estigma

A assunção de um projeto institucional por uma elite de donos de casa da Vila Mimosa tem se desdobrado na criação de mecanismos que visam elevar os traços positivos da coletividade, de maneira a eclipsar aqueles que colocam em perspectiva as inúmeras histórias tristes – as *sad histories* de que fala Goffman – usadas para sustentar argumentações que suprem, no mais das vezes, as expectativas do senso comum.

A seguir, procuro destacar algumas das ações que foram pensadas à luz de novas *justificativas* sociais que pudessem produzir contextos mais favoráveis à inserção da Vila Mimosa e de seus atores nos campos político, econômico e social, ordenando-as cronologicamente de maneira a provocar a decantação de um processo.

Ao entendê-las como etapas de um projeto mais amplo, proponho fazermos uma analogia com os mecanismos isolados por Van Gennep nos chamados ritos de passagem, no que se refere à tentativa de construção de um novo status para o indivíduo ou para o grupo – e aqui, no caso, para os atores da Vila Mimosa, especialmente seus empresários.

Obviamente não se trata, aqui, de um rito de passagem. Mas podemos entender que os efeitos pretendidos – passar de um estado social a outro – são anunciados através dos esforços associativos e das ações empreendidas pelos agentes da Vila Mimosa.

Assim, o primeiro item abordado (“*site*”) seria uma apresentação do projeto de mudança desse status. O segundo (“ambulatório médico”), ao pretender o controle de doenças sexualmente transmissíveis, consistiria na *separação* de um antigo estado de coisas precedente representado ora pela “falta de controle” – ou o controle médico exercido por políticas públicas,<sup>32</sup> tal como vigorou no passado – ora pela ideia de contágio associado ao sexo da prostituta. O terceiro (“*I Gatinha Mimosa*”) seria, então, o momento da *liminaridade* no qual o sujeito a ser transformado nesse processo – a prostituta – emerge em seu novo estado, configurado pela voluntária exposição pública da identidade. O quarto e último item (“*Campanhas Políticas*”) confirmaria a *agregação* da coletividade ao novo *status*, na medida em que seus membros tornam-se publicamente reconhecidos e admitidos como agentes do processo democrático, apesar dos muitos interesses políticos efêmeros que vêm à tona durante o período eleitoral.

## 4.1 Site

Certa manhã, na sala da Associação, tudo transcorria como de costume: os móveis haviam sido (mais uma vez) mudados de lugar, e Leandro continuava entretendo com suas histórias as meninas que trabalham no salão contíguo. Uma delas fazia suas unhas no momento em que entrei – situação, aliás, bastante comum pelos corredores da Vila Mimosa: várias mulheres fazem as unhas de seus clientes enquanto outras os mimam com seus carinhos.

Em meio àquela situação bastante informal, noto a presença de um rapaz, alguém que em seguida é apresentado como sendo o responsável pela elaboração do *site* da Vila Mimosa. Tímido, talvez pela pouca familiaridade com o lugar, ele diz estar surpreso com a rotina que tem a oportunidade de presenciar. Como observador do dia a dia, ele passara a ter acesso às piadas de bastidores, às fofocas e ao trabalho administrativo da Associação que normalmente não são disponíveis ao frequentador comum.

Para ele, a organização ganhara uma dimensão até então inexistente, o que provavelmente o ajudou no trabalho de construção

da imagem que em breve iria ser disponibilizada para milhares de internautas.

Dias depois, a *home page* da Vila Mimosa estava no ar, contabilizando cerca de 30 mil acessos apenas no primeiro mês. Como não poderia deixar de ser, jornais nacionais e estrangeiros noticiaram a “adesão do mais antigo bordel do Rio à nova Economia”:

O objetivo do *site*, que o bordel colocou *on line* na semana passada, é atrair uma clientela maior e de nível mais alto, que não quer se aventurar pela área da Praça da Bandeira, onde fica a Vila Mimosa.

“Agora você pode ver a atração turística mais desejada no Rio de Janeiro”, diz a *home page* do *site* que está no endereço [www.vilamimosa.com.br](http://www.vilamimosa.com.br). O *site* é administrado por uma organização que representa as mais de mil prostitutas que trabalham na zona norte do Rio.

Com o lançamento, o bordel carioca tornou-se o mais recente participante do maciço comércio sexual na internet. Muitos bordéis no estado de Nevada – onde a prostituição é legal – já estão *on line*.

(*Miami Herald's* – 2 de setembro de 2001)

*“La plus célèbre des maisons closes de Rio de Janeiro, Vila Mimoza, a fait cette semaine son entrée dans le monde de l'internet et présentera ses services sur le web à partir du mois de septembre. Tu vas maintenant connaître un endroit enchanteur et l'un des coins touristiques les plus aimés de Rio”, annonce Vila Mimoza sur son site en cours de construction. Le site, [www.vilamimoza.com.br](http://www.vilamimoza.com.br), est géré par l'association des quelque 1.000 prostituées qui travaillent aux abords de la Praça da Bandeira (Place du Drapeau) dans la zone nord de la ville. Vila Mimoza, fondée il y a 60 ans et qui abrite depuis les années 70 le siège de l'association des prostituées de la ville, est une véritable institution à Rio. Les prostituées de Vila Mimoza qui travaillent dans quelque 70 maisons juxtaposées reçoivent une clientèle aux revenus modestes. Malgré l'apparence sinistre du quartier où déambulent des dizaines de femmes à demi nues, jeunes ou vieilles, qui interpellent le client en prenant des poses lascives, sous la lumière blafarde des néons, Vila Mimoza est un quartier incroyablement tranquille. Les clients*



*le savent bien tout comme les prostituées qui préfèrent travailler à Vila Mimososa que dans des quartiers plus proches de leur domicile. La gestion exemplaire de ce quartier « chaud » est à mettre au crédit de l'association des prostituées qui est parvenue à imposer une interdiction des drogues et de la prostitution masculine. Vols et bagarres entre clients sont rares. Les responsables de l'association sont fiers d'avoir fait installer l'air conditionné dans toutes les chambres, des salons de beauté pour les belles de nuit et de promouvoir régulièrement des campagnes d'information sur les maladies sexuellement transmissibles (MST) avec le concours du ministère de la Santé. Avec leur site internet, les professionnelles de Vila Mimososa espèrent pouvoir attirer une clientèle des quartiers riches et peut-être même des étrangers. La prostitution n'est pas un délit au Brésil sauf dans les cas d'exploitation sexuelle ou lorsqu'il s'agit de mineurs.*

(AFP, 30 de agosto de 2001)

Três ou quatro meses depois, em sua terceira versão, o *site* trazia na página principal o subtítulo “O cartão-postal secreto do Rio” e sete divisões onde o visitante podia obter informações sobre a “Vila antiga”, “O Mangue”, as “Meninas”, o “Lado Social”, “Onde é”, as “Casas” e o “Horário” de funcionamento. Desses *links*, destaquei os seguintes trechos:

- *Casas*: “Não é permitido que travestis ou garotos de programa trabalhem no local. Para *preservar a tradição*, somente mulheres são aceitas.”
- *História*: “A localização da zona se manteve até aproximadamente 94/95, quando o Estado decidiu que o prédio da TV Rio seria tombado pelo patrimônio histórico. *Não há como um lugar dessa importância estar ao lado de mulheres que ganham a vida com o sexo pago*. A única solução era mudar-se...”
- *Horário*: “Vila Mimososa funciona todos os dias (24 horas) incluindo feriados e dias santos.”
- *Meninas*: “Não há uma classificação exata para as *meretrizes*, pois são de vários tipos.”

Em nenhum momento, se leem as palavras “prostituta” e “prostituição”. Nas conversas com os donos de casa e com as próprias prostitutas, muitas vezes pude perceber que os termos “menina”, “garota” e “garota de programa” eram utilizados preferencialmente, e a palavra “puta” era sempre referida como xingamento ou usada nas brincadeiras entre amigos.<sup>33</sup>

A velha dicotomia mulheres impuras/sexo pago x mulheres puras/procriação transparece tanto na referência feita aos dias santos quanto na citada “impossibilidade” de se manter a prostituição próxima a um “lugar importante”.

Veiculada para o mundo, a imagem da Vila Mimosa sofreu uma assepsia de elementos estigmatizantes sem, contudo, deixar de ser considerada pelos seus próprios agentes como um problema social.

Atualmente, a página inicial do *site* menciona o respeito devido às “profissionais do sexo”, mulheres que sempre “aliviaram a ansiedade, supriram a carência e elevaram a autoestima dos homens”. Por tudo isso, diz a nota de apresentação, “elas devem ser tratadas pelo o que são: cidadãs, eleitoras, trabalhadoras e, em muitos casos, mães...”

A Associação promove uma cruzada moral de modo a reparar o que julga injusto: o reconhecimento das “profissionais do sexo”. Há um apelo à lembrança: muitas são mães. As reticências que seguem não deixam dúvidas sobre o peso que se quer dar a este conteúdo.

Os motivos humanitários da Associação aspiram ao abolicionismo. Mas o sucesso da cruzada, lembra Howard Becker, pode um dia vir a deixar o empresário moral sem uma causa que justifique o seu esforço. Por isso ele se torna um “profissional da descoberta de injustiças a reparar”.<sup>34</sup> Deste modo, a Associação da Vila Mimosa funciona como um verdadeiro centro social no mundo da prostituição carioca, nesta que veio se constituindo em sua *raison d'être* mais difundida.

## 4.2 Ambulatório Médico

Segundo interpretação de Gusfield, no livro *The Culture of Public Problems*,<sup>35</sup> a transformação de atitudes privadas em problemas públicos envolve processos que passam a ser considerados como sendo de risco coletivo, embora muitas vezes decorram de ações cujas consequências encontram no âmbito individual a causa de suas existências.

Com o surgimento da Aids, as campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis foram ampliadas tendo como principal conceito de trabalho os chamados “grupos de risco” que, logo no início, abrangia a população de homossexuais e, num outro momento, usuários de drogas e prostitutas.

Novamente, os hábitos pessoais eram desconsiderados em virtude de um suposto comportamento coletivo considerado desviante, que levaria a maiores probabilidades de contaminação desses grupos em relação a outros segmentos da sociedade, considerados de comportamento “normal”.<sup>36</sup>

Com a organização de vários setores da sociedade civil, que passaram a exercer um maior controle social sobre esse tipo de discriminação, o conceito de grupo de risco teve de ser revisto não só pela pressão da sociedade civil organizada, mas principalmente pelo aumento da incidência de Aids entre pessoas excluídas dos chamados grupos de risco.

Uma nova concepção foi pensada, desta vez não mais atribuindo o risco a grupos, mas sim a comportamentos. Ainda assim, a ideia acabava sobrecarregando aqueles que apresentassem condutas divergentes do ideal de comportamento socialmente aceito.

Visando à criação de um conceito onde todo e qualquer indivíduo pudesse estar inserido como agente responsável pelo alastramento da doença, e não apenas aqueles estigmatizados pelo comportamento sexual apresentado, criou-se o conceito de “vulnerabilidade”, que, como foi citado acima,<sup>37</sup> compreende o indivíduo em seu ambiente, ou seja, considerando fatores psicossociais que possam contribuir para que ele não assuma medidas seguras de prevenção.<sup>38</sup>

Assim, a probabilidade de se contrair doenças passou a ser observada levando-se em conta não a opção individual, mas sim os fatores que, conjugados, vulnerabilizam aqueles que optaram por elas, tais como gênero, discriminação, violência, acesso restrito aos meios de informação e aos serviços de saúde etc.

Com o conceito de vulnerabilidade, deslocou-se o foco do trabalho de prevenção. O estigma que imputava a determinados segmentos da sociedade a *culpa* pelos seus males foi abolido em prol de uma abordagem mais ampla e contextualizada, em que todos passaram a ser responsáveis inclusive pela vulnerabilidade alheia.

Neste sentido, um problema considerado de saúde pública – a proliferação da Aids e das DST – incorporou segmentos sociais ante-

riormente excluídos das projeções traçadas pelos órgãos responsáveis pelas estatísticas de saúde da população.

Em pesquisa realizada pela Universidade de Brasília com a população de “profissionais do sexo”, constatou-se que a incidência de Aids no meio da prostituição atinge apenas 6% dessa população. Por conta dos conceitos anteriormente trabalhados, o uso do preservativo passou a ser incorporado como “instrumento de trabalho”, enquanto foi praticamente abandonado pelas pessoas que se consideravam fora dos chamados “grupos de risco”.

Entretanto, o número de relações sexuais contabilizado pelas prostitutas ainda repercute como fator de risco. Mais do que isso, a diferenciação do trabalho destas mulheres e dos donos dos estabelecimentos cria uma defasagem de interesses em relação à desconstrução do estereótipo que atribui à prostituta a responsabilidade pela disseminação de doenças, isentando o cliente que insiste em não usar o preservativo ou até mesmo se utiliza da força física ou de outros instrumentos para consumir o ato sexual desprotegido – o que constitui, enfim, um dos fatores de vulnerabilidade.

Em várias ocasiões, ouvi de gerentes de boates que o exame de HIV *obrigatório* era uma espécie de “selo de garantia” das prostitutas que ali trabalhavam, em caso de reclamação de clientes. Em nenhum momento, se cogitava a hipótese de serem estes os responsáveis pela transmissão de doenças, pois o aspecto comercial impinge ao “produto da casa” a garantia de que o consumidor não sofrerá lesões.

Em todas as vezes que me foi possível, questioneei esse tipo de atitude, alegando se tratar de uma estratégia de boicote da campanha preventiva, uma vez que o uso da camisinha se faz exatamente para evitar a transmissão de doenças, independentemente dos parceiros saberem da contaminação ou não do outro. Se apenas às mulheres cabe o “atestado de qualidade”, pressupõe-se que o cliente pode abolir o uso do preservativo, pois não será contaminado por ela, ao passo que ele poderá contaminá-la sem que seja por isso responsabilizado.

Tal argumentação provocava certa confusão em meus interlocutores, que ainda assim encontravam meios de defender suas posições legitimando-as numa hipotética proscricção natural das prostitutas, enquanto mulheres condenadas a viver todas as mazelas que a vida tem para oferecer.

Deste modo, o projeto de implantação da unidade médica da Vila Mimosa foi pensado sob a luz da benesse social que, como vimos acima, também concerne ao projeto de reconstrução de um “conceito de zona” promovido pela Associação dos donos de casa.

A escolha do tipo de serviço médico prestado já aludia à retomada de políticas higienistas. Inicialmente, duas ginecologistas faziam o atendimento em um pequeno espaço na sede da Amocavim separado por divisórias. Posteriormente, parcerias feitas com taxistas que fazem ponto na Vila e com a empresa fornecedora das máquinas de música existentes nos estabelecimentos do local possibilitaram o levantamento de 8 mil reais para a instalação do ambulatório em unidade própria, localizada no lado par da rua.

Dois ginecologistas, uma assistente social e uma enfermeira atendiam, durante esse período, cerca de dez prostitutas duas vezes por semana, de dez da manhã às duas e meia da tarde. O horário de funcionamento do posto era restrito e impróprio, visto que a maioria das mulheres dorme até as primeiras horas da tarde ou só trabalha no período noturno.

Houve questionamento também quanto à especificidade do atendimento. Segundo algumas prostitutas, o serviço deveria ser estendido a todos os frequentadores da Vila Mimosa e durante todos os dias da semana, denotando uma divergência de perspectivas entre elas e os donos de casa – estes preocupados unicamente com o controle de saúde sexual das mulheres que ali trabalham, enquanto estas englobariam os clientes e outras possíveis afecções ou acidentes como passíveis de atendimento.

Tal divergência pode ser compreendida pela ótica capitalista dos idealizadores do projeto, nexos que destaca a preservação da força de trabalho das beneficiadas pela iniciativa,<sup>39</sup> em detrimento de outros aspectos igualmente importantes de serem observados dentro daquele universo.

Mas, de maneira geral, o ambulatório foi comemorado por todos como uma conquista. Para as prostitutas, representou a consolidação dos interesses da Associação em “defendê-las”, ou “fazer o melhor” para o seu bem-estar.

Porém, um fator até então latente se revelou com a instalação da unidade médica. Com a facilidade de acesso ao exame preventivo, reclamações relativas à falta de tempo ou a discriminações sofridas nos postos de saúde tornaram-se injustificáveis. A resistência em realizar o exame passou a caracterizar a relutância em desvendar para

si e para as colegas o resultado (doenças) de práticas discriminadas (principalmente sexo sem camisinha e sexo anal) e muitas vezes associadas à “sem vergonhice” ou à “baixa autoestima”.

O fato de realizarem o exame também cria expectativas gerais quanto ao resultado, causando um desconforto que decorre do controle social. Quatro prostitutas que descobriram estar contaminadas pelo vírus HIV foram duramente discriminadas pelas colegas, sendo mesmo proibidas de trabalhar na Vila Mimosa.<sup>40</sup> Embora recebendo apoio de donos de casa preocupados com a imagem dos seus negócios, a expiação serviu para que mais uma “medida social” fosse empreendida: um acréscimo na contribuição paga à Associação ou doações serviriam para a compra de cestas básicas para prostitutas sabidamente contaminadas e impedidas de continuar trabalhando na Vila Mimosa.

Como concretização de uma aspiração há tempos conjecturada, podemos dizer que, no campo simbólico, o ambulatório serviu também como marco da fixação e dos desdobramentos oriundos do conceito de autoestima,<sup>41</sup> visto que ele representa melhorias infraestruturais com impacto na elaboração da autoimagem da coletividade.

Mulheres que “não se dão valor” equivalem a mulheres com baixa autoestima. Trocando em miúdos, estas são identificadas como as que dão continuidade a técnicas de sedução menos sofisticadas, abordagens diretas dos clientes e realizam assumidamente qualquer tipo de prática sexual. O que se percebe é que, junto com a instalação do ambulatório, revelou-se, traiçoeiramente, todo o moralismo latente em áreas de prostituição, porém fundamentalmente ignorado pelo senso comum – que tende a separar do sujeito as construções estruturais e simbólicas socialmente partilhadas, devido à sua condição de “desviante”.

### 4.3 | *Gatinha Mimosa*

No dia 19 de setembro de 2002, um evento inédito atraiu centenas de pessoas das mais diversas procedências à Vila Mimosa. Atores, atrizes, representantes de ONGs, jornalistas da revista alemã *Der Spiegel* e do jornal *Beijo da Rua*, irmãs de caridade, historiadores, centenas de prostitutas, muitos familiares e clientes prestigiaram o I Gatinha Mimosa, desfile de moda promovido pela Amocavim com o apoio do Ministério da Saúde, da ONG Davida, de comerciantes da região, de políticos e de representantes da Região Administrativa da Tijuca, órgão do governo municipal.

A ideia do concurso surgiu da sugestão de uma reportagem sobre as roupas usadas por prostitutas de diversas épocas, que sairia publicada no jornal *Beijo da Rua*.

Os dias que precederam o concurso foram de muita expectativa. A convocação de prostitutas interessadas em participar foi feita pelo boca a boca e por meio de faixas e cartazes posteriormente afixados nos estabelecimentos da Vila Mimosa. Inicialmente, houve interesse de mais de 40 mulheres. Com a aproximação do dia marcado, entretanto, muitas desistiram temerosas de tamanha exposição.



**Figura 12 – (foto: Der Spiegel. Reprodução: Jornal *Beijo da Rua*)**

A visibilidade que o desfile possibilitaria poderia agregar novos fãs à clientela das candidatas, porém também representava uma ameaça ao confortável ocultamento da identidade de prostituta. Considerando isso, os organizadores do evento compraram máscaras para que todas pudessem desfilarem sem medo de serem “descobertas”.

O caráter extraordinário de um evento planejado e organizado antecipadamente impunha uma nova situação em que as pretendidas participantes se confrontavam com a hipótese de tornarem públicas suas identidades, ainda que para uma plateia já habituada com tal evidência.

Seis ensaios foram realizados para que as candidatas pudessem ir compondo a postura e os trejeitos que iriam exibir no grande dia. No primeiro, muitas compareceram. Já no último ensaio, apenas quatro estiveram presentes, fazendo com que muitos cogitassem a hipótese de cancelamento do evento – proposta vetada por Glória que, àquela altura, já havia combinado a cessão do terreno de uma antiga garagem, no final da rua Sotero dos Reis.

Todos os funcionários e colaboradores da Associação passaram a noite fazendo a limpeza do local: retiraram o mato que crescia pelos cantos do terreno, adaptaram uma cabine em torno de um velho vaso sanitário, ajeitaram o balcão onde seriam vendidos salgadinhos e bebidas. Ao fundo, foram presos grandes pedaços de lona preta para isolar a área que serviria de camarim. A partir dali, saíam as candidatas em direção à passarela que fora montada logo em frente, ornada com inúmeras bolas coloridas. Os refletores de luz foram dispostos de maneira a destacar as concorrentes, sem que, no entanto, o público fosse deixado de fora do espetáculo: luzes amarelas esquentariam ainda mais a efervescente noite do desfile.

Por volta das sete horas da noite, cheguei ao local da festa acompanhada por Gabriela, que faria parte do júri, Flávio Lenz, seu companheiro e editor do *Beijo da Rua*, e mais um amigo. Várias mesas foram colocadas em volta da passarela: do lado esquerdo, ficariam os jurados, nas demais, os donos de casa responsáveis pela organização do evento, seus familiares e os convidados das demais instituições. Estava clara a separação preferencial do público.

Sentado a uma mesa próxima às caixas de som, Fausto organizava as fichas que seriam distribuídas aos jurados. Fui até lá cumprimentá-lo e recebi em troca a tarefa de escrever o texto de abertura que seria lido por Glória. Sentei-me ao seu lado e tentei elaborar um discurso que expressasse a emoção que percebia nos rostos de todos. Leandro, Alaíde e suas irmãs entravam e saíam do camarim, cuidando dos preparativos finais a poucos minutos do início do concurso, marcado para começar às oito horas.

Curiosamente não havia nenhuma faixa indicando do que se tratava todo aquele aparato de som e luz. Timidamente, as pessoas que passavam em frente ao local paravam, olhavam e se aproximavam sem esboçarem a tentativa de se sentar nas cadeiras que ainda estavam disponíveis pelo atraso de alguns convidados.

O operador de som colocou repetidas vezes a música *Malandragem*. O pátio foi ficando cada vez mais cheio de gente. Jovens casais, muitas prostitutas e clientes começaram a ocupar os espaços. Outros disputavam a atenção do rapaz do bar, ávidos por uma latinha de cerveja.

De trás da lona escura do camarim, as meninas demonstravam grande ansiedade. A toda hora, uma ou outra colocava o rosto para fora na tentativa de avistar algum conhecido ou apenas admirar a quantidade de gente que estaria assistindo ao desfile.



Oito horas. Um grupo de pagode desejou uma boa noite a todos e começou a entreter a plateia com sucessos cantados pela maioria dos presentes. Algumas mulheres davam shows à parte com seus rebolados capazes de formar rodas de admiradores. A animação contagiante também aumentava a expectativa.

Fui ao camarim para ver como estavam as concorrentes. Afritas, todas se desejavam boa sorte, davam gritinhos de ansiedade, retocavam a maquiagem, passavam óleo no corpo, experimentavam sandálias, vestidos e biquínis sob a assessoria de Silvio Star, dono de uma barraca de roupas na Vila Mimosa que também colaborou com o evento cedendo a indumentária e sugerindo composições de cores e acessórios de acordo com o tipo físico e o tom de pele de cada uma.

Com quase uma hora de atraso, Glória subiu ao palco para abrir oficialmente o desfile. Muito tensa, leu de um só fôlego o texto que eu havia preparado. Alguns trechos foram cortados ou modificados, talvez pelo fato de eu ter usado a palavra prostituta ou ter me estendido demasiadamente. Uma efusiva salva de palmas deu sequência, deixando perceber a existência de torcidas organizadas. O apresentador convidou cada um dos jurados e leu os quesitos que deveriam ser observados: beleza, simpatia, traje e harmonia.

Em seguida, veio a primeira candidata, acolhida por um coro de “já ganhou”. Todas as mulheres dispensaram as máscaras. Algumas desfilavam segurando camisinhas, fazendo poses sensuais, mandando beijos para os rapazes. Outras, mais tímidas, entravam e saíam da passarela o mais rápido que podiam.



**Figura 13 – (Reprodução: Jornal *Beijo da Rua*). Candidatas do I Gatinha Mimosa.**

Rafaela, Kátia, Patrícia, Lídia, Karla, Danielle, Verônica, Michele Tex, Cristal, Lana Cristina, Paula, Julia, Monique e Vera tinham suas torcidas bastante participativas. A cada entrada na passarela, o apresentador divulgava uma nova informação sobre as meninas: a praia que frequentam, o ator que admiram, o time por que torcem e a cidade natal. Mais da metade das mulheres nasceu na capital ou no interior do estado. As outras vieram do Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia e Pará.

Após a apresentação de todas em trajes de “noite”, “praia” e “dia a dia”, houve um pequeno intervalo para a contagem dos votos. No camarim, a tensão era grande. Do lado de fora, a festa de inúmeras prostitutas, muitas arrependidas por não terem se inscrito no concurso. Naquele momento, Fausto já pensava em realizar um próximo Gatinha Mimosa no final do ano.

Mais 20 minutos de espera para a divulgação do nome da vencedora. Novamente todas desfilaram para, então, serem chamadas a partir da oitava colocação. Rafaela, primeira colocada, não conseguia conter a emoção. Em poucas palavras, disse que não esperava ganhar por não possuir a estrutura física das mais desejadas da Vila Mimosa. Ela ganhou das mãos de Glória uma joia e a faixa “Gatinha Mimosa”.

“Essas meninas são todas vencedoras, são todas como se fossem minhas filhas!”, disse a presidente ao microfone, no final do concurso. Sua emoção não poderia ser expressa de maneira mais direta. Glória, sempre tão temerosa em ser identificada como prostituta, parecia ter sido alforriada pelas jovens que desfilaram exibindo o rosto neste rito de passagem que inaugurava um momento inesperado para todos aqueles que planejaram o evento.



Fim da festa. Todos retornam em êxtase aos bordéis da Vila. Os organizadores estavam exaustos, porém satisfeitos com o sucesso. Uma nova etapa havia sido descerrada para todos com a exibição alegre dos rostos das prostitutas.

Ficamos por ali assistindo à evasão da plateia enquanto alguns rapazes fechavam mesas e cadeiras. A mulher de um dono de casa comentava sobre o clima “saudável” que imperou durante todo o evento, com todos os presentes rindo e brincando sem qualquer ameaça de confusão. Bastou esse comentário para que tiros espocassem junto ao portão. Imediatamente ele foi fechado para que pudéssemos ficar protegidos.

Os tiros disparados foram logo atribuídos a uma possível oposição formada por “pessoas que não querem que a Vila cresça”. Pensei na exibição a que acabara de assistir. Fazia sentido o desabafo: “mostrar a cara” estabelecia também uma ameaça aos inúmeros atores que exercem ilegalmente seus poderes na Vila Mimosa.

Apesar de todos os esforços empreendidos na promoção do lugar, a criminalização do lenocínio faz com que este seja também um domínio de agentes públicos corruptos que hoje comandam grande parte dos bordéis locais, mantendo outros tipos de transações ilegais (como prostituição de menores e tráfico de drogas) no interior das casas, tendo “laranjas”<sup>42</sup> à frente de seus negócios. A ampliação desse domínio faz com que os mais velhos ressaltem uma suposta perda de tranquilidade em função do afastamento dos antigos “vagabundos” que legislavam no Mangue e que, além de excluídos de processos institucionais criminosos, tinham uma relação afetiva com a comunidade.

#### *4.4 Campanhas políticas*

Após ter-se reunido com 50 ativistas, donos de casa e prostitutas da Vila Mimosa e das praças Mauá e Tiradentes em um jantar em Ipanema, onde apresentou o seu projeto de lei para retirada dos artigos 228, 229 e 231 do Código Penal – que versam, respectivamente, sobre vadiagem, lenocínio e atentado ao pudor –, o deputado Fernando Gabeira realizou um churrasco para prostitutas e clientes na própria Vila.

Seu projeto de lei abrange questões muito amplas que supostamente não trariam retorno imediato aos interesses relativos ao benefício direto e exclusivo da Associação. Dispondo de um grande senso de oportunidade, candidatos de menor expressão, atentos às reivindicações localizadas, compareceram no dia da campanha com faixas que foram colocadas sobre as do candidato promotor do evento, apropriando-se da festa para também fazerem suas campanhas políticas.

Articuladora do churrasco com o deputado Fernando Gabeira, Judite, ex-dona de casa do Mangue e matriarca de uma família de nove filhos, dentre os quais mais da metade possui casas na Vila Mimosa, é também uma das personalidades mais influentes do local. Isto se deve não só ao seu passado como também ao envolvimento de suas filhas Alcina, Adélia e Alaíde, na organização das prostitutas da Vila e nas ações desempenhadas pela Amocavim.

Por causa disso, desde a antiga zona demolida, Judite passou a representar o acesso à ampliação de votos políticos, pois, ao contrário da presidente da Amocavim, ela não se importa com a visibilidade. Desde o Mangue, mantêm relações cordiais com personalidades do universo político, entre elas o senador Saturnino Braga, responsável pela concessão do comodato às prostitutas na época do episódio que envolveu o pastor Nilson Fanini. Por conta disso, foi Judite quem acabou assumindo as negociações do encontro promovido por Gabeira a partir das conversas iniciadas no jantar de apresentação do projeto de lei.

A festa, no entanto, acabou configurando-se num “bonde eleitoral”. Os deputados Gilberto Palmares e Heloneida Studart e o próprio senador Saturnino Braga também estiveram presentes. Este último, como convidado pessoal de Judite.

Sabendo do encontro, Palmares ofereceu uma verba para contribuir com as despesas. A assessoria do Gabeira não aprovou a ideia, mas as articuladoras do evento foram aceitando as iniciativas que iam se agregando à proposta do parlamentar. A deputada Heloneida Studart chegou no dia do churrasco com faixas e cartazes que foram dispostos sobre aqueles colocados pelos cabos eleitorais de Palmares.

O mal-estar foi se generalizando entre todos os assessores de campanha e os donos de casa que integram a família de Judite, pois a coincidência do encontro parecia ter sido forjada por favores políticos. A situação revelava o campo de disputas de poder articulado, novamente, pelos proprietários da Vila Mimosa. Enquanto as prostitutas, principais interessadas em conhecer as propostas dos candidatos presentes, optaram por aproveitar ao máximo a festa promovida pelo deputado Fernando Gabeira, os interessados na promoção do lugar e na ampliação do poder político buscavam contornar as situações constrangedoras que foram sendo definidas.

Embora já conhecesse os principais personagens e suas trajetórias, o contexto acima descrito viria ressaltar os elementos constitutivos da organização social da Vila Mimosa e como o lugar resplandeceu como um importante curral eleitoral. O interesse mútuo entre políticos e os donos do local, associado à conjuntura social e histórica, vem favorecendo e autenticando a interlocução dos personagens da prostituição com o governo.

Ainda assim, podemos extrair algumas observações mais precisas sobre a rede de relações que se constitui internamente. O churrasco na Vila Mimosa pareceu representar, para a grande maioria

dos presentes, a “visita dos políticos”, delegados de um poder distante que ali se encontravam para pedir votos e garantirem a continuidade de seus mandatos. A qualidade efêmera de suas aparições talvez tenha se tornado mais evidente devido ao desinteresse político da maioria dos presentes, normalmente subordinados ao poder local dos donos de casa, do que propriamente ao curto espaço de tempo destinado ao encontro.

Embora houvesse a consideração inédita porque efetivamente interessada na representação política de prostitutas, dado que se objetiva no projeto de lei encaminhado pelo deputado Fernando Gabeira, a campanha eleitoral na Vila Mimosa permitiu emergir muitos dos aspectos que respondem pela manutenção da ordem social interna. Neste dia, explicitaram-se, ainda que de forma não literal, as peças do jogo: prostitutas apenas usufruindo a gratuidade do rega-bofe enquanto os representantes do poder local tentavam se articular com os representantes do poder da esfera pública.



Podemos dizer que nas situações sociais aqui retratadas, apresentou-se grande parte daquilo que Max Gluckman chamou de “matéria-prima do antropólogo”: “A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições etc., daquela sociedade”,<sup>43</sup> de maneira tal que o comportamento dos membros da comunidade possam ser analisados e comparados nas diversas ocasiões.

A situação social eleita por Gluckman como exemplo de sua análise situacional na Zululândia, em muito se pareceu com esta última, ocorrida na Vila Mimosa. Em ambos os casos, estavam envolvidos representantes das esferas de poder local e público que tinham, naquele determinado momento, interesses em comum.

Os eventos ocorridos na ponte Malungwana – que foi planejada por engenheiros europeus e construída por trabalhadores zulus –, que seria usada por um magistrado europeu governando os zulus e por mulheres zulus indo a um hospital europeu, que foi inaugurada por funcionários europeus e pelo regente zulu numa cerimônia que incluiu não somente europeus e zulus, mas também ações historicamente derivadas das culturas européia

e zulu – devem ser relacionados a um sistema no qual, pelo menos uma parte, consiste de relações zulu-européias. Essas relações podem ser estudadas enquanto normas sociais, como pode ser demonstrado pela maneira em que zulus e brancos adaptam, *sem coerção*, seu comportamento uns aos outros.<sup>44</sup>

Ou seja: o poder político, tanto do governo quanto dos donos de casa da Vila Mimosa, constitui forças organizatórias importantes e que pleiteiam uma nova realidade para as prostitutas, ainda que com finalidades distintas.

Há interesses intrínsecos às atitudes profissionais envolvidas que determinam essas finalidades, ora trazendo à tona a importância de se criar um ambiente social favorável ao “exercício de cidadania”, ora enaltecendo perspectivas que ampliam a expansão de um negócio sem que, no entanto, se exclua a subordinação da categoria colocada em questão – aquela, evidentemente, que precisa ser defendida ou salva pelos negócios dos empresários morais de que falava Howard Becker.

A noção de exploração, ainda bastante forte no meio da prostituição não só para as pessoas que não estão envolvidas com este universo, mas também, e sobretudo, para seus próprios personagens, justifica e enrijece as posturas desses atores quando se demanda uma mudança nas relações de poder. Afinal, ajudar aqueles que ocupam posição menos favorizada é a missão dos militantes das “cruzadas morais”.<sup>45</sup> A própria razão de ser e garantia da continuidade de seus papéis.

## Notas

<sup>1</sup> “Flanelinha” é como se convencionou chamar pessoas que auxiliam motoristas a estacionarem seus carros nas vias públicas em troca de algum dinheiro. O termo alude à flanela, quase sempre à mão, utilizada para indicar a manobra e limpar o para-brisa.

<sup>2</sup> COULON, 1995: 45.

<sup>3</sup> Cotação de 2003.

<sup>4</sup> MELLO & VOGEL, 1985: 74.

<sup>5</sup> GOFFMAN, 1999: 52.

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> As moças, em sua grande maioria, chegam para trabalhar nos bordéis depois de já terem iniciado a vida sexual.

<sup>8</sup> GOFFMAN, 1999: 231.

- <sup>9</sup> Casas de prostituição que dispõem, como o termo designa, de equipamentos para banhos.
- <sup>10</sup> Em muitos cafés belgas e franceses, o banheiro da mulher fica imediatamente depois do mictório masculino, que, como na Vila Mimosa, também fica exposto aos olhares e no meio do caminho dos (das) passantes.
- <sup>11</sup> Cerca de dois dólares.
- <sup>12</sup> GOFFMAN, 1982.
- <sup>13</sup> O xingamento “filho da puta” caracteriza bem a mortificação deste símbolo, pois se refere a uma relação descendente de parentesco em que se ressalta a origem estigmatizada.
- <sup>14</sup> V. BACELAR, 1982.
- <sup>15</sup> O termo “explicadora” é muito comum nas regiões mais pobres da cidade. Marize, moradora da vila São José, confeccionou uma placa oferecendo-se como explicadora, visando atingir o público de prostitutas da Vila Mimosa. Sobre o ofício das explicadoras, ver o trabalho realizado por MATTOS (2008) na favela da Nova Holanda.
- <sup>16</sup> Isaac Joseph (*in memoriam*), professor da Universidade de Paris X-Nanterre, esteve comigo na Vila Mimosa e, ao sairmos de lá, ele me parabenizou pela “coragem”. A Vila inspira uma reação diante daquilo que aparenta estar latente, ou seja, a violência. Esta aura envolve a prostituição nas grandes cidades.
- <sup>17</sup> Na página 157 também menciono as formas de recrutamento. Ver também MORAES, op.cit.: 82 e ANJOS JR, op.cit.: 90-93.
- <sup>18</sup> GOFFMAN, 1999.
- <sup>19</sup> Foi através de um programa da Rádio Roquette Pinto dedicado ao mundo do samba que tomei conhecimento do falecimento de Pildres Pereira, em 2007.
- <sup>20</sup> No trabalho realizado na zona do Farol do Mucuripe, em Fortaleza, Anjos Jr. relata que, em grande parte dos casos, o proprietário da casa não mantinha um contato direto com a prostituição, limitando-se a ficar “de fora” recebendo seus lucros e participando apenas nas despesas de manutenção do imóvel. Na Vila Mimosa, também é grande o número de arrendatários e gerentes que apenas repassam o pagamento semanalmente para os proprietários das casas. ANJOS JR., 1980: 38.
- <sup>21</sup> BECKER, 1985 [1963].
- <sup>22</sup> Em 2002, Fernando Gabeira, à época deputado federal pelo PT, apresentou o projeto de lei para a supressão dos artigos 228, 229 e 231 do Código Penal, visando excluir o crime de lenocínio e, com isso, reconhecer legalmente a relação de trabalho entre prostitutas e empresários.
- <sup>23</sup> V. BERGER & LUCKAMN, 1995.
- <sup>24</sup> GEERTZ, 1989.
- <sup>25</sup> “Trabalhar na vida” é o mesmo que se prostituir. Esta associação permite uma infinidade de interpretações. Optei pela reflexão sobre o jugo moral dos que comercializam um ato classificado como pertencente às relações não comercializáveis, portanto integrantes do mundo particular, da vida pessoal. Neste sentido, trabalhar na vida pode ser compreendido como trabalhar servindo à vida alheia naquilo que ela tem de mais íntimo, porém disponível à apreciação exterior, que é o sexo.
- <sup>26</sup> O contraste entre o passado e o novo contexto comercial da Vila Mimosa pode ser mais bem distinguido com o auxílio da leitura do artigo de MAFFESOLI (op.cit.), “*La prostitution comme ‘forme’ de socialité*”, em que o autor aborda a economia sexual mostrando como ela “determina, para cada época, relacionamentos particulares entre as pessoas e com a Alteridade” (tradução da autora).
- <sup>27</sup> Tratava-se do treinamento contemplado pelo projeto Esquina na Noite, financiado pelo Ministério da Saúde, e coordenado pela ONG Davida.

- 28 Ver na página 77 sobre a implantação desse serviço na Vila Mimosa.
- 29 Inúmeras termas, pensões e casas de massagem da cidade possuem ambulatórios médicos que realizam compulsoriamente o chamado teste rápido anti-HIV como forma de garantir a “qualidade” dos atendimentos. Isto tem provocado um amplo debate no setor de Saúde Pública, pois constitui a anulação das campanhas de prevenção que visam à não discriminação e ao uso continuado e incondicional do preservativo, além de promover a manutenção das fragilidades de segmentos estigmatizados, dentro do novo conceito de “vulnerabilidade” com o qual vem sendo trabalhada a prevenção. Atualmente, o trabalho preventivo prevê uma abordagem integral do indivíduo, na qual são considerados fatores que contribuem para o abandono de práticas seguras, quais sejam: estigma, baixa remuneração, grande concorrência, violência policial, marginalização etc. Cf. também MORAES, op.cit.: 236, sobre a estratégia das “agentes de saúde”, tendência internacional de se considerar “grupos antes vistos predominantemente como ‘contaminadores’, como colaboradores no combate à doença”.
- 30 Os dois últimos faleceram tempos depois, assim como Pildres Pereira e muitos de seus contemporâneos do Mangue.
- 31 KUPER, 2002: 298.
- 32 A ideia de público, no Brasil, é intrinsecamente associada à ideia de abandono, de algo “sem dono” ou que “não pertence a ninguém”. Políticas públicas, de acordo com o léxico local, muitas vezes acabam “não pegando”, e medidas tais como o estímulo oferecido pelas prefeituras à “adoção de praças públicas” por associações ou empresas, denotam, de outro modo, o conteúdo particular dessa noção. Cefai & Pasquiere (2003) apresentam um excelente panorama desse debate no Brasil e na França. Ver especialmente os artigos ali reunidos de Merlin-Kajman e Leclerc-Olive. Sobre o sentido do público no Brasil, especificamente, ver Damatta (1983) e Kant de Lima (2001). E para uma abordagem etnográfica dessa questão, ver o trabalho original de Mello, Vogel & Santos (1985) [1981], Mello e Vogel (2002). Vale a pena também lembrar a obra de Gilberto Freyre para a compreensão da formação do espaço público no Brasil, em especial a partir da leitura de *Sobrados e mocambos* (2003).
- 33 Em meados de 2002, o jornal *Beijo da Rua*, voltado para esse público, lançou uma pesquisa para saber qual o nome que as “profissionais do sexo” gostariam de ter caso fosse legalizada a profissão. “Meretriz” e “cortesã” foram dois dos nomes mais votados: o primeiro pela sonoridade e o segundo pela semelhança com a palavra “cortesia”.
- 34 BECKER, op.cit.: 177.
- 35 GUSFIELD, 1981.
- 36 Ver, a respeito, o artigo de Howard Becker sobre a *labelling theory*, in BECKER, 1985.
- 37 Ver nota de rodapé 110.
- 38 Para uma melhor contextualização desse conceito, ver o *Documento referencial para ações de prevenção das DST e da aids – Profissionais do Sexo*, 2002, e SIMÕES, 2009.
- 39 Para o aprofundamento da questão, cf. COSTA, 1985. *Lutas Urbanas e Controle Sanitário – Origens das políticas de saúde no Brasil*.
- 40 Em contrapartida, Jane Eloy, prostituta que trabalha na Praça Tiradentes, contou ao jornal *Beijo da Rua* ser portadora do vírus HIV e continua frequentando o seu ponto na praça, apoiada pelas demais colegas e pela ONG Davida. V. *Prostituta enfrenta preconceito e revela que vive com Aids, Beijo da Rua*, outubro de 2006.
- 41 A psicologização do discurso se deu através da participação da Amocavim em projetos financiados pelo Ministério da Saúde. Nos treinamentos de capacitação para os trabalhos de prevenção, o termo passou a ser bastante difundido como um dos principais objetivos a serem trabalhados pelos agentes de saúde junto à população interventiva.
- 42 “Laranjas” são pessoas que assumem, como personagens, a frente de transações escusas, sem deterem qualquer poder.



<sup>43</sup> GLUCKMAN, 1987: 228.

<sup>44</sup> *Idem*: 239. Grifo nosso.

<sup>45</sup> BECKER, *op.cit.*: 173.



## CAPÍTULO III

*...e não há moral nem distinção de classes, não há honestas, nem desonestas, porque são todas segundo o espelho que as vê...*

João do Rio

### 1. A opção da prostituta pela Vila Mimosa

Sentada no bar Esquina da Vila (ou “bar da Verônica”, para os *habitués*), eu bebia uma cerveja acompanhada de uma velha prostituta e duas jovens irmãs, ambas cafetinas. Conversávamos sobre trabalho, relações pessoais, cenas do cotidiano. Volta e meia o mesmo homem nos abordava, insistindo em pagar uma bebida. Continuávamos a conversa ou mudávamos de assunto de acordo com o grau de sua contumácia. Ele se afastava por alguns instantes. De longe nos observava para novamente retornar com outras investidas: advogado, diretor de escola de samba, sujeito bem relacionado na política... inúmeras personagens foram selecionadas com o intuito de nos causar boa impressão.

A recorrência de suas intervenções não me deixou perceber a aproximação de uma senhora que, talvez, também estivesse nos observando havia algum tempo. A velha prostituta, nossa companheira de mesa, no entanto, já havia deixado de lado o inconveniente e talvez estivesse entretida com o surgimento da outra.

De tanto olhá-la, acabou por atraí-la até onde estávamos. O palpite me ocorreu devido à inesperada atitude de vir sentar-se conosco, ainda que timidamente, quase se desculpando, como forma de pleitear algum recurso para continuar a observar a rua protegida pela companhia de quatro mulheres, entre as quais uma aparentava ter sua mesma idade.

A princípio, tentamos sustentar uma linha de ação na qual nenhuma de nós assumira o incômodo causado pela sua aproximação. Mas, diante de tal obviedade, as duas irmãs e eu encurtamos o projeto e desviamos nossas vistas para sua figura, a título de lhe fornecermos a chance de nos dizer a que veio. A mais velha, contudo, havia muito já a observava. Muito à vontade, colocou ainda a mão no encosto de sua cadeira mostrando-lhe certa dose de atenção que nós três, decerto, não havíamos oferecido.

Ainda arrumando suas sacolas no chão e sobre um engradado, a mulher não percebera imediatamente a oportunidade que acabamos por lhe dar. Somente após concluir o objetivo tão prosaico de ajeitar-se é que pôde se deparar com a nossa visível expectativa e perguntou: “Onde é a Vila Mimosa?”.

Assim como eu quis saber um dia, aquela senhora também procurava saber se já estava inserida em área que pudesse de algum modo comprometê-la ou, partindo de outras expectativas, lhe possibilitar algum tipo de assédio. Sua presença na Vila poderia representar um dribble em sua história pregressa, sustentada na rigidez das regras sociais onde habitavam o seu corte de cabelo, os óculos de hastes claras e lentes grossas para uma miopia já bastante desenvolvida, o conjunto neutro de tecido viscoso, as sacolas de plástico branco do supermercado e toda aquela compostura coerente com os objetos que escolheu para compor uma vida agora em crise.

Quase que simultaneamente as duas irmãs responderam com o auxílio do indicador e a mira dos olhos que a Vila Mimosa era onde se concentrava “aquele bando de gente”.

Seus olhos ficaram detidos na aglomeração noturna. Dúvidas pareciam transbordar por eles, e seu sorriso constrangido, visível ao retornar o rosto para nós, a denunciava. Animada pelas cervejas, a velha prostituta colocou então o braço sobre seus ombros e encurtou a conversa perguntando se ela se sentia solitária. O movimento da cabeça respondia que sim. Recém-separada, mais de 30 anos de casamento chegavam ao fim deixando-a sem perspectivas afetivas e financeiras.

Pela primeira vez, eu me deparava com a famigerada *história triste* no exato momento em que ela atuava como motivo de escolha pela prostituição. A velha prostituta, muito experiente, não fez mais do que dar à luz, com a única pergunta, o que já vinha coroando, ali, no próprio surgimento da outra.

A mudez que em seguida arrebatou a mulher dava ainda mais ênfase à face angustiada de quem calculava os aspectos favoráveis e desfavoráveis da iminente tomada de decisão.

Seu impulso seguinte tendia à continuidade de seus passos: chegara até ali e declarava, agora, estar sem calcinha. A toda hora mirava a multidão e se voltava para nossos rostos como à procura de um incentivo a mais, aquele que lhe faltava. Quando novamente se distraía, rosto voltado para a multidão, as irmãs cafetinas comentavam sobre

uma possível insanidade. Já a velha prostituta procurava estimulá-la em prol da experiência, como bom lenitivo para suas carências. Sugeriu que observasse as garotas que estavam no bar, suas maneiras de se vestir e se comportar. Fez menção à roupa pouco sedutora que a quase iniciante trajava, sem demovê-la, em momento algum, da hipótese de prosseguir.

Um rapaz bastante suado, com colarinho impecavelmente branco fechado até o último botão, se prostrou em frente à mesa vaticinando nosso fim nas chamas do inferno. Após a chegada da mulher, este fora o único homem que nos dirigiu a palavra. Seria este um sinal?

Diante das ponderações solitárias que aquela senhora provavelmente lucubrava, acabamos nos entretendo novamente em outros assuntos, até que, de súbito, ela se levantou e foi embora. Sem se despedir.



Poucas mulheres assumem ter vocação pela prostituição. Por ser uma atividade que se relaciona com outras, criminalizadas, e com contextos onde se configuram “problemas sociais” – desemprego, imigração, consumo de drogas, prostituição infantil, tráfico etc. – a “entrada” costuma ser justificada e normalmente fundamentada em aspectos negativos das trajetórias pessoais.

Grande parte dessa etapa se define pautada pela dicotomia “problema social” x “problema sociológico”. Em outras palavras, podemos dizer que, enquanto as justificativas pessoais atuam como respostas morais ao que se percebe como transgressão ou problema social, em termos de interação social, o problema percebido não é o suposto desvio de um comportamento individual, mas sim a regra que cria consequências problemáticas na vida de quem faz determinadas escolhas.<sup>1</sup>

As especulações teóricas a respeito do “desvio” costumam considerar, como ponto de partida, as convicções do senso comum como um dado. Consequentemente, os fenômenos do chamado desvio promovem uma associação estreita entre “a pessoa que emite o julgamento, o processo que conduz ao julgamento e a situação em que ele é produzido”.<sup>2</sup> Podemos assim entrever, com maior clareza, que a concepção de desvio é “essencialmente estatística”, sendo desviante aquele que se destaca da *média*.<sup>3</sup>

O trabalho de compor histórias tristes para justificar a entrada na prostituição simboliza essa definição clássica e força a cristalização dos episódios negativos ressaltados na construção biográfica como

um marco que se inaugura na experiência do primeiro programa, ou seja, da primeira relação sexual intermediada pelo *pagamento*.

Pensando nisto, lembrei-me da receptividade de Fausto no dia em que o conheci. “Amo vocês” e “meus amores” foram frases bradadas por ele da escada de sua boate como cumprimento no primeiro encontro daquele dia, quando eu, elemento novo, pude observar o acolhimento histriônico, embora gentil, do dono da casa.

Sabemos que todo ator social tem um conhecimento específico sobre sua situação. Na prostituição, o acolhimento do neófito pode ser considerado uma etapa determinante para sua permanência naquele local de trabalho. Ou, se não, consideremos apenas alguns fatores citados como motivos da escolha da mulher pela prostituição: separação, solidão, afastamento da família, perda do emprego e complementação de renda. Todos enunciam momentos de carência ou, ao menos, de novas situações em que o indivíduo se encontra vulnerável em face da necessidade de (re)começar a estruturar sua vida.

Motivos que emergem de problemas pessoais, portanto, são sempre utilizados como justificativas determinantes para a escolha pela prostituição. Mesmo quando a atividade é exercida como uma complementação de renda ou assumida como vocação, a perspectiva de um dia “sair dessa vida” se faz presente entre a maioria das prostitutas, apesar da longa permanência de muitas no dia a dia do trabalho.

Certamente, esse dado é percebido e utilizado pelos donos de casa. Muitos enfatizam a “infelicidade dessas mulheres”, enquanto outros ressaltam que é preciso algum aprendizado para conseguir se estabelecer com e na prostituição. E há ainda aqueles que delimitaram um *campo de possibilidades* proveniente dos custos assumidos com a identidade de prostituta, onde ficam mais evidentes a gênese e a viabilidade de projetos específicos, tal como ocorreu, em 2005, com o lançamento da grife Daspu por um grupo de prostitutas reunidas na ONG Davida,<sup>4</sup> e, na Vila Mimosa, através da associação dos donos de casa para a elaboração de uma nova imagem para seus bordéis a partir do controle de comportamentos e da sistematização de práticas por eles consideradas positivas.

Se deixarmos momentaneamente de lado o estigma que induz à relevância de motivos tristes como justificativa social para a entrada da mulher na prostituição, encontraremos inúmeras *separações* que confluem para o processo de individualização em que família e

lugar de origem, por exemplo, tornam-se elementos preservados – ou distanciados – na nova etapa da trajetória de vida. Nas interações cotidianas, percebemos o contraste entre as “histórias tristes” (o passado) e a “vida alegre” (individualização) que se exhibe em muitos cenários da prostituição.

Sem saber ainda o que fazer da própria vida, a senhora que sentou-se um dia à nossa mesa cogitou experimentar possibilidades afetivas e sexuais desconhecidas. Talvez o encontro com inúmeras mulheres bem mais novas tenha repercutido como ameaça e empecilho a esta sua necessidade de busca que também incluía ganhos financeiros e, conforme anunciou, a criação de uma nova individualidade após o rompimento com 30 anos de vida conjugal. Para uma mulher de sua faixa etária, trabalhar com garotas na flor da idade poderia ser uma batalha desleal – ou, dependendo de seus atributos e intenções, um tanto estimulante.

Para os donos de casa, que não vivenciam a mesma experiência dramática, tais reflexões são feitas a partir de outros pontos de vista de onde divisam a chegada da mulher na zona como um evento anunciador de *oportunidades*.

Desse modo, vejamos mais detidamente alguns dos motivos que levam à escolha pela prostituição, mas, sobretudo, pela Vila Mimosa como local de trabalho. Ali, como vimos até agora, há toda uma equipe<sup>5</sup> preparada para sustentar o desempenho dos papéis. Donos de casa, gerentes, manicures, depiladoras, apontadores do jogo do bicho e também taxistas, comerciantes, “tomadoras de conta”<sup>6</sup> de crianças e “explicadoras” que habitam o entorno dos bordéis partilham experiências, com maior ou menor intensidade, com as prostitutas.

As estratégias particulares dos indivíduos, entre elas a segregação dos papéis desempenhados por clientes, prostitutas e muitos donos de casa, os reúnem na construção conjunta de espaços onde as trocas devem necessariamente sustentar as ambições que beneficiem a todos os envolvidos.

Isto, dito de outro modo, refere-se à observação de Goffman sobre a cooperação dos participantes de uma interação social. Para que a encenação de seus papéis alcance o efeito desejado, ou seja, para que os tornem verossímeis diante da plateia e para si próprios, empenhados que estão na boa condução do roteiro encenado, há que se cumprir certas expectativas e acordos tácitos. Entre eles, o mais importante é saber que “a definição da situação projetada por um

determinado participante é parte integral de uma projeção alimentada e mantida pela íntima cooperação de mais de um participante”.<sup>7</sup>

A metáfora da dramaturgia social, de Goffman, revela a necessidade e o modo de se sustentar o efeito desejado nas mais diversas situações interativas. Para tanto, concorrem não só os *scripts* distribuídos entre os atores que vêm encenar seus papéis, mas também o cenário e, com ele, os inúmeros dispositivos locais de controle que colaboram para que se alcance esse fim.

A pertinência da metáfora dramaturgical para o exercício da observação social não se confunde com um exercício sem grandes consequências. Em uma situação, o que orienta os participantes é a *crença* de que os sinais da representação de um papel evocam algo maior ou diferente do próprio veículo – o ator – que os transmite.<sup>8</sup> Assim, um ator pode ser mal-interpretado, devendo por isso se esmerar em cuidar de suas ações diante de uma plateia, de modo a lhes parecer *fidedigno*.

Não são poucas as expressões que tratam do assunto. “Perder o rebolado”, ter “jogo de cintura” e “salvar a face” abordam uma mesma competência: a de se “sair bem” nas diversas provas interativas da vida cotidiana. Ou seja, a de manter a crença da plateia na representação.

As consequências desse desempenho podem encontrar eco na própria lei, em que charlatões, por exemplo, podem vir a figurar. Goffman nos lembra que a lei norte-americana distingue “intenção, negligência e rigorosa responsabilidade”.<sup>9</sup> O que nos permite dizer que uma representação falsa é ato intencional e, portanto, passível de imputar crime ao sujeito.

Tudo isso para dizer que o ator e o papel são dois elementos distintos que, combinados, dão o tom da representação. No entanto, os papéis ganham densidade e só podem – ou não – ser sustentados no contexto de suas representações.

### 1.1 *Motivos de entrada*

Quem chega pela primeira vez à Vila Mimosa depara-se com inúmeros jovens, homens e mulheres, corpos bem talhados, músicas da moda em altíssimo volume e os já citados vendedores ambulantes.

Ao visitante mais curioso, que já foi informado da existência da câmara de bronzeamento artificial, da academia de ginástica, dos salões de cabeleireiro e da produção de um concurso de moda, provavelmente ocorrerá a associação dessa estrutura com as ambições



de mulheres, sobretudo jovens, que buscam manter ou elaborar as formas corporais em função de um maior poder de sedução.

Esse, no entanto, é o cenário noturno. De dia, não há multidão. São os caminhões das distribuidoras de bebidas que tomam conta da rua, despejando nela centenas de engradados de cerveja e refrigerante. Há também uma ou outra garota que passa, vez por outra com sua escova de dente na mão, um pente. Traços de um dia que se inicia ou, ao contrário, de um que acaba de terminar.

A Vila Mimosa, para a maior parte de seus frequentadores – clientes e prostitutas –, está associada à “noite” ou ao “fim de semana”: horários consagrados ao lazer, ao descanso ou ao “fim do expediente”.

No projeto institucional da Associação, o lazer é uma dimensão importante para se pensar estratégias de elaboração da boa reputação da zona. A infraestrutura atual reproduz um padrão de lazer destinado ao público que outrora, na cidade do Rio de Janeiro, enchia as casas, por exemplo, do “empresário da noite” Chico Recarey. Como engrenagem de um processo de modernização, a padronização promovida nesses ambientes também se reflete nos corpos, em um gosto estético e especialmente em um tipo de consumo – e de lazer – prestigiado pelo “público-alvo” – classificado, nesse caso, segundo o critério etário: o público *jovem*.

Se, por um lado, o lazer é um bom campo para se pensar estrategicamente o desenvolvimento do negócio, por outro, restam o impedimento moral e os financiamentos recebidos para o incremento de campanhas de prevenção de DST/Aids e ações humanitárias na Vila Mimosa.

O projeto de “mudança do conceito de zona” visa colocar a Vila Mimosa no mapa dos espaços de lazer da cidade que não sejam direta ou unicamente relacionados à prostituição, mas que também forneçam outros atrativos tais como: uma programação com atividades sociais, investimento na padronização estética, atração de “gente bonita” (eufemismo do qual lançam mão os colunistas sociais para se referirem aos frequentadores de lugares em voga) e o cultivo da própria memória do Mangue, tal como apresentada no *site* da Vila. Esta, como vimos, é uma maneira de reduzir os efeitos do estigma e propiciar um contexto favorável ao crescimento do negócio.

A própria divulgação dos benefícios que a prostituta encontra trabalhando ali deve ser observada como fator crucial para a efetivação desse propósito no que concerne à exposição de proveitos direcionados especificamente à mulher. Este dado insere a Vila Mimosa na

competição pelo público de clientes e principalmente de prostitutas, que passam a ser vistas como agentes com poder e direito de escolha pelo melhor local de trabalho.

A partir de conversas com mulheres que batalham<sup>10</sup> em outras áreas tradicionais da cidade, como Praça Mauá e Praça Tiradentes, a respeito das representações da Vila Mimosa, os motivos da escolha pelos locais de trabalho ganharam traços mais marcantes, pois os motivos da não escolha também se evidenciaram.

De maneira geral, para prostitutas de outras áreas, a Vila Mimosa representa um local violento, onde trabalham mulheres novas, “sem cabeça”, mas que, se souberem formar clientela, conseguem ganhar muito dinheiro. As que optam por trabalhar em outras áreas da cidade buscam a liberdade de estarem *na rua*, ou seja, em um lugar de múltiplas virtualidades, em que possam estar em meio a pessoas mais velhas (“maduras”), desde os clientes até as colegas.

Entretanto, nos importa aqui o que determina a escolha pela Vila Mimosa. E os aspectos positivos suprem expectativas fundamentais para a preferência e assiduidade de muitas prostitutas.

No entanto, é através das categorias locais que encontramos boas pistas para orientar os atores em suas navegações sociais. O próprio controle do cenário,<sup>11</sup> na Vila Mimosa parece garantir maior segurança, indicando haver aí uma defasagem muito grande entre sua unidade constitutiva (casa) e aquela presente em outras áreas de prostituição da cidade (rua, o *trottoir*). As relações estabelecidas nessas casas parecem reproduzir a estrutura e hierarquia familiar, em que a responsabilidade por todos é centralizada na figura de um só personagem, normalmente o gerente ou o dono da casa. Deste modo, muitas prostitutas se isentam de alguns compromissos, segundo os donos de casa, como o de conquistar o cliente ou evitar confusões, pois sentem-se protegidas pelo patronato.

Além de realizarem os programas nas cabines das casas, tornando-se supostamente menos vulneráveis, as prostitutas da Vila costumam mencionar o risco que o mau cliente corre em casos de ameaças ou agressões físicas que, de acordo com alguns donos de casa, são incitadas pelas próprias mulheres. Ali elas não só estão protegidas como se sentem vingadas do possível agressor, o que exacerba a representação violenta do local.

Outro aspecto da proteção é o relativo isolamento. Lá, a separação dentro/fora sobressai em relação às outras áreas por ser um local

destinado exclusivamente à prostituição. Muitas mulheres passam vários dias por lá, dormindo nas cabines dos próprios bares e boates onde trabalham sem precisar pagar por isso, retornando para suas casas nos fins de semana ou final do mês.

Ter um *lugar para ficar* é um estímulo a mais na escolha pela Vila Mimosa, pois representa mais uma facilidade para a prostituta conseguir se sustentar fora do lar. Esse fator colabora ainda com a necessidade ampla de mudança que se processa por meio da *individualização* do sujeito. Entre outras características, a Vila separa nitidamente os dois mundos da mulher prostituta – até o momento em que ela identifica a presença de algum conhecido nos estabelecimentos locais e passa a se sentir ameaçada. Antes disso, porém, a Vila representa o distanciamento da família e do local de origem, ou seja, o acesso à mudança e à vivência das idiosincrasias em um mundo que gera conflitos no convívio familiar.

Eu moro em Niterói, mas ninguém da minha família sabe. Eu não quero que ninguém da minha família saiba, sei lá, é que fica um clima muito chato, né? Qualquer coisinha que acontece, fica doente, “ah, vai trabalhar naquele lugar...”. Na minha família é tudo daquele jeito, sabe? Daquele jeito da roça, essas coisas assim, esse negócio certinho. Critica pra caramba.

O grande número de mulheres jovens também reflete a opção de se trabalhar com amigas de escola, da faculdade ou do bairro.<sup>12</sup> À noite, vários grupos de garotas circulam nas extremidades da rua. É o momento do lazer, da distração, das conversas e das paqueras que consolidam laços afetivos naquele espaço de fuga das amarras institucionalizadas.

## 1.2 Motivos de saída

O cumprimento de algumas expectativas justificam a “saída”. Entre elas, o casamento – principal acontecimento que motiva a partida. Da mesma forma que seu desenlace contribui para a “entrada”, retomar ou iniciar uma relação afetiva estável atinge diretamente o processo de individualização iniciado com a prostituição.

Ao mesmo tempo que a atividade permite uma grande liberdade de ir e vir e um salário superior ao oferecido pela média do mercado

de trabalho formal, a perspectiva do casamento está sempre presente. Consiste mesmo em um ideal, e a prostituição acaba englobando, muitas vezes, a possibilidade do encontro com homens pelos quais a prostituta possa vir a se apaixonar ou que venham a se apaixonar por ela.<sup>13</sup> Aí então, o casamento surge como uma *possibilidade*: a de “sair dessa vida”.

Na Vila, clientes e gerentes são veementes quando dizem que para casar com uma prostituta é preciso ter muito dinheiro. A opinião desconsidera a própria percepção do casamento como um contrato cuja negociação, na maioria das vezes, veta a continuidade do trabalho da prostituta e de inúmeras outras profissionais, obrigando-as a uma vida dependente ou dupla. Este caráter *condicional* do casamento, em vez de interromper a vida na prostituição, em alguns casos interrompe a própria vida conjugal que, por cercar a liberdade individual, vai de encontro ao processo experimentado durante a vida na prostituição.

Eu tenho um namorado que me encontrou aqui e hoje ele não sabe que eu estou aqui. Ele não sabe. Eu venho aqui às vezes, a gente tá meio assim em crise porque ele ainda não se definiu. Mas ele nunca me colocou contra a parede, sabe? Me deu total liberdade para que eu fizesse a coisa certa. Mas ele achou que eu não era mulher pra ficar aqui, entendeu? Ele achou, na concepção dele: “ah, você não é”. Eu até nem tentei questionar, nem discutir, porque não valia a pena. Eu simplesmente saí, me afastei, mas me afastei porque gostei dele. Não pela condição financeira, mas pela condição de que era a pessoa que eu gostava, que eu me sentia bem. Então estava me atrapalhando que eu mantivesse meu trabalho aqui dentro.

Na Vila Mimosa, costumam dizer que as mulheres somem temporariamente, pois “elas casam toda hora”, o que enfatiza ainda mais a associação imediata do casamento com o abandono da prostituição, como se esta fosse a opção *salvadora* de reintegração da mulher desviante à domesticação da vida no lar. Conforme citado no trecho anterior, a negociação feita entre o casal a respeito da continuidade do trabalho da prostituta passou pela constatação de que aquela mulher “não era para estar ali”.

O risco de encontrar parentes ou pessoas que integram relações familiares na zona de prostituição também interfere na permanência da prostituta. A mobilidade que a atividade permite congrega pontos positivos não só pela possibilidade da *exciting life*, como ainda pela fuga das estruturas institucionalizadas. Encontrei prostitutas em outros estados que já haviam trabalhado na Vila Mimosa. O motivo da escolha por locais afastados quase sempre residia na iminência do encontro com filhos ou amigos na Vila Mimosa – o que, evidentemente, não constitui uma regra mas motiva grande parte dos casos.

O emprego formal também compete com a permanência na prostituição, embora esta atividade acabe servindo como uma complementação de renda: “Eu não trabalho aqui todos os dias. Só de vez em quando, é uma semana sim, outra não, porque tem semana que eu trabalho em casa de família, e na outra semana, que eu fico em casa, eu venho aqui.”

Prostitutas que fazem ponto em outras localidades podem também se afastar temporariamente para cumprir uma agenda mais lucrativa. Na Praça Mauá, elas se informam sobre os dias de chegada de navios e lá conseguem ganhar em dólar, às vezes fazendo somente espetáculos curtos no “queijo”,<sup>14</sup> enquanto a plateia se distrai ou deposita notas entre o cós da calça e sua cintura. Porém muitos marinheiros descobriram a Vila Mimosa e, com ela, programas mais baratos até mesmo com prostitutas que outrora encontraram na beira do porto. A mudança de ponto, no entanto, não representa uma saída, apenas uma alternativa de trabalho para outros dias da semana.

### 1.3 Formas de arregimentação

Várias pesquisas realizadas em áreas de prostituição destacam que:

...a arregimentação para a atividade prostituinte no Brasil se dá, principalmente, através das relações de amizade feminina e que a participação nessa atividade é vista como uma saída para dificuldades financeiras ou, para algumas mulheres, como uma possibilidade de ascensão social.<sup>15</sup>

A arregimentação inicial se dá com mais frequência através de amizades femininas, mas também os *vizinhos*, ou até mesmo os estranhos podem encaminhá-las. Isto significa que não se observa nenhuma estrutura organizada de recrutamento. [...] Na Vila prevalece uma prática em que a transmissão de informações sobre este trabalho se dá quase informalmente, e não se constata uma articulação consistente entre agentes internos e gerenciadores da atividade e agentes externos arregimentadores.<sup>16</sup>

Prostitutas que detectam dificuldades financeiras na vida das amigas costumam sugerir o início na atividade. A decisão por essa atividade costuma ser acompanhada de conflitos amenizados pela conquista (ou manutenção) da independência financeira que outros trabalhos dificilmente possibilitam.

Aos 22 anos eu fui trabalhar, também por intermédio de uma amiga, na condição que eu estava, passando por uma crise financeira, sem emprego, tal. Eu sempre assumi minhas filhas numa boa, e aí eu sou meio assim: *eu gosto de ser independente*. Aí então minha amiga profissional, tem uma termas, daí eu fui pra termas, e fui indo...

Atualmente eu estou desempregada. Mas eu defendo todas as mulheres que caem no mundo. Não no intuito de você roubar, ou de você se drogar ou de você traficar, mas você usar seu corpo sem precisar você tá pisando em ninguém, tirando nada de ninguém.

Curiosamente, pouco se ressalta que o discurso de grande parte das prostitutas possa vir acompanhado de comparações com carreiras criminosas, de maneira que se consolide, para ela e para o interlocutor, o caráter legal de seu ofício mesmo quando este não está em jogo na conversa. Esse é um reflexo dos custos sociais experimentados pela prostituta, sempre vinculada ao submundo do crime, à impureza e à liberdade perturbadora que faz dela uma personagem fugidia, extremamente móvel, mutante, não capturada pelos papéis socialmente definidos e, portanto, insofismável. Apreende-se de seu discurso a constante tentativa de se defender ou expor, diretamente, associações que relativizem o peso de seu estigma e favoreçam a legitimidade de sua escolha.

Tal concepção talvez seja o argumento arquetípico utilizado no trabalho de recrutamento de mulheres que estão se iniciando na prostituição. Para aquelas que já exercem o ofício, esse artifício torna-se dispensável e as vantagens da mudança de ponto passam a atuar de maneira determinante.

Embora a arregimentação seja bastante informal, é possível destacar algumas formas recorrentes que determinam o trânsito das mulheres. Na Vila Mimosa, há quem acompanhe os gerentes quando estes mudam de casa ou até mesmo de cidade. Miminho, ex-gerente na Vila Mimosa, diz que sempre leva “umas cinco ou seis mulheres” quando migra de um estabelecimento para outro.

Seu envolvimento com as prostitutas se caracteriza, sobretudo, por um certo protecionismo que respalda o ato de segui-lo. Ele se responsabiliza por trazer novas informações sobre sexo seguro, embora seja negligente quanto à indicação de medicamentos para doenças sexualmente transmissíveis. Por vezes auxilia prostitutas mais novas a inserirem a camisinha feminina e costuma até participar de alguns programas, quando solicitado pelo cliente.

Ao contrário dos locais onde a prostituta sai com o cliente para hotéis sem o intermédio de nenhum outro agente qualificado para receber o dinheiro da saída ou do aluguel do quarto, na Vila Mimosa o gerente estabelece uma relação na qual costuma assumir a responsabilidade sobre aquela mulher, até mesmo em outras dimensões de sua vida.

Quando vão a outras áreas de prostituição na condição de clientes, os gerentes também executam o papel de arregimentadores, fazendo convites para as prostitutas que lhes agradam.

Dessa rede informal, também fazem parte pessoas de outras cidades que, em algum momento, estabeleceram contatos com agentes articuladores. É o caso de amigos, taxistas, prostitutas que retornam à terra natal, entregadores de bebidas, clientes antigos... ou seja, todos aqueles que já tenham alguma experiência ou laços constantes com os interessados no negócio.

## 2. Chegando ao trabalho

A primeira vez que Vitória pegou a ponte Rio-Niterói para ir à Vila Mimosa, sentiu o balanço da estrutura de ferro e concreto. O trajeto não lhe era de todo desconhecido. Morando em São Gonçalo,

diversas foram as vezes em que preferiu percorrer a ponte em vez de atravessar a baía da Guanabara de barca.

O destino daquele dia, entretanto, atribuía a seus passos uma culpa que a fez identificar os sinais do caminho: “Ah, menina! A primeira vez que eu vim pra cá, aquilo balançou... na hora eu cheguei a chorar e tudo. E eu fiquei pensando: ‘tô indo pra zona, vou morrer!’.”

Caso o presságio tivesse sido realizado, certamente a entrevista não teria sido feita. No lugar cedido pela morte, vieram outros tantos dias que se incumbiram de distanciar sua aposta equivocada da realidade cotidiana que encontrou para viver.

Quando a conheci, Vitória tinha em mente outra preocupação: a que horas abriria o salão de cabeleireiro da casa do Fausto, esta sim uma angústia marcada pela fatalidade. Afinal, naquele dia, ela faria 28 anos e havia uma festa sendo preparada para logo mais, à noite, na casa de número seis. O retoque na tintura do cabelo e uma escova para alisar os fios eram elementos fundamentais para o total aproveitamento da comemoração.

Sua disposição para usufruir o dia que ainda estava se iniciando contrastava com o desânimo da outra que chegara havia pouco para trabalhar. Aquela demonstrava impaciência no monólogo que encenava para o gerente da casa, gesticulando, reclamando, batendo com a mão na perna sem, contudo, deixar de mirar a rua. O mero olhar furtivo atribuía certo humor à encenação: seu único ouvinte era por ela desconsiderado.

Sem aguentar mais um instante ignorando o porquê de tanta rabugice, fiz um único sinal para a garota, que veio um pouco desdenhosa sentar-se ao meu lado no degrau da casa. Logo de saída lhe disse a que vinha, dizendo que gostaria de saber como era trabalhar na Vila Mimosa – indagação que abria amplas margens de discussão e, por isso mesmo, permitiria a minha interlocutora decidir o ângulo pelo qual abordáramos tal questão.

Sua proposta não fugiu ao roteiro original: iniciou oferecendo a justificativa de se tratar de uma necessidade, resposta que qualquer outro trabalhador omitiria por entender como óbvia a necessidade que subjaz à execução do seu labor. Em seguida, contou sobre a primeira vez – que também lhe lembrara outra primeira vez:

...minha primeira vez aqui foi como se eu estivesse perdendo minha virgindade. Foi horrível! Eu chorava, os clientes olha-



vam pra minha cara: “Que isso, menina?”. Eu falava: “Não, eu não vou conseguir.” Chorava muito, aí às vezes os clientes ficavam com pena, me davam o dinheiro e desciam: “Essa garota é maluca.” Aí vários viravam pra mim, até hoje tem quem vira pra mim e fala: “Você não tá no lugar certo, você não serve pra fazer esse trabalho.” Eu falei: “Não, é mais por necessidade mesmo”, entendeu? Eu assim... tô só esperando meu marido arrumar um emprego pra sair daqui definitivamente. E ele nem sabe.

Que outro lugar estaria destinado como o lugar certo para recebê-la? No seu entendimento, assim como no de seus clientes, provavelmente existiria um espaço ideal a ser ocupado por ela que não aquele, “horrível”, que até coceira lhe dava.

Divertidamente mal-humorada, a garota se autodefiniu como alguém irritadiço. Segundo contou, semanalmente despejava insatisfação sobre alguns clientes e colegas, fazendo notar uma ambicionada superioridade involuntariamente adiada pela necessidade de estar ali trabalhando, à espera do emprego do outro, seu marido.

Fausto aproximou-se trazendo dois copos de café. Entabulamos uma conversa que fez as vezes de encerrar o colóquio anterior. “Não vai trabalhar, não?”, perguntou para a garota que já se ia com ar enfastiante. Ficamos sem resposta.

Minutos depois, ela retornou vestindo um pequeno *short* azul e um sutiã branco, os cabelos soltos e encrespados avolumando-se sobre os ombros e os olhos, prateados, em destaque sobre a pele negra. Todo esse conjunto se equilibrava em saltos altos no meio da rua calçada de paralelepípedos. “Até quero trabalhar, mas cadê os homens?” Assim descerrava o início do seu dia de trabalho. Antes, porém, o “papo em dia”, preâmbulo, mesmo que monologado, com jeito de fôlego para se começar o expediente. De figurino trocado, a imagem construída da mulher fatal agora se dispusera junto ao balcão, aguardando o primeiro interessado do dia.

## 2.1 Temporalidades

O ato de aguardar reserva o ato de estar alerta. Na porta, na janela ou no balcão, a atenção de quem aguarda se fixa na circulação dos que vão pela rua, calçadas e corredores da Vila Mimosa. Lá, guar-

dar com atenção se chama “estar na pista”, sensível às intenções que podem vir a gerar dinheiro através de um programa.

Os programas não caem do céu. Eles acontecem para quem se empenha, ainda que o teor do empenho varie tanto quanto incalculáveis são as sutilezas que despertam a atração. Basta estar ali, “na pista”.

É verdade que nem todos os dias estão propícios ao trabalho rentável. Fim de mês, aumento do dólar e até o atentado às torres do World Trade Center já serviram de pretexto para as reclamações que explicam o baixo índice de programas. Em épocas de recessão, sobra tempo para se pensar em alternativas que não deixem os que estão na pista a ver navios. Tanto na antiga quanto na moderna Vila Mimosa, circulou a proposta de se colocar roletas para garantir os lucros das prostitutas, classe naturalmente detentora da ideia, visto que a garantia de seus ganhos não provém da venda de bebidas, tampouco de comidas, mas do ato sexual.

A ausência de trincos nas portas dos banheiros da Vila ou a instalação de portas baixas denotam a existência de um controle bastante específico sobre certas práticas, consideradas incongruentes fora de determinados espaços, pois burlam regras que dão sentido ao negócio e que legitimam a existência de todo o aparato cenográfico.<sup>17</sup>

É tanta mulher de peito de fora que eles ficam doidos! Tem alguns que, lá na casa onde eu trabalho, tem isso, eles pedem pra ir ao banheiro, toca uma punheta e vão embora. Mas *isso é proibido*, mas eles *vão na encolha*. Uma vez eu abri a porta e *porra! Esculachei ele na frente de todo mundo, a casa tava cheia*. Tá de pau duro vai tocar punheta. Devia ficar em casa então, né? Olhando televisão.

Algumas mulheres contabilizam o investimento de tempo e lábia com o cliente que só quer conversar, quando não apenas olhar – ações dignas de serem mercantilizadas segundo suas vindicações.

Vem homem pra caramba só pra beber cerveja. Ontem eu falei: “engraçado, um frio desse você vem pra cá beber cerveja, podendo gastar numa mulher!”, sabe quanto? Duas cervejas cinco reais, mais duas, dez...aí vão gastando, gastam pra caramba. Aí eles vão bebendo e aí esquece. Quando a gente vê, tá duro! Pô, um frio desse, podendo se esquentar, vem pra cá beber

cerveja? Bebe perto de casa que é mais barato, então. Vem pra cá beber, *gastar nosso tempo*. Quer ficar conversando com a gente, fica enchendo o saco...

Quando enche de mulher também, sai de baixo. Ninguém trabalha. Porque as mulheres ficam todas lá, né? Os homens ficam olhando prum monte, daqui a pouquinho dá uma voltinha e não come ninguém. Porque é muita mulher. Aí eles ficam doidos! Eles não sabem qual escolher, porque é tanta de peito de fora...

Quando não paga pelo serviço sexual, o cliente pode ser percebido como indeciso ou mesmo inconveniente na medida em que ocupa o tempo da prostituta alimentando a expectativa da realização do programa. Há então uma defasagem entre os interesses comerciais da prostituta e os interesses de consumidor do cliente: quando se inicia o trabalho? Já na própria sedução que se dá de maneira dialógica? Ou ele só se cumpre no ato sexual?<sup>18</sup>

Qualquer local de prostituição estimula no cliente o ato de imaginar possibilidades eróticas. A zona é por excelência um lugar de observação onde o grande atrativo se inscreve justamente na probabilidade de se ter relações sexuais com qualquer mulher que ali se apresente. Portanto, a sugestão de se colocar roletas inclui o espetáculo no tempo de trabalho, proposta até então jamais convertida em dividendos para a prostituta, apenas para os proprietários de estabelecimentos. Sem a cobrança de ingresso – que seria um dado novo –, a Vila Mimosa se compara a um mercado livre onde a concorrência é por vezes desleal.

O tempo do programa na Vila (20 minutos) define o período máximo para o gozo e, de certa forma, também o *tipo* de gozo. Não há tempo para se perder em conversas. Dois, três, 15, 20 programas. Inúmeras variáveis determinam a sorte do dia, mas, quando objetivos bem definidos (pagar contas, comprar móveis, fazer obras etc.) entram em questão, etapas preliminares de trabalho podem ser consideradas fruitivas e fundamentais no que concerne ao profissionalismo e no que se espera alcançar com o próprio trabalho, como a formação de uma clientela fixa que garanta a concretização dos objetivos de médio e longo prazo.<sup>19</sup>

O espaço de tempo e o lugar destinados ao desempenho de um papel, e os modos pelos quais ele se realiza, trazem à baila os múltiplos

encaixes que se destinam a potencializar ou debilitar aspectos estereotipados da representação. E, nesse sentido, a Vila Mimosa, com todos os seus elementos constitutivos, sugere ser uma verdadeira cidade cenográfica da prostituição.

O *lugar*, sendo um domínio étnico, conforme observou Briggs,<sup>20</sup> condiciona as interpretações que os atores fazem de seus próprios papéis. E as formas de compreenderem o espectro do trabalho da prostituta – conversas, escutas, danças, sedução, “programa” – refletem as representações que clientes, donos de casa, gerentes e prostitutas têm sobre si mesmos, mas, também, sobre o lugar aonde vão para darem vida a esses seus personagens.

### 3. Representações

O rapaz que conversa com o gerente da casa me chama a atenção pelo desabafo, em alto e bom som, de suas lamúrias. Está visivelmente indignado por ter sido repudiado ao tentar beijar uma prostituta na boca. Argumenta com o gerente que a garota, afinal, “é uma puta”. Sendo assim, ele supõe que o seu direito de negar a investida é confiscado pela própria condição: ela é uma puta.

A conversa me mantém vidrada por alguns bons instantes, até que subitamente noto que o rosto do rapaz é familiar. Tal surpresa me desconcerta. Se continuo a observá-lo, posso chamar sua atenção e, então, adeus conversa!

Tarde demais. Ele percebe que eu o observo e, parece, também identifica em mim alguma familiaridade. Mas volta a falar com o seu interlocutor, agora mais discretamente, impedindo-me de acompanhar sua narrativa. Entendido o recado, contenho minha curiosidade e me distraio com outras cenas.

Já está anoitecendo. Devo pegar um ônibus ou, no máximo, um táxi até a praça XV. Pago a conta do bar e, ao me levantar para partir, sou surpreendida pela aproximação do rapaz: “Você não é irmã do...?”. Ele não recorda o meu nome, nem eu o dele. Mas ali descubro tratar-se de um conhecido do bairro que, tão logo me aborda, também toma consciência de sua própria situação. Éramos dois conhecidos na Vila Mimosa.

Inevitavelmente, vem a pergunta “o que você está fazendo aqui?”. A título de testar sua reação – e não fugir à realidade –, respondo que há alguns meses trabalho na Vila Mimosa. Condescendente,

ele me abraça e, dando tapinhas no meu ombro, diz: “Eu respeito muito, eu respeito *muito*.” Digo-lhe que também compartilho o seu respeito, e inclusive realizo ali uma pesquisa relativa à reinvenção da famigerada zona.

O rapaz enrubesce. Minha presença já está explicada, mas... e a dele? Este não é um problema que lhe imponho. Eu nada pergunto. Ele mesmo, voluntariamente, se põe a encontrar uma justificativa, titubeando ao escolher a resposta. De fato, sua situação deveria ser problemática. Primeiramente ele diz que também realiza uma pesquisa, mas logo em seguida detecta a pouca convicção com a qual se expressa e admite: está noivo. Conta como uma confissão. E me pede sigilo.

Não compreendo em que eu poderia ameaçá-lo. Nossos nomes sequer foram citados por esquecimento de ambos e, além do mais, eu, como mulher, supostamente sairia em desvantagem com aquele encontro.

Mas havia algo mais que a situação expressava, e acredito que passava ao largo de seu estado nubente. O que estava em jogo era a ascensão de um papel que jamais seria revelado por ele a uma mulher que, acima de tudo, o conhecia de outros contextos. A manipulação de sua identidade fora descortinada nesse encontro casual, e o risco forçado pelo estigma era a negação de suas outras virtualidades pela descoberta da identidade deteriorada,<sup>21</sup> que também persegue os clientes das prostitutas.

•••

Em função da pluralidade de recortes possíveis que o simples fato de *estar* ou *trabalhar* na Vila Mimosa permite, sugiro que nos atenhamos às representações que alguns atores desse universo sustentam sobre a prostituta, principal personagem, e sobre o próprio lugar. Este é um convite para a apresentação de seus dramas e motivações e também para a apreensão do significado daquilo que Park chamou de região moral.<sup>22</sup>

### 3.1 A prostituta

Eu privilegio o lado bom da coisa. Aquela loura que chegou ali de carro sabe se impor, é educada, fina. Mas tem muita mulher que faz da zona uma bagunça, são drogadas, caídas pelo chão,

não sabem trabalhar, preferem se exhibir, tirar onda, vão lá só pra isso, e não pra ganhar dinheiro.

*(Luisinho to Blou – compositor e antigo frequentador do Manguê e Vila Mimosa)*

A prostituta é, por excelência, o símbolo que cumpre importante função na criação das meninas de nosso tempo. Ela é a alteridade da “boa moça”, esta consagrada ao sexo privado. Para que a imagem desse símbolo seja operativa, ela é desenhada, no esplendor da sociedade burguesa, com histórias tristes, de desgraça e infortúnio.

No entanto, uma coisa é fato: as meninas crescem. E muitas vão parar ali, “trabalhando na porta”, onde têm a oportunidade de experimentar a segregação dos papéis forçada pelo estigma. Para enfrentarem esse poderoso inconveniente, se dão novos nomes. Nomes que muitas vezes preferem àquele escolhido pela mãe ou pelo pai.

Por meio de mecanismos de encobrimento do “eu”,<sup>23</sup> uma bipolaridade identitária favorece o cultivo de mitos que definem a prostituta por meio de adjetivos tais como mentirosa, desinteressada e insolente, mas que também impulsionam a composição de vários arranjos em que se reproduz a moral vigente.

Na fala acima transcrita, o narrador destaca o profissionalismo de uma prostituta em relação àquelas que se prostituem apenas para sustentar vícios e que, por isso, não sabem trabalhar. O mecanismo de atribuição do estigma a determinados desempenhos prenuncia a existência de uma fronteira profissional que, dentro da rede de relações da prostituta, lhe permite gozar de muitas distinções.

O uso do conceito de autoestima, bastante difundido nas campanhas de prevenção de DST/Aids, também ganhou um colorido local. No jogo das atribuições estigmatizantes, ele aponta as práticas pertencentes ao campo das ações indesejáveis para o processo de construção de uma identidade coletiva. Exibir-se nua ou masturbar-se no salão, diante dos clientes, seriam sinais de uma baixa autoestima.<sup>24</sup> No entanto, se voltarmos à Grécia antiga – como sói acontecer quando desejamos ir em busca de *origens* – veremos que práticas como essas, levadas a termo nas termas públicas, integravam o culto priápico de uma prostituição então intimamente ligada ao sagrado,<sup>25</sup> ao dom de si, à circulação do sexo como iniciação mesmo à vida cívica e ao estabelecimento do laço social.

### 3.1.1 Para os clientes

Duas representações fundamentais emergem na fala dos clientes, assegurando gradações que se manifestam por meio de condutas que qualificam aquelas que “sabem se impor” e as que não sabem, revelando que, sob o véu do estigma, existem inúmeras formas de assumi-lo ou não. Assumi-lo seria *abandonar-se*, não ser profissional e, ainda, não ter autoestima.

A ideia de que a *puta* realiza toda e qualquer vontade do cliente se alinha à uma representação negativa de subserviência, de anulação do eu e, portanto, de “não saber se impor”, mesmo quando a prostituta opta por realizar serviços sexuais considerados anormais pelos atores da Vila para satisfazer suas próprias vontades. Novamente aqui o conceito de autoestima se instala demarcando características duais ao traçar uma tênue fronteira entre comportamentos normais e desviantes.

Do ponto de vista da prostituta, os impedimentos sexuais potencializam a positividade de sua autoimagem na medida em que preservam aspectos íntimos ou percebidos como parte de uma sexualidade anormal. De maneira geral, para elas os limites determinantes são impostos no ato sexual, talvez por residir aí o tabu que lhes imputa o estigma. Na territorialização do corpo, os impedimentos relativos à boca, por exemplo, revelam os limites da intimidade e o início das práticas de trabalho. Usá-la para a felação consiste em tarefa muito mais difundida como parte do serviço, enquanto que usá-la para beijar outra boca consiste em escolha especial da prostituta em relação ao seu cliente e vice-versa.<sup>26</sup>

Para o cliente, o “saber se impor” está relacionado a atitudes visíveis fora do espaço recluso do quarto. Sua atenção está centrada nos momentos que precedem o encontro sexual, pois é neste período de tempo anterior ao ato que seus desejos se materializam na aparência da prostituta que exerce atração sobre ele.

Entretanto, não procuro tratar dessas duas representações como elementos definidores das escolhas do cliente em relação à prostituta, apenas realçar que há um caráter dual presente em sua imagem – e simbolizado nos modos de exibição de seu corpo – que permite o jogo de atributos entre todos os personagens que permeiam o seu universo. Ou senão, que tipo de ruído poderia ter causado surpresa no rapaz ao qual foi negado um beijo? Não seria o impacto

de constatar o caráter desprovido de limites de sua própria atitude? Caráter este que, quando atribuído à prostituta, tem como finalidade desqualificá-la? E ainda qual seria a necessidade de alguns clientes em também criar nomes fictícios de maneira a preservar as identidades que sustentam fora da zona de prostituição?

A resposta pode ser melhor compreendida a partir da reflexão de Anselm Strauss<sup>27</sup> sobre a *motivação*, esse mecanismo que faz com que um agente encontre no comportamento do outro suas próprias razões para agir.

Usamos os vocabulários de motivos que aprendemos a usar, quer sobre nós mesmos quer sobre os outros. Quando um homem entra em contato com grupos novos para ele e, assim, aprende terminologias novas, suas atribuições de motivos são influenciadas. Ele aprende que existem tipos novos de motivação, se não para si mesmo, pelo menos para os outros. Tendo admitido que existem tais motivos para a ação, muitas vezes está a apenas um passo de atribuí-los a si mesmo.<sup>28</sup>

Deste modo, no contexto das interações, os *bons* motivos, ou seja, aqueles que reforçam o *cuidado de si*, são apreciados e reunidos na ideia de *saber se impor*. A consideração desse saber exige todos os participantes da interação de uma parcela do estigma na medida em que releva a existência de uma atitude que o senso comum tem como preterida na prostituição, que é a afirmação do *self* e a existência de limites que incondicionalmente ele imprime. Dizer que alguém “está se prostituindo” denota a ideia de que esse alguém abriu mão de todas as suas vontades para se submeter aos desejos – quase sempre escusos – do outro.

Muitos clientes da Vila Mimosa referem-se à pressa de algumas jovens prostitutas durante o ato sexual como atitude incongruente em relação à esperada representação de prazer. Assim, o encontro ganha ares de agressividade desdobrando-se, muitas vezes, em confrontos físicos que se expandem para além das cabines, envolvendo donos de casa, gerentes e/ou seguranças.

A lógica mercantil e a moral burguesa que privatizaram o sexo se reproduzem com fidelidade em cenários como o da Vila Mimosa. Vinte minutos é o tempo do programa, e deste programa exclui-se qualquer outro dom que ultrapasse a cessão de certas partes de um



corpo que se presta, então, a uma única finalidade: o gozo – desde que esse gozo aconteça no prazo programado: 20 minutos.

Quando uso o termo “gradação” para descrever a escala onde oscilam as duas imagens fundamentais da prostituta na Vila Mimosa, refiro-me às diferentes formas de afirmação do *self*. Em outras palavras, estamos falando de mulheres que ora assumem a prostituição como um trabalho, realizando-o com todo o controle demandado por qualquer relação profissional, e de mulheres que compreendem a prostituição como o “último degrau”, o “fundo do poço”, uma *necessidade* além da qual não existem outras alternativas, abrindo, assim, uma ampla margem para projetarem no cliente o alvo de suas insatisfações. E, nesse caso, a recíproca é verdadeira.

“Saber se impor”, deste modo, denota uma atitude profissional não permeável por comportamentos negativamente estereotipados, ao passo que “não saber se impor” induz a atitudes moral e fisicamente violentas, pois expressaria o descaso da prostituta consigo mesma e, de modo transcendental, em relação aos desejos que canaliza.

A prostituta experiente, ou que “sabe se impor”, conhece as expectativas dos homens que a procuram e releva este conhecimento agindo para que também a negociação do programa seja parte do jogo, da fantasia.

À noite, “a hora delas”, uma das cenas mais comuns e ostensivas na Vila Mimosa é a da sedução. Este trivialismo, no entanto, se desfaz com dosagens de imaginação e, para os clientes, com o profissionalismo da prostituta, que emerge a partir do momento em que ela resolve suprir as expectativas do homem que a procura durante todo o tempo do encontro, não somente dentro da cabine, mas também no bar, na frente de seus amigos. A prostituta profissional sabe que esse tipo de exibição para os olhos e deleite dos camaradas é forma de um prazer coletivizado, de um prazer que é dependente também da palavra e de testemunhas oculares que serão instadas, num momento futuro, a participarem do ritual de “contar para os amigos”.

Quase todos os homens com os quais conversei citaram a frustração que sentem quando, ao chegarem às cabines, ouvem da prostituta o pedido para “gozar logo”. Neste momento, a invasão de um discurso não esperado no *script* revela a insatisfação de um dos participantes da cena e, conseqüentemente, a ilusória potência máscula que o cliente espera afirmar.

Este dado nos revela a frágil sedução ostentada e, mais do que isso, coloca em primeiro plano a importância dos elementos que precedem o ato sexual. Um dos entrevistados esquivou-se de dizer que havia ido à Vila Mimosa em busca de sexo. No entanto, não demorou para que subisse para o jirau levado pelas mãos de uma prostituta. Após descer da cabine, dizia ter sido seduzido, como se não esperasse de antemão que, uma vez ali, isto fatalmente ocorreria.

Duas coisas podem ser extraídas desse discurso: a primeira é a não assunção do sexo pelo sexo, e a segunda aponta para a existência de outras carências e desejos que a prostituta supre, mas que são sempre desconsiderados diante da relevância do sexo pago, ou seja, do grande tabu sobre o qual a prostituição se afirma.

Chegamos então ao ponto onde é possível compreender o porquê da emergente diferenciação entre saber ou não se impor, e como isto reflete ainda a necessidade de se separar dois tipos de prostitutas dentro da Vila Mimosa, de maneira a sustentar também a *honra* daqueles que com elas mantêm relações.<sup>29</sup> Pheterson<sup>30</sup> ressalta que o estigma da prostituta é um mecanismo de opressão que explicitamente marca e regula a socialização de todos os membros da sociedade, pois lida, de acordo com a moralidade moderna, com a possibilidade de dessacralização do sexo; o que, entre outras coisas, desafia a assunção normativa da dependência sexual e financeira da mulher.

Na prática, isto se reverte em representações negativas que mantêm a prostituta sob a égide da ameaça. “Elas mentem” ou “elas fazem de tudo” são afirmações que descrevem um ser sempre pronto a realizar qualquer tipo de ação a favor ou contra aqueles com os quais se relaciona, embora este ideário seja causa e efeito da manipulação identitária que decorre do estigma.



Empreender a busca pelas características que descrevem determinado ator social importa à medida que torna relevante comportamentos fundamentais para a compreensão do que simboliza tal desempenho e que tipo de expectativa se cria em torno dele. A partir de duas distinções fundamentais sobre uma mesma identidade (como, por exemplo, o saber ou não se impor) são tecidos os elementos da trama. Desempenhar o papel de acordo com as expectativas positivas, é importante lembrar, *também se constitui em uma forma de definir a*

*situação*, e as expectativas só podem ser supridas de maneira positiva quando se as reconhece.

Isto quer dizer que cada área de prostituição (como, aliás, todo e qualquer *lugar*) tem suas próprias demandas de acordo com as relações que nelas se estabelecem. A forma como o lugar se estrutura define algumas dessas questões. Por exemplo: o tempo do programa, a estrutura física, os locais de disposição para cada ator social (porta, balcão, corredor etc.), os elementos que impedem ou facilitam as trocas – e quais trocas – enfim, são todos enunciados simbólicos que coordenam os impulsos que para lá se canalizam.

Gostaria de voltar a enfatizar que as formas de distinção elaboradas pelos habitantes de todo e qualquer lugar é também *mais uma* senha de acesso à problemática que provê a necessidade – ou contingência – de seu arranjo na morfologia urbana. Percebo que os lugares são como *arenas* onde são trabalhados, entre outros, determinados problemas não considerados como públicos, mas sim privados, e, por isso, os lugares se revelam como tangíveis a partir do conhecimento de algumas das expectativas existentes entre aqueles que o frequentam. Pois é na experiência das interações que os acordos vão sendo construídos. Ignorar isto é promover o arrasamento de sítios urbanos não apenas enquanto patrimônio arquitetônico, mas *imprescindivelmente cultural*.

### 3.1.2 *Por elas mesmas*

...as prostitutas, elas estão com seus filhos, e elas estão aqui pra quê? [...] Pô, isso sim! Isso pra mim é ato de coragem, cara! A prostituta pra mim devia ser exaltada. Não tem que haver discriminação, não pode haver mais isso. Porque a discriminação parte das próprias prostitutas.

Há duas maneiras distintas de se “levantar dados” em uma pesquisa. Uma delas é a aplicação de um elenco de perguntas elaborado a partir de um propósito bem definido. A outra é a *observação direta*, que confronta aquilo que as pessoas dizem com aquilo que elas fazem, servindo de guia para o olhar do observador.

Na primeira vez em que estive na Vila Mimosa, percebi que a garota do bar em frente ao que eu estava iniciou uma dança sobre a mesa, atraindo a atenção de alguns homens que estavam parados no corredor, próximo à soleira da porta onde eu havia me posicionado. Só

com o desvio imediato da atenção deles é que atentei para a hipótese de que eu pudesse estar representando uma concorrência ocupando lugar na porta, pois, até aquele momento, eu desconhecia por completo o significado do posto que estava atualizando.

A sensação de estar concorrendo, ainda que involuntariamente, surtiu em mim o efeito de um alerta, pois o simples fato de eu ser mulher me imputava um papel que, em determinadas circunstâncias, determinaria nitidamente o tipo de relação, estabelecendo quais trocas estariam em jogo com os outros atores envolvidos na cena.

A fala que inicia este item é uma clara alusão ao que a personagem representa para o ator social que a representa. Em seu discurso, a prostituta versou sobre o preconceito, ressentida pela discriminação que, em vez de destacar a *coragem* da mulher que se prostitui, releva a *vergonha*.

Não pretendo entrar na questão de como, ao defender o seu papel, a moça dava ênfase ao preconceito que repudiava. Apenas entendendo que, quando a atenção abandona o mundo da idealização e se concentra no mundo das interações, as palavras ganham o tom das intempéries cotidianas, reacendendo os humores que independem dos estereótipos, pois que estão latentes *em qualquer contexto social*.

Na Vila Mimosa, a concorrência entre prostitutas é enorme. Em São Paulo, conheci uma mulher que até recentemente havia trabalhado na Vila. Ela manifestou sua opinião sobre o local primeiramente referindo-se à quantidade de mulheres que lá trabalham. A ressonância deste dado se revelou para mim tanto no dia em que utilizei a porta como posto de observação como no relato da mulher que encontrei na capital paulista.

Mas em que medida isto poderia influir na ideia que as prostitutas da Vila Mimosa fazem de si mesmas? Sugiro que o *status* positivo e negativo é definido no trâmite do desempenho do ator social. *Exatamente na execução do papel é que se encontram os enunciados apreensíveis que nos ditam os códigos e as regras das atuações esperadas e o que se encontra embutido nessas expectativas enquanto tradução de importantes demandas sociais*. Uma vez apreendida essa pantomima, podemos inferir mais amplamente sobre as representações que a envolvem.

Andréa diz que ignora qualquer concorrência. Esporadicamente vai à Vila Mimosa complementar o orçamento. Lá chegando, senta-se junto à janela da casa e fica ali, gastando as horas com muita conversa.

Este é o seu empenho. Seu atrativo reside no interesse pelo que o outro tem a lhe dizer. Ao contrário de muitas que ali trabalham, Andréa entende que existe, nas zonas de prostituição, uma grande demanda pela afirmação sexual exercitada através do poder de persuasão do cliente.

Esta perspectiva a leva a tecer considerações sobre etapas do atendimento que estão além do ato sexual. Sua percepção é um tanto quanto rara no universo da Vila Mimosa, embora haja um público fiel e bastante amplo frequentando a prostituição em busca de resoluções afetivas.

Ele [o cliente] quer uma mulher, ele quer... de repente uma mulher diferente da que ele tem em casa, um padrão diferente, ou pelo simples fato – que mulheres não são diferentes – mas pelo simples fato de estar com uma prostituta na cama. Entendeu? Isso alimenta uma certa fantasia: achar que a prostituta é diferente da mulher dele. Isso na cabeça dele, na concepção dele, entendeu? De repente por uma impotência sexual dele mesmo. Porque de repente, se ele for uma pessoa ricamente potente sexualmente, ele não vai achar que a prostituta pode ser melhor que a mulher dele. [...] Por exemplo, é o que dizem: acham, na concepção das pessoas lá fora, acham que os homens geralmente procuram prostituta pra fazer alguma coisa diferente. Então o que é uma coisa hoje em dia tão diferente, tão absurda? Que que é? Sexo anal é a coisa mais absurda que tem. Pra mim até, como prostituta, também é um absurdo, porque eu não faço, não pratico, nunca pratiquei. Mas ele pode trabalhar outras coisas na mulher dele. E também isso é tabu, porque é mentira. Muitas mulheres aqui não praticam. Então *tem homens aqui que não é sexo anal que vêm procurar, entendeu? Eles vêm procurar uma mulher diferente, uma mulher... sei lá.* É o que eu digo: aí é que entra a impotência dele. Porque ele poderia ser muito mais sexualmente, mais bem resolvido em casa do que aqui! Que que é 20 minutos pra ficar com um homem? Põe isso na cabeça: você acha que 20 minutos homem pode sair... não é nada! E de mais a mais o carinho é muito mais importante. Isso aí é a falta de potência dele, é ele chegar e ver o que ele tá errando dentro da mulher dele, da casa dele, uma falta de diálogo, de conversa.

A boa prostituta não é que ela seja a melhor, ou a mais bonita, ou a que seja a melhor de cama. Eu acho que é aquela que leva à sério, que gosta do ser humano, que ama o ser humano independente do que ele seja, se é homem, se é mulher ou criança. [...] Não só as vezes de ir pra cama, mas poder conversar prum desabafo, entendeu? “Ah, hoje eu vou recorrer a ela porque eu sei que ela vai ter ouvidos pra poder me ouvir, ela vai me dar atenção”, entendeu? Prostituição é isso. É ter o dom da palavra. Só isso.

Padres e prostitutas, de acordo com Everett Hugues, aprendem, na cama ou no confessionário, muitas coisas a respeito de seus clientes.<sup>31</sup> E ambos sabem que estas coisas lhes são ditas em segredo e que assim devem ser conservadas. É aí, justamente, que os dois *métiers* se assemelham ao exigirem uma forma de deontologia.<sup>32</sup>

Todavia, ao mesmo tempo que é identificado e destacado esse papel, de caráter também terapêutico, exercido pela prostituta, este não é o mais trabalhado nos corredores, casas e cabines da Vila Mimosa. Do mesmo modo que grande parte dos clientes espera se sentir potente, muitas prostitutas incorporam o papel da mulher sexualmente desejada e competem neste posto com as colegas, a ponto de se sentirem muito mais estimuladas a atuar para o público das concorrentes do que para o de clientes.

Não à toa o secretário da Associação me informara, logo em minha primeira visita, sobre a média de programas feitos pelas mulheres na Vila Mimosa. A competição pelo sexo, pelo desejo de atração traduzido pelo cômputo que me fora oferecido, realça conflitos e lutas que ultrapassam em muito as portas dos bordéis e que são claramente identificados, por exemplo, pelo olhar arguto da prostituta que prestigia a conversa com o cliente. Autoafirmar-se é instituir um poder. Um poder que passa por um combate de sexo e gênero.<sup>33</sup>

A título de provocar uma de suas companheiras de porta, uma garota lhe toma um objeto (uma escova) e inicia uma fuga pela rua, instigando a dona para vir retomá-lo. A brincadeira vai aos poucos atraindo a atenção dos que bebem e conversam próximo à calçada, nas varandas das casas à entrada da galeria. Progressivamente todos passam a acompanhar a cena, da qual agora faz parte a outra, dona da escova, que vai no encalço de reaver o seu objeto.

Quando todas as atenções então se voltam para as duas, a mulher que iniciara a provocação anuncia, a plenos pulmões, do outro lado da rua, que a dona do objeto estaria mal-humorada pois invejava o fato de que ela, a que falava, havia “gozado a noite toda com o seu cabeção”, aludindo, com isso, à sua satisfação sexual e ao tamanho do pênis de seu parceiro.

Há que se considerar que o sentido das ações é sempre local, pois a linguagem cotidiana depende do contexto em que é produzida. E, neste caso, o contexto da provocação enuncia a relevância do prazer sexual como dispositivo de poder, de subordinação, portanto, e alvo de cobiça também entre as mulheres que trabalham – e concorrem – na Vila Mimosa.

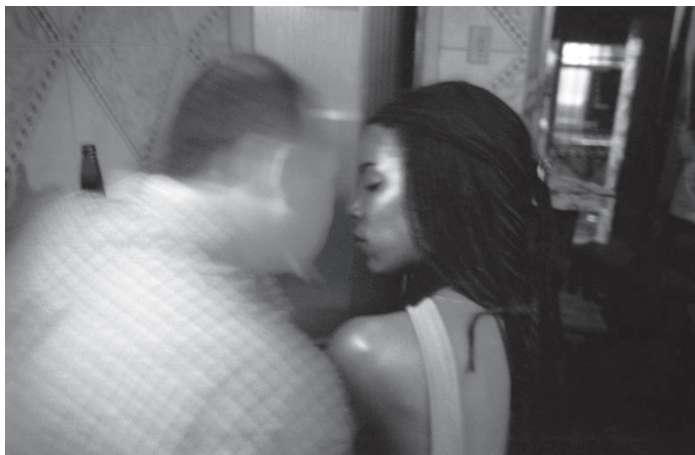
Não é à toa que muitos frequentadores, donos e donas de casa e gerentes da Vila distinguem entre as mulheres que lá vão para trabalhar e as que vão para “tirar onda”, para cumprir a finalidade de se exibir e “atrapalhar o trabalho das outras”, subordinando o seu igual. Ou o que se entende como o seu “igual”.



O grande número de mulheres que trabalham na Vila Mimosa, assim como o grande número de homens que para lá são atraídos, transforma a *concorrência* num fator-chave para a compreensão das posturas assumidas, pois estas são percebidas como basilares na composição da identidade de seus personagens.

O potencial viril do macho e sedutor da fêmea anima o espetáculo que se deixa ver nos corredores e casas da Vila Mimosa. Como qualquer obra, a zona carioca permite interpretações sem-fim sobre a iniciação ou manutenção da vida sexual de milhares de habitantes da metrópole.

A contribuição da pesquisa etnográfica é lançar luz sobre o entendimento que os atores, participantes de determinados contextos sociais, têm sobre a problemática que os envolve, uma vez que esta se revela no campo das interações. A tarefa parece simples, e passa, em grande medida, pelo trabalho descritivo. O dado etnográfico, assim, é fonte onde vão se refrescar todos aqueles interessados em ultrapassar os limites asfixiantes do etnocentrismo.



**Figura 14 – (Foto: Olívia Gay). “Por que você escolheu essa vida?”**

## Notas

- <sup>1</sup> BERGER, 1986: 46-47. Cf. também BECKER, 1985 e GOFFMAN, 1961, e os trabalhos da sociologia interacionista, como, por exemplo, o de STRAUSS, 1997.
- <sup>2</sup> Cf. BECKER, op.cit.: 28.
- <sup>3</sup> Ibidem.
- <sup>4</sup> Para um histórico da criação da grife Daspu, v. LENZ, 2008.
- <sup>5</sup> Refiro-me à noção de “equipe” desenvolvida por GOFFMAN, 1999.
- <sup>6</sup> O ofício da “tomadora de conta”, em muitos casos, confunde-se com o de explicadora. Para uma melhor contextualização desses papéis, ver MATTOS, op.cit. GOFFMAN, op.cit.: 76.
- <sup>7</sup> Idem: 59.
- <sup>8</sup> Idem: 64.
- <sup>10</sup> No *métier*, essa é a versão mais difundida do verbo “trabalhar”, menção direta ao vocabulário de guerra mas também dedicação obstinada à obtenção dos resultados do trabalho. GOFFMAN, 1999.
- <sup>12</sup> Ver o item 1.3 *Formas de arregimentação*.
- <sup>13</sup> “A valorização do modo de vida que a prostituta leva se sustenta ao pôr em foco uma *exciting life*: possibilidades de viajar pelo país etc.” GASPAS, 1994: 71.
- <sup>14</sup> Pequeno tablado onde a prostituta sobe e executa uma dança.
- <sup>15</sup> GASPAS, 1994: 74-75.
- <sup>16</sup> MORAES, op.cit.: 82.
- <sup>17</sup> O acordo a respeito desse tipo de aparato, por exemplo, refere-se ao que GOFFMAN (1999: 19) chama de *consenso operacional*, que se estabelece, de maneiras distintas, em função do cenário de interação.
- <sup>18</sup> Em agosto de 2002, a prostituição entrou na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho, e durante a reunião com algumas prostitutas participantes de movimentos organizados para a definição dos direitos e deveres da profissional, destacou-se o “aconselhar clientes com carências afetivas” e “fazer homens felizes” como duas etapas fundamentais no atendimento. V. SIMÕES, 2009. Evidentemente que no dia a dia das milhares de prostitutas essa informação sequer foi difundida e, ainda que o fosse, tais obrigações ganhariam seus devidos ajustes em função do tempo de atendimento que cada modalidade de prostituição determina.
- <sup>19</sup> Cf. também MORAES, op. cit.: 85.



- <sup>20</sup> Op.cit.
- <sup>21</sup> GOFFMAN, 1982.
- <sup>22</sup> PARK, op. cit.
- <sup>23</sup> GOFFMAN, 1982.
- <sup>24</sup> Georges Devereux menciona a masturbação em público como prática corrente entre certos aborígenes australianos. Esta e outras foram objeto de suas extensas análises, mais precisamente interessadas no impacto das imagens dessas práticas no ambiente psicológico de seus colegas americanos e europeus. V. DEVEREUX, 1980: 97.
- <sup>25</sup> V. MAFFESOLI, op.cit: 121, e, para uma história da sexualidade, a leitura de Foucault é incontornável. Nesta nota refiro-me, em especial, ao primeiro volume da obra, *A vontade de saber* (1977).
- <sup>26</sup> Malinowski obteve grande variedade de informações a respeito das “crenças relativas ao organismo do homem e da mulher e à impulsão sexual” (2000: 127), entre os habitantes das Ilhas Trobriand. As partes do corpo que os trobriandeses atribuem ao ato sexual são o *wila* (vagina), o *kasesa* (clitóris), o *kwila* (pênis) e o *puwala* (testículos). Através dos olhos se apresenta o *magila kayta*, o “desejo de acasalamento”. “O homem que têm olhos fechados não prova a ereção” (2000: 129), diz o dito popular das ilhas Trobriand. Tanto no homem quanto na mulher, a psicofisiologia trobriandesa estabelece uma relação direta entre os olhos, os rins e os órgãos sexuais, num sistema chamado *wotuna*, responsável pela excitação sexual.
- <sup>27</sup> STRAUSS, 1997: 65.
- <sup>28</sup> Idem: 68.
- <sup>29</sup> Certa vez, o gerente de uma casa agrediu uma prostituta pois esta era usuária de cocaína. Cito este caso, porque acredito que a tentativa de controlar as idiosincrasias da prostituta denota a tentativa de submetê-la, sempre, às vontades e idealizações daquele que com ela se relaciona.
- <sup>30</sup> PHETERSON, 1986: 03.
- <sup>31</sup> As proposições de Everett Hugues para uma sociologia do trabalho se importam com o método. Em uma delas, ele é categórico: “Il faut nous débarrasser de toutes les notions qui nous empêchent de voir que les problèmes fondamentaux que les hommes rencontrent dans leur travail sont les mêmes, qu'ils travaillent dans un laboratoire illustre ou dans les cuves malpropres d'une conserverie”. HUGUES, 1996: 123.
- <sup>32</sup> BECKER, op.cit.: 242, e, especificamente sobre a deontologia do ofício da prostituta, v. SIMÕES, 2009.
- <sup>33</sup> FOUCAULT, 1984.



## EPÍLOGO

A abordagem privilegiada nessa pesquisa vê a Vila Mimosa como um lugar nascido, pois, de uma vontade coletiva. Uma reinvenção. Releitura de uma velha história.

Obra criativa, o lugar revela a dimensão social do espaço, a construção física e simbólica erguida para o acolhimento de personagens, para o desempenho de seus papéis e de suas relações. Pessoas não são feitas de pedra. Daí o aspecto vivo dos lugares na cidade e a larga margem de erro dos arbítrios do planejamento urbano.

A própria cidade, enquanto cenário, se encarrega de desenvolver nos indivíduos talentos específicos resultantes do hábito, do costume, da educação e das trocas que encontram lugar nos mais variados meios urbanos. Robert Ezra Park já havia observado, em 1916, que “na cidade, qualquer vocação, mesmo a de mendigo, tende a assumir o caráter de profissão”.<sup>1</sup> Qualquer *savoir faire* é, na cidade, passível de ser organizado coletivamente, desdobrando-se em associações com posições socialmente definidas e regras de conduta que regulam o trabalho em uma dada ocupação.<sup>2</sup>

Diferentemente dos grupos sociais, os *tipos vocacionais*, na concepção de Park, não surgem de interesses comuns, mas, antes, de estímulos provenientes de outras formas de associação que se baseiam na contiguidade – a vizinhança, por exemplo – e na associação pessoal. Frequentar lugares na cidade é, por isso, tanto criar quanto submeter-se aos acontecimentos que neles ganham vida.

Em nossa análise da prostituição na Vila Mimosa e das formas recentes de organização e mobilização, cuidamos para que o leitor não perdesse de vista a cidade, ela mesma resultado de incontáveis formas associativas. Sem a materialidade de seus edifícios, monumentos, casas, esquinas, praças, ruas e avenidas, seus horários, ritmos, jogos de luzes e sombras, e sem as falas que revelam ser tudo isso – o *lugar* – da ordem dos adjetivos (e não dos substantivos!), os personagens e seus dramas não poderiam ser perseguidos pela observação a que aqui nos propomos.

## NOTAS

<sup>1</sup> PARK, op.cit: 26.

<sup>2</sup> V. tb. BECKER, 1986.



## REFERÊNCIAS

- ANJOS JR., Carlos S. Versiani. *A Serpente Domada – Um estudo sobre a prostituta de baixo meretrício*. Brasília, Antropologia Social/UNB, tese de mestrado (mimeo.), 1980. 145p.
- BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo, Editora Ática, 1982. 186p.
- BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2000. 230p.
- BECKER, Howard. *A Escola de Chicago*. In: Revista Mana, 2(2): 177-188, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Outsiders – études de sociologie de la deviance*. Paris: Métaillé, 1985. 247p.
- BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 2000. 202p.
- \_\_\_\_\_. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região*. In: \_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 107-132.
- BRIGGS, Asa. *O conceito de lugar*, in *A Humanização do Meio Ambiente*. Simpósio do Instituto Smithsonian. São Paulo: Cultrix, p. 74-95.
- CEFAÏ, Daniel & PASQUIER, Dominique. *Les sens du public: publics politiques, publics médiatiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003. pp.13-59.
- COSTA, Nilson do Rosário. *Lutas Urbanas e Controle Sanitário – Origens das políticas de saúde no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985. 121p.
- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus Editora, 1995. 135p.
- \_\_\_\_\_. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995b. 134p.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- DEVEREUX, Georges. *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Paris: Aubier, 1980. 474p.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 224p.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro – 1840 à 1890*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1989. 149p.

- FOOTE-WHYTE, William. *Treinando a Observação Participante*, In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975. p. 77-86.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Vol. I: *A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade*. Vol.II: *O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FRAGA, Antônio. *Desabrigo*. Rio de Janeiro: col. Biblioteca Carioca, 1990. 87 p.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo, Global Editora. 2003.
- GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 135p.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323p.
- GLUCKMAN, Max. *Análise de uma situação social na Zululândia moderna*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos*. 1987. p. 227-344.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999. 233p.
- \_\_\_\_\_. *L'arrangement des sexes*. Paris : La Dispute/Snédit et Cahiers du Cedref/ADREF, 2002. 115p.
- \_\_\_\_\_. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 158p.
- \_\_\_\_\_. *Manicômios, prisões, conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1961. 315p.
- GUSFIELD, Joseph R. *The culture of public problems – Drinking-driving and the symbolic order*. Chicago: University of Chicago Press, 1981. 263p.
- HUGUES, Everett C. *Ciclos, Carreiras e Momentos Críticos*. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 64-75.
- \_\_\_\_\_. *Le regard sociologique – essais choisis*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1996. 344p.
- JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 510p.
- KANT DE LIMA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: o dilema brasileiro do espaço público*. In: GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Livia; DRUMOND, José Augusto (orgs) - *O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. São Paulo: EDUSC, 2002. 322p.

KUSHNIR, Beatriz. *Baile de Máscaras: as polacas num exercício de solidariedade e sociabilidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 260p.

LEITE, Gabriela Silva. *Eu, Mulher da Vida*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1992. 175p.

\_\_\_\_\_. *Filha, mãe, avô e puta – a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEITE, Juçara Luzia. *A República do Manguê: Controle Policial e Prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*. Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea apresentada na Universidade Federal Fluminense (mimeo.), 1993. 166p.

LENZ, Flávio. *Daspu – a moda sem vergonha*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008. 261p.

MAFFESOLI, Michel. *La prostitution comme “forme” de socialité*. In: Cahiers Internationaux de Sociologie. Paris: Presses Universitaires de France, Vol. LXXVI, janvier-juin 1984. pp. 119-134.

MALINOWSKY, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 424p.

\_\_\_\_\_. *La vie sexuelle des sauvages du nord-ouest de la Mélanésie*. Paris: Editions Payot & Rivages, 2000. 405p.

MATTOS, Beatriz Arosa de. *Explicadoras na Nova Holanda: um estudo sobre processos informais de escolarização*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Niterói: UFF, Programa de Pós Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (PPGA/ICHF-UFF), 2008. 152 p.

MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MELLO, Marco Antonio da Silva; VALADARES, Licia; VEIGA, Felipe Berocan; KANT DE LIMA, Roberto. Si Tu Vas a Rio! L'expérience brésilienne d'Isaac Joseph. In: CEFAL, Daniel; SATURNO, Carole. (Org.). Itinéraires d'un Pragmatiste. Paris: Economica, 2007, v., p. 235-259.

MELLO, Marco Antonio da Silva; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno et alii. *Quando a rua vira casa*. São Paulo: Finep/Ibam, Editora Projeto, 1985 (3ª. edição). 152p.

MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. *Vingt Ans Après: Des espaces publics aux territoires clos de la Selva de Pedra, Rio de Janeiro*. In: *L'Héritage du Pragmatisme. Conflits d'urbanité et épreuves de civisme*. D. Cefaï, I. Joseph (eds.), La Tour d'Aigues, Éditions L'Aube, 2002, 406, p. 237-263.

- MENEZES, Lena Medeiro de. *Estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio – 1890 à 1930*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992. 117p.
- MERLIN-KAJMAN, Hélène. *Le public: quelques réflexions historiques*. In: CEFAÏ, Daniel e PASQUIER, Dominique (orgs.). *Les sens du public: publics politiques, publics médiatiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila: Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995. 283p.
- MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte/INM/Divisão de Música Popular, 1983. 110p.
- PARK, Robert Ezra. *A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.25-67.
- \_\_\_\_\_. *La ciudad y otros ensayos de ecología urbana*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1999.
- PULMAN, Bertrand. *Pour une histoire de la notion de terrain*. Revista Cadernos de Campo, PPGAS-USP, ano 16, dezembro 2007.
- PEREIRA, Armando. *Prostituição: uma visão global*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976. 180p.
- PHETERSON, Gail. *The whore stigma: Female dishonor and male unworthiness*. Amsterdam: Ministerie van Sociale Zaken en Werkgelegenheid, 1986. 116p.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite – prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. São Paulo, Paz e Terra, 1991. 325p.
- RIO, João do. *A Mulher e os espelhos*. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995. 153p.
- ROCHA, Oswaldo Porto. *A Era das Demolições*. Rio de Janeiro: Col. Biblioteca Carioca, 1986.
- SCHUTZ, Alfred. *El forastero. Ensayo de psicología social*. In: BRODERSEN, Arvid (compilador). *Estudios sobre teoría social*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1964. p. 95-107.
- \_\_\_\_\_. *La vuelta al hogar*. In: BRODERSEN, Arvid (compilador). *Estudios sobre teoría social*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1964. p. 108-119.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia e Relações Sociais – textos escolhidos*. In: WAGNER, Helmut R. (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 319p.
- SILVA, Hélio R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 213p.
- \_\_\_\_\_. & MILITO, Claudia. *Vozes do meio fio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SIMMEL, Georg. *O efeito da subordinação sob o princípio das relações entre superiores e subordinados*. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Simmel*. São Paulo: Editora Ática, 1983. p. 115-121.



\_\_\_\_\_. *Superordenação e subordinação – Introdução*. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Simmel*. São Paulo: Editora Ática, 1983. p. 107-114.

\_\_\_\_\_. *A natureza sociológica do conflito*. In MORAES FILHO, Evaristo. *Georg Simmel – Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

SIMÕES, Soraya Silveira. *Vila Mimosa II: a construção do novo conceito de 'zona'*. Dissertação de Mestrado, PPGACP/ICHF-UFF, 2003. (mimeo)

\_\_\_\_\_. *Vila Mimosa: a construção do novo conceito de 'zona'*. Trabalho apresentado no Fórum de Pesquisa n.32, *Cultura como atrativo turístico*, na 24<sup>a</sup>. Reunião Brasileira de Antropologia. Olinda, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sem vergonha: notas sobre a profissionalização de um métier no Brasil*. In: CEFAL, Daniel; MELLO, Marco Antonio da Silva, MOTA, Fabio Reis & VEIGA, Felipe Berocan (orgs.). *Arenas públicas. Por uma etnografia da vida associativa*. Niterói: EdUFF, 2009.

SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas...a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992. 118p.

STRAUSS, Anselm L.. *Espelhos e Máscaras*. São Paulo: Edusp, 1997. 184p.

TARDE, Gabriel. *La morale sexuelle*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2008.

ZORBAUGH, Harvey W. "Áreas Naturais". In PIERSON, Donald (org.). *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970. p. 339-352.

#### DICIONÁRIOS:

*Dictionary of Classical Antiquities Mythology, Religion, Literature and Art*.

From the German of Dr. Oskar SEYFFERT.

Revised and Edited, with additions,

by Henry NETTLESHIP, M.A. and J.E. SANDYS, Litt.D.

LONDON, William Glaiser, Ltd. (1891). 716 pp.

#### OUTROS DOCUMENTOS:

*Documento referencial para ações de prevenção das DST e da aids – Profissionais do Sexo*, série Manuais, no. 47, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids, Brasília, março 2002. 160p.

## JORNAIS:

SIMÕES, Soraya S. & NOBRE, Carlos. “Programão, programinha: prostitutas e clientes revelam o que faz deles e delas boas ou más companhias”, *Beijo da Rua*. Rio de Janeiro: julho 2002.

*Beijo da Rua*, outubro de 2006. *Prostituta enfrenta preconceito e revela que vive com Aids*.

Fantasio, *Revista Kosmos*, maio 1906

*O Globo*, 04/08/1975;

*Tribuna da Imprensa e O Fluminense* de 20/07/1987;

*O Globo*, *O Dia*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora* de 21/07/1987;

*O Globo* de 22/07/1987;

*Última Hora* de 24/07/1987

*Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa* de 10/12/1987.

*Jornal do Brasil* de 13/06/1988;

*O Dia* de 05/07/1988

*Beijo da Rua*, nº1, de 1989.

*Jornal do Brasil*, 09/04/1995

*O Dia*, 03/01/1996 (“O fim da Vila Mimosa”)

*O Globo*, 04/01/1996 (“Moradores da Praça da Bandeira protestam contra prostitutas: Cerca de cem moradores fecharam a Radial Oeste por trinta minutos...”)

*A Notícia*, 04/01/1996 (“Algumas prostitutas foram morar na Praça da Bandeira”)

*Jornal do Brasil*, 04/01/1996 (“Nova Vila encontra resistências: Cerca de quarenta prostitutas enfrentaram moradores...”)

*Tribuna da Imprensa*, 04/01/1996 (“Maia acaba com Vila Mimosa e cria nova polêmica”)

*O Dia*, 04/01/1996 (“Revolta contra nova Vila Mimosa: Moradores xingam prefeito por causa da mudança das prostitutas para a Praça da Bandeira”)

*Jornal do Brasil*, 05/01/1996 (“Comissão de moradores da Praça da Bandeira entregou abaixo assinado com mais de 600 assinaturas ao vereador José Moraes (PFL)”)

*A Notícia*, 05/01/1996 (“Na Sotero dos Reis, moradores revoltados dificultaram a retirada dos móveis dos caminhões: ‘não sabemos se elas vieram só para guardar os móveis ou vão se estabelecer aqui’”)

*Le Monde*, 06/01/1996 (“Le demenagement spectaculaire des prostituées de Rio”)





Conselho Brasileiro  
de Manejo Florestal  
FSC Brasil



PRIMEIRA EDITORA NEUTRA EM CARBONO DO BRASIL

Título conferido pela OSCIP PRIMA ([www.prima.org.br](http://www.prima.org.br))  
após a implementação de um Programa Socioambiental  
com vistas à ecoeficiência e ao plantio de árvores referentes  
à neutralização das emissões dos GEE's – Gases do Efeito Estufa.



[www.editora.uff.br](http://www.editora.uff.br)

Este livro foi composto na fonte ITC Cheltenham, corpo 10.  
Impresso na Flama Ramos Acabamento e Manuseio Gráfico Ltda., em  
Papéis Reciclados 75g. (miolo) e Cartão Supremo 250 gramas (capa),  
produzido em harmonia com o meio ambiente.  
Esta edição foi impressa em fevereiro de 2010.